



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL

DOUGLAS SOUZA DOS SANTOS

**TERRITORIALIDADES DOS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO
MUNICÍPIO DE PALMAS – TO.**

PORTO NACIONAL
2019

DOUGLAS SOUZA DOS SANTOS

TERRITORIALIDADES DOS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO
MUNICÍPIO DE PALMAS – TO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, campus Porto Nacional, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Ensino de Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Machado Rocha
Busch Pereira

PORTO NACIONAL
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S237t Santos, Douglas Souza dos.
TERRITORIALIDADES DOS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO
MÉDIO DO MUNICÍPIO DE PALMAS – TO. / Douglas Souza dos Santos. –
Porto Nacional, TO, 2019.
148 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação
(Mestrado) em Geografia, 2019.
Orientadora : Carolina Machado Rocha Busch Pereira

1. Territorialidade; 2. Ensino de Geografia. 3. Escola. 4. Jovem-
Estudante. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

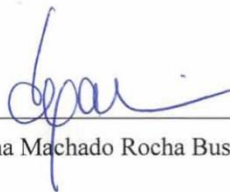
DOUGLAS SOUZA DOS SANTOS

**TERRITORIALIDADES DOS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO
MÉDIO DO MUNICÍPIO DE PALMAS – TO**

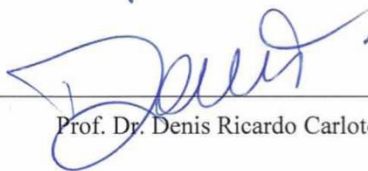
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Geografia e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 25/03/2019

Banca Examinadora:



Prof. Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira (Orientadora), UFT



Prof. Dr. Denis Ricardo Carloto, UFT



Prof. Dra. Vera Lúcia Aires Gomes da Silva, UFT

Porto Nacional – TO
2019

AGRADECIMENTOS

Dos agradecimentos, primeiramente a Deus, por fornecer forças em todos os momentos da minha vida e de minha família.

Aos meus pais Dona Maiza e seu Valdino, guerreiros de muitas fases, de todos os momentos por fornecer e ensinar amor, carinho, empatia, educação e respeito.

A minha linda pessoa Ana Beatriz, mulher importantíssima na minha vida, sempre ao lado, me ensinando, e acompanhando com intensa sabedoria, amizade, amor e tudo.

À minha filha Maiza Beatriz, que me ensinou que amor não se compra e nem tem medidas.

Aos meus irmãos Danilo e Daniele pela paciência, companheirismo e irmandade.

Aos amigos de minha vida, são de contar nos dedos, mas são amigos!

À Professora Doutora Carolina, orientadora em todos os sentidos, referência profissional e pessoal para minha pessoa.

A Secretaria Estadual do Estado do Tocantins, por permitir a intensidade na pesquisa.

Aos colegas e amigos do Mestrado em Geografia, incluindo a todos que tenho admiração.

Aos jovens estudantes do terceiro ano do ensino médio, que participaram e colaboraram nas diferentes fases da pesquisa, desde as apresentações, grupo focal, risos e aprendizados.

Aos professores do Mestrado, por todos os ensinamentos que foi de suma importância para minha vida acadêmica e pessoal.

A Universidade Federal do Tocantins – Campus de Porto Nacional.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Ao longo do trabalho docente, a percepção da juventude e sua relação com o ambiente escolar, sempre se fez presente nas inquietações dos discentes, à medida que essa relação pressupõe uma identidade que os jovens imprimem no seu ambiente escolar. Muitas das vezes essa relação se dá com certa dificuldade onde há a percepção de atritos constantes entre os jovens estudantes e a Escola. No entanto, essa identidade, se constitui fora e dentro da escola, já que as territorialidades desses mesmos jovens estão nessa inter-relação entre o que vem de fora, e o que eles vivenciam no ambiente escolar. Nesse sentido, a presente pesquisa tem por objetivo, investigar as territorialidades dos jovens, especificamente as territorialidades da escola pública estadual CEM Santa Rita de Cássia, situada na cidade de Palmas, estado do Tocantins. Partindo desse recorte teórico e prático, pretende-se compreender quem são estes jovens estudantes, e seus pontos de vista sobre a escola e o ensino de Geografia, buscando identificar quais são as práticas espaciais dos jovens estudantes. Os sujeitos da pesquisa são os jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio da escola estadual CEM Santa Rita de Cássia. Os procedimentos metodológicos basearam-se na pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e trabalhos de campo. Entre os diferentes métodos e práticas realizados, a coleta de dados, observação e registro fotográfico de diferentes espaços escolares, aplicação de questionários, entrevistas estruturadas e semi-esturadas pelo grupo focal, finalizando com a confecção de mapas mentais pelos jovens-estudantes da escola pesquisada. Em relação à pesquisa bibliográfica pretende-se compreender a categoria juventude, a formação dos territórios, as práticas espaciais, e a constituição de territorialidades. Procurou-se compreender as relações entre os jovens estudantes e a escola, além de entender os sentidos que os jovens estudantes tem do Ensino de Geografia. Através da compreensão dessas territorialidades dos jovens no espaço escolar, foi possível conhecer os sujeitos que atuam na sua produção, especificamente, os jovens estudantes, como sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem, ao trazer seus saberes e culturas na constituição do espaço escolar. A respeito destas contribuições, foi possível estabelecer que as realidades que esses jovens vivenciam no seu cotidiano e trazendo-as na contextualização com as categorias da ciência geográfica, faz com que esses jovens tenham uma leitura geográfica de suas realidades para compor os instrumentos necessários na compreensão do papel da geografia em suas vidas.

Palavras-chave: Territorialidade; Ensino de Geografia; Escola; Jovem-Estudante.

ABSTRACT

Along of the teaching work, the perception and the relationship of the youth with the school environment have been always present as a concern among the students, as this relationship presupposes an identity that the youth imprint to the environment in which he is. Sometimes this relationship doesn't go without a certain difficulty, as often is seen in the constant conflicts between the youth and the school. However, this identity constitutes itself inside and outside the school, because the student's territoriality is also constituted in this interrelation between what comes from their outside surroundings, and what they experience in the school environment. In this sense, the present research aims to investigate the youth territorialities, precisely the ones from the public school CEM Santa Rita de Cássia, located in the city of Palmas, Tocantins. The study also aims to understand who these young students are and what are their points of view about the school and the Geography course. In this context, it also seeks to identify what are the spacial practices of the students. The target population is composed of young students from the 3rd year of the high school in the CEM Santa Rita de Cássia. The methodological instruments are bibliographic, documentary and field research. Data was collected from the observation and from photography records of different school spaces, the application of surveys, the use of structured and unstructured interviews within focus groups, as well as the production of mental maps by the students of the school. Bibliographic research aimed to comprehend the youth segment, the formation of territories, the spacial practices and the constitution of the territorialities. It also sought to understand the relationship between the students and the school, and how the students make sense of Geography teaching. Through the comprehension of the youth territorialities in the school space, the study elucidated that the subjects that intervene in its production, namely the young students, are active subjects in the teaching and learning process, as they bring their knowledge and culture to the constitution of the school space. In regards to these contributions, the study concluded that the realities that these young students experiment in the daily life, in the contexts of geographic categories that they learn, make them to develop a geographic interpretation of their realities and make them able to put together the necessary instruments to understand the role of Geography.

Keywords: Territoriality, Geography learning, School, Young Student.

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Banco Digital de Teses e Dissertações.
DRE	Delegacia Regional de Ensino.
CEM	Centro de Ensino Médio.
DCN's	Diretrizes Curriculares Nacionais.
EAD	Educação à Distância.
EJA	Educação de Jovens e Adultos.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
LDB	Lei de Diretrizes e Bases.
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais.
PEE	Programa Especial de Educação.
PPP	Projeto Político Pedagógico.
SEDUC-TO	Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Tocantins.
SEVOP	Secretaria de Vistoria de Obras do Município.
USP	Universidade de São Paulo.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos jovens estudantes pesquisados por turma.	62
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do CEM - Santa Rita de Cássia, Palmas - TO.....	14
Figura 2 - Localização do CEM - Santa Rita de Cássia, Palmas - TO.....	15
Figura 3 - Entrada de Jovens estudantes no CEM - Santa Rita de Cássia, Palmas - TO.....	15
Figura 4 - Mapa Representativo da distribuição estudante/bairro.	80
Figura 5 - Diferentes formas de mobilidade à escola: Imagem A e B jovens estudantes utilizando transporte coletivo. Imagem C – Jovens estudantes locomovendo sem o uso de veículo.	82
Figura 6 - Jovens estudantes na biblioteca (imagem acima). Jovens estudantes em sala de aula (imagem abaixo).....	83
Figura 7 - Imagem A e B - Movimentações e diferentes práticas espaciais no pátio escolar. .	87
Figura 8 - Diferentes usos da Quadra de Esportes (Aplicação de Xadrez Humano).....	89
Figura 9 - Atividades na sala de aula. A – Professor em aula. B – Interrupção da aula para entrega de lanches em sala de aula.	94
Figura 10 - Atividades na biblioteca da escola.....	95
Figura 11 - Reuniões de jovens estudantes no pátio ao lado da biblioteca.	98
Figura 12 - Produção de Mapas Mentais pelos jovens estudantes.	107
Figura 13 – Espaços da escola representados no Mapa mental do grupo 01.....	108
Figura 14 - Espaços da escola representados no Mapa mental do grupo 02.	110
Figura 15 - Espaços da escola representados no Mapa mental do grupo 03.	112
Figura 16 - Espaços da escola representados no Mapa mental do grupo 04.	114
Figura 17 - Inforgráfico sobre três palavras que lembra Geografia.	117
Figura 18 - Representações virtuais de aprendizagem em Geografia. Imagem A – Página do Youtube.	121

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição por Sexo.....	63
Gráfico 2 - Distribuição dos participantes por idade.....	64
Gráfico 3 - Distribuição quanto a Cor/Etnia.....	64
Gráfico 4 - Distribuição quanto à Religião.....	65
Gráfico 5 - Gosto musical.....	66
Gráfico 6 - Rede Social que mais utiliza.....	68
Gráfico 7 - Tipo de residência onde mora.....	70
Gráfico 8 - Distribuição por Renda Familiar.....	71
Gráfico 9 - Participação econômica dos entrevistados na Renda Familiar.....	72
Gráfico 10 - Qual grupo social que mais convive/valoriza.....	73
Gráfico 11 - Cursos que gostariam de fazer.....	77
Gráfico 12 - Bairros dos participantes.....	79
Gráfico 13 - Meio utilizado para ir à escola.....	81
Gráfico 14 - Espaços que os jovens estudantes mais apreciam.....	85
Gráfico 15 - Em quais momentos que você utiliza os espaços.....	96
Gráfico 16 - Espaços da escola em que os jovens estudantes menos apreciam.....	99
Gráfico 17 - Práticas espaciais fora do estudo e trabalho.....	105
Gráfico 18 - Com relação à Geografia.....	115
Gráfico 19 - Onde é mais possível aprender Geografia além da sala de aula.....	121
Gráfico 20 - Horas de estudos além da sala de aula.....	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS	30
1.1 Território.....	30
1.2 Territorialidade e Práticas Espaciais.....	36
CAPÍTULO 2 JUVENTUDE, JOVENS ESCOLARES E O ENSINO DE GEOGRAFIA	43
2.1 Juventude, Juventudes: sociabilidades e condições juvenis	43
2.2 Juventudes e Família: relações, sentidos e mutações	51
2.3 Juventudes e Ensino de Geografia, embates e construções	54
CAPÍTULO 3 AS ESPACIALIDADES DOS JOVENS NA ESCOLA	62
3.1 Quem são os jovens estudantes entrevistados?	62
3.2 Jovens estudantes e os espaços da Escola	79
3.3 Mapas Mentais, práticas espaciais e territorialidades dos jovens estudantes	106
3.4 Jovens estudantes e a Geografia.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERENCIAS	129
APÊNDICE A - Termo para Instituição	138
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	139
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais ou Responsáveis	141
APÊNDICE D – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	143
APÊNDICE E – Modelo do Questionário a ser utilizado.	145
Questionário Socioeconômico, Cultural e Espacial do Jovem Estudante	145

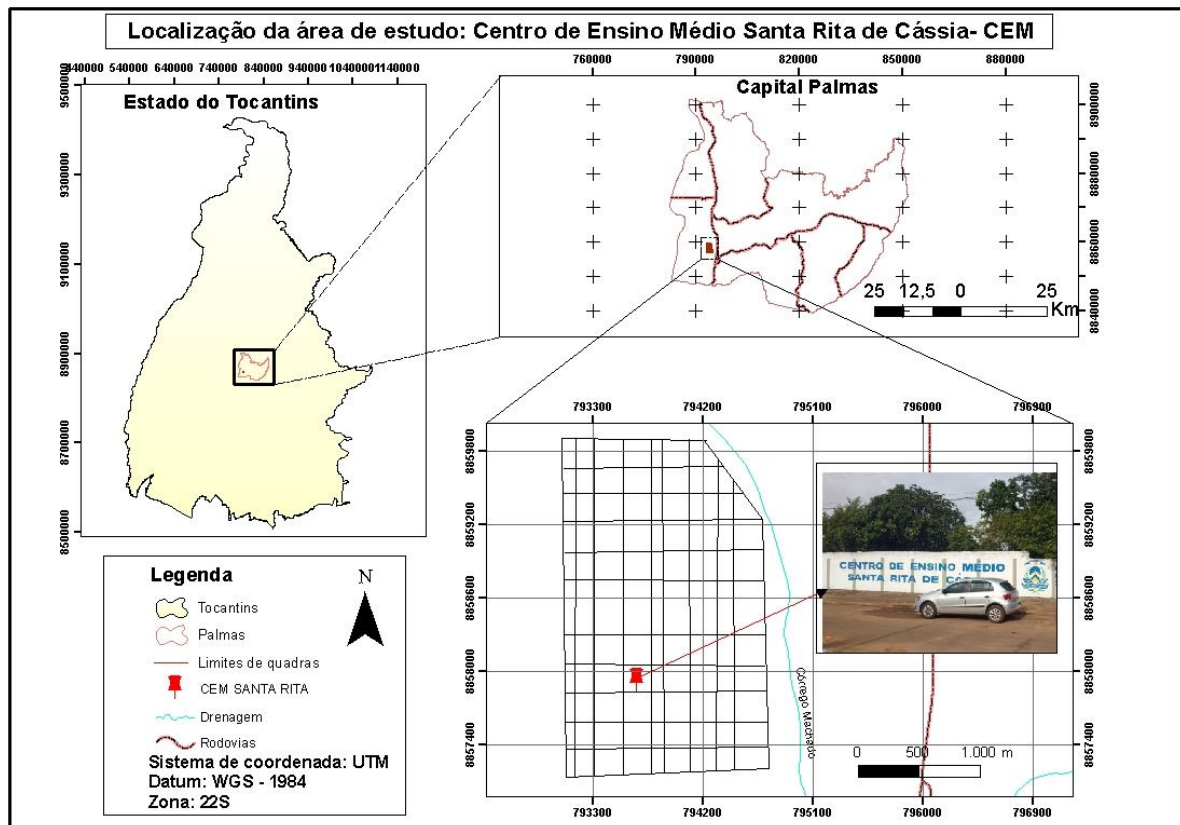
INTRODUÇÃO

Para situar o leitor, oferecemos uma breve apresentação sobre a área de estudo, com informação sobre a escola, sua localização, histórico, e o público alvo. Dessa forma temos uma contextualização da comunidade que faz parte dessa pesquisa.

A Cidade de Palmas, no Estado do Tocantins, segundo as estimativas do IBGE em 2018, tem uma população estimada de 291.855 habitantes, com uma extensão territorial de 2.219 km². A sua composição territorial é pertencente à Mesorregião Ocidental, situada na Microrregião Central do Estado do Tocantins. A sede municipal apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 10°10'34,1" de latitude Sul 48° 19' 49,6" de longitude a Oeste de Greenwich.

Das informações obtidas através da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Tocantins (SEDUC-TO), no ano de 2017, foram registradas 204 (duzentos e quatro) unidades escolares em atividade no Município de Palmas, das quais, 30 (trinta) são unidades de ensino que pertencem a rede pública estadual, e, destas trinta unidades, apenas 05 (cinco) escolas da rede estadual são totalmente específicas para o Ensino Médio, sendo denominadas como CEM - Centro de Ensino Médio. As demais escolas da rede estadual, são consideradas mistas, ou seja, no seu estabelecimento de ensino tem os níveis de Ensino Fundamental e Médio, ou apenas o Ensino Fundamental. Em se tratando da nossa pesquisa, das cinco escolas específicas ao público de ensino médio, foi escolhida 01 (uma) escola para a apreensão da pesquisa, o motivo está relacionado ao cronograma do processo de pesquisa, e à própria amplitude de informações, o que poderia ocasionar num resultado mais generalista, não seguindo os objetivos propostos.

Figura 1 - Mapa de localização do CEM - Santa Rita de Cássia, Palmas - TO.



Fonte: Marcelo Divino Ribeiro Pereira (2019).

Como já foi citado, dentro desse recorte espacial, foi escolhida apenas uma escola, situada na região sul da capital do espaço urbano de Palmas. Ela é denominada CEM Santa Rita de Cássia.

A seguir apresentaremos um breve histórico da escola pesquisada, as suas intermediações na periferia, seus projetos aos estudantes, e como foram subdividas as suas turmas.

O presente estabelecimento de ensino, que tem como nome Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia, situa-se na Rua Minas Gerais nº 01 no Bairro Jardim Aurenly I. Criada em 1991, ocupa uma área de 5.213,82 m². Também é uma escola de fundamental importância para o atendimento da região. A seguir, a localização da unidade de ensino e suas intermediações, conforme as Figuras 02 e 03.

Figura 2 - Localização do CEM - Santa Rita de Cássia, Palmas - TO.



Fonte: Google Maps. Modificado pelo autor: Douglas Souza dos Santos (2018).

Figura 3 - Entrada de Jovens estudantes no CEM - Santa Rita de Cássia, Palmas - TO.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

As dependências, estão divididas em 24 salas de aula, 01 sala da Secretaria, 01 Sala da Coordenação Pedagógica, 01 sala da Orientação Educacional, 01 laboratório de informática, 01 laboratório de matemática, 01 biblioteca com acervo de 15.516 exemplares, 03 salas de múltiplo uso, 02 salas para docentes e demais dependências pedagógicas e administrativas.

Quanto ao quadro de alunos que estudam na Escola temos um número que chega a 1776¹ alunos matriculados no Ensino Médio em 2018, subdivididos em alunos do Ensino Médio

¹ Informações obtidas na escola sobre a quantidade de estudantes matriculados até o mês de março de 2018.

Regular e alunos da EJA-Ensino Médio². Todos esses alunos matriculados no Ensino Regular estão subdivididos em 3 períodos com a seguinte distribuição de turmas/quadro de matrícula:

- Matutino: 24 turmas;
- Vespertino: 16 turmas;
- Noturno: 07 turmas.

Com relação ao período de funcionamento, vai de segunda a sexta, com os seguintes turnos e horários:

- No turno Matutino, inicia às 07h:30min e termina às 11h50 min;
- No turno Vespertino, inicia às 13h30min e termina às 17h50 min;
- No turno Noturno, inicia às 18h50min e termina às 22h10 min.

A metodologia apresentada pelo CEM Santa Rita de Cássia está ligada ao seguinte enunciado: Promover a constante humanização do educando.

De acordo com o seu projeto político pedagógico, o Centro de Ensino Médio (CEM) Santa Rita de Cássia foi resultado do processo de reivindicações da associação de moradores do bairro Aurenny I, liderados pelo seu então presidente, o Sr. João do Valle, no ano de 1990. O motivo para a reivindicação era que a única escola existente na região durante aquela época a Escola Municipal Luiz Rodrigues, não suportava a grande demanda de alunos. Com isso, conseguiram como espaço de estudo, um barracão abandonado pela antiga SEVOP (Secretaria de Vistoria de Obras do Município), que aos poucos foi se tornando aquele espaço físico tão desejado para a ampliação de uma outra escola, que passou a funcionar com um horário de atendimento das 07 da manhã às 14 horas.

Quando ocorreu o funcionamento pleno da Escola, teve que se pensar num nome para a escola. A escolha do nome Escola Santa Rita de Cássia, era que na época, a então mulher do governador do recente estado do Tocantins, Aurenny Siqueira Campos³ era devota de Santa Rita de Cássia. Para a organização da escola, foi escolhida a então diretora Maria de Lourdes, que assumiu as atividades no dia 08 de abril de 1991, sob a lei de criação nº 328 de 10 de dezembro de 1991.

A escola contava com aproximadamente 300 alunos e permaneceu com suas instalações provisórias até 1992, quando foi construído um novo prédio, pois as instalações

² O público alvo da escola pesquisada, são os jovens estudantes do Ensino Médio Regular, que estudam entre os turnos matutino e vespertino, quanto a justificativa para não inserir os estudantes do EJA-Ensino Médio da Escola Pesquisada, corresponde a distorção quanto aos resultados de pesquisa, e quanto aos estudantes da modalidade EJA-Ensino Médio ficará para uma próspera pesquisa a fazer.

³ Aurenny Siqueira Campos, era esposa de Siqueira Campos, que governou o Estados do Tocantins nos seguintes mandatos: 1989-1991, 1995-1998, 1999-2002 e 2011-2014.

antigas possuíam apenas 8 turmas, de 1ª à 6ª série do ensino fundamental, e uma biblioteca que funcionava com apenas alguns livros doados pela Secretaria de Educação. A reforma proporcionou o aumento do número de salas para 12 (doze), permitindo assim, que fosse incluído também o Ensino Médio.

Em 2005 a Escola Santa Rita de Cássia, na administração da diretora Maira Aparecida Leal Pimenta, deixa de ser uma escola mista, ou seja, de atender estudantes do Ensino Fundamental e Médio, e passa a dedicar especificamente alunos de Ensino Médio, o que levou a modificação de sua nomenclatura para CEM Santa Rita de Cássia.

A escola pesquisada mencionou no seu Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) quanto as ações aos jovens alunos que são o seu público, destacando como seu objetivo geral o dever de “aprimorar a qualidade do ensino, estimular a participação da comunidade, nas atividades da escola, fortalecendo a gestão participativa”. Para tanto, várias ações são implementadas no intuito de se buscar o sucesso escolar, indo além da simples aprendizagem dos mesmos.

Quando observamos, e fazemos a leitura das ações inseridas no Projeto Político Pedagógico (PPP, 2017, p. 69), refletimos que, em relação aos jovens alunos o intuito foi de “elevar o nível de desenvolvimento dos alunos, priorizando a superação das deficiências de aprendizagem”. Eis algumas dessas principais ações:

- a) Palestra sobre o Meio Ambiente (ocorrido no mês de maio);
- b) Palestra sobre os Direitos Humanos (ocorrido no mês de maio);
- c) Realização de Festival de Música e Arte (ocorrido no mês de maio);
- d) Projeto Diversidade e Cidadania: O natural é ser diferente (ocorrido entre os meses de março a junho);
- e) Projeto sobre Diversidades (ocorrido entre os meses de maio a dezembro);
- f) Festival de Música Inglesa (ocorrido nos meses de junho e dezembro);
- g) Ações de sensibilização sobre Educação Inclusiva (ocorrido nos meses de maio e dezembro);
- h) Aula de Campo sobre Urbanização e Turismo (ocorrido nos meses de agosto e novembro);
- i) Eleições e reuniões com Líderes de Turma (ocorrido no mês de fevereiro);
- j) Jogos Interclasse (ocorrido nos meses de maio e novembro);
- k) Gincana sobre História e Cultura Afro-brasileira (ocorrido no mês de novembro);
- l) Estudos sobre Proteção do Patrimônio Público (ocorrido nos meses de abril e dezembro);

No seu Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia (2017, p. 32), a estruturação do espaço escolar – salas de aula, pátio, biblioteca, laboratórios, videoteca, quadra poliesportiva e demais espaços coletivos são de fundamental importância para a concretização das práticas pedagógicas e da convivência social,

Conhecer o que o aluno sabe e o que ele não sabe é o primeiro passo para melhorar o processo de ensino e aprendizagem, tarefa esta que constitui um desafio para o educador. Lacunas de aprendizagem causadas por ausência de pré-requisitos contribuem para ampliar as dificuldades de aprendizagem e isto se torna ainda mais grave quando o aprendiz não tem consciência destas lacunas e não sabe identificá-las. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CEM – SANTA RITA DE CÁSSIA, 2017, p. 33)

Outro ponto a ser comentado é que um dos lemas da Escola está em promover a constante humanização do educando, preparando-o para ser um cidadão atuante e apto para enfrentar os desafios da sociedade contemporânea.

Os estudantes estão representados pelo grêmio estudantil da unidade escolar, sendo que o seu estatuto tem como objetivo dispor a zelar pelos direitos e deveres do corpo discente da escola, bem como promover atividades pedagógicas, culturais e sociais para a construção de uma juventude consciente, democrática e cidadã. Há cada dois anos ocorre o processo de eleição do Grêmio Estudantil, sendo o próximo previsto para o ano de 2019.

A representatividade dos estudantes se faz também através dos líderes de turmas, do professor conselheiro e por grupos de protagonismo juvenil. Os líderes de turmas e professores conselheiros são articuladores entre estudantes, direção, coordenação e pais. Estes assessoram a comunicação na escola, na organização de eventos e desenvolvimento de projetos, bem como a permanência e o sucesso dos estudantes na escola.

Os estudantes são estimulados a participarem de grupos de protagonismo juvenil através de desenvolvimento de projetos temáticos como: meio ambiente, preconceito, drogas e sexualidade. Anualmente os grupos são reestruturados com ações que interferem no comportamento e aprendizagem dos estudantes. Esses grupos são acompanhados por professores, coordenadores e voluntários que juntos desenvolvem ações positivas na escola e comunidade.

Após apresentarmos o *lôcus* de estudo, fica a necessidade de referenciar a proposta da pesquisa, para entendermos as relações entre os jovens estudantes e os espaço escolar. Para tanto, torna-se imprescindível correlacionar a ciência geográfica e esclarecer os motivos da pesquisa nesta outra seção da apresentação.

A Geografia é a ciência que estuda as interações, entre os seres humanos e seus espaços (AMARAL, 2017). Diante desta explanação, torna-se pertinente além de entender as interações entre os jovens estudantes com a escola que estudam, compreender as suas particularidades no objetivo de conhecer quem são os jovens, o que buscam na escola, qual o sentido para eles da escola, e qual o significado das experiências vivenciadas pelos jovens no espaço escolar.

Estas explicações são fruto da minha experiência como professor de Geografia nas escolas de ensino fundamental e médio, e que busca compreender os sentidos que os jovens têm da escola. Durante o trabalho, compreendia que os jovens constituíam as suas identidades e diferenças, observando os diferentes meios que eles apropriam do espaço escolar, tanto dentro da escola, quanto nas suas intermediações para distintos fins, seja para sociabilizar, seja para formar e/ou agregar mais grupos, suas relações refletidas tanto nas animosidades, preocupações, quanto aos conflitos, e suas relações com os demais sujeitos da escola, que além dos professores, relacionavam com o porteiro, a coordenação, direção, auxiliares de serviços gerais.

Dessa forma, a partir dessas observações iniciais sobre os jovens estudantes, e na tentativa de identificar o que tinham de semelhanças e diferenças, tanto para si, quanto para a escola, surgiu o interesse de investigar mais “de perto” os jovens estudantes, desde as suas dinâmicas, pluralidades e singularidades, e suas relações com a escola e intermediações.

Nesse sentido, o estudo que se propõe esta pesquisa, perpassa a compreensão do que é a juventude na contemporaneidade. Para tanto, é preciso identificar as diversidades e contextualidades da juventude, que, como bem aponta Cassab (2015, p. 139) “não existe apenas um tipo de juventude, mas juventudes, que assumem diferentes expressões de acordo com as condições culturais e materiais que as rodeiam”. Portanto, se faz pertinente pensar a escola como campo de desempenho dos jovens em sala de aula, mas também, de compreender a diversidade própria dos grupos de jovens. De acordo com Vanderlei (2018, p. 15), a juventude é “diversificada em função do contexto social repleto de transformações, principalmente no que diz respeito ao acesso à informação”.

Nos estudos iniciais sobre as relações entre escola e juventude, particularmente, na década de 1980, Dayrell (2002) esclarece que as análises sobre a vida escolar dos estudantes, limitaram-se às dimensões estritamente pedagógicas (currículo, ensino, aprendizagem e resultados), considerando as experiências educativas sob a ótica da instrução, além de não dá relevância quanto aos tempos e espaços. Não se levaram em conta, portanto, os atores dessas práticas nem a multiplicidade de processos formativos que são vividos nos diversos espaços e tempos escolares. Diante disso, dessa compreensão naturalizada da escola e de tudo que ela

envolve, a percepção da escola e dos elementos que a caracterizam, como construção social, passou despercebida, imersa numa lógica construída a partir de escolhas socialmente determinadas, que acabam por configurar um determinado projeto político pedagógico. E, com isso, os jovens, subsumidos no papel de alunos, acabaram não se tornando objetos de investigação por parte dos pesquisadores. Tinha-se uma compreensão da instituição escolar e sua relação com a sociedade, mas não se obtivera um real conhecimento dos jovens atores que a frequenta.

Mediante tal situação, Dayrell (1996) ao propor o texto “a escola como espaço sociocultural” com o objetivo de resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui enquanto instituição. Para tanto, compreendendo sob ótica da cultura, levou em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por agentes, desde as juventudes que estudam e professores, e funcionários que criam interações, legitimando como seres humanos concretos, ativos numa relação em contínua construção de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas, sujeitos sociais e históricos, presentes na história e atores da história.

Neste espaço, segundo Ezpeleta e Rockwell (1986 *apud* Dayrell, 1996) a instituição escolar seria o resultado de um confronto de interesses: de um lado, uma organização oficial do sistema escolar, que define conteúdos da tarefa central, atribui funções, organiza, separa e hierarquiza o espaço, a fim de diferenciar trabalhos, definindo idealmente, assim, as relações sociais e, de outro, os sujeitos, alunos, professores, funcionários, que criam uma trama própria de inter-relações, fazendo da escola um processo permanente de construção social.

Estas tramas cristalizadas, aplicaria em apreender a escola como construção social e implicaria em compreende-la no seu fazer cotidiano, “onde os sujeitos não são apenas agentes passíveis diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas” (DAYRELL, 1996, p. 137).

Assim, em seu espaço geral, a instituição escolar apresenta uma dupla dimensão, na qual Ezpeleta e Rockwell (1986, *apud* DAYRELL 1996, p. 137) define que:

Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediana, no cotidiano, pela apropriação, elaboração, reelaboração ou repulsa expressa pelos sujeitos sociais.

Na percepção de Dayrell (1996, p. 137) há um confronto entre a reprodução do velho e a possibilidade da construção do novo, na qual nenhum dos lados querem buscar um meio mais coerente diante dos desafios presentes a todo o momento no espaço escolar e na educação. Mediante isto, o autor utilizou uma abordagem com o intuito de apreender os processos reais, cotidianos, que ocorrem no interior da escola, ao mesmo tempo que resgata o papel ativo dos sujeitos, na vida social e escolar.

Isto significa que, ao observarmos as distintas interações entre os jovens estudantes no cotidiano escolar, particularmente sobre a movimentação dos jovens estudantes na escola, percebe-se que “[...] a escola é essencialmente um espaço coletivo de relações grupais. O pátio e os corredores materializam a convivência rotineira de pessoas” (DAYRELL, 1996, p. 148). Assim, para Dayrell (1996) a escola se manifesta como um espaço de encontro, onde as distintas formas das relações entre os sujeitos variam, dependendo do momento em que ocorrem (seja fora ou dentro da escola, fora ou dentro da sala de aula, no pátio, quadra de esportes, corredor, recreio, além da entrada e a saída) e assumem características distintas de acordo com a situação. Dayrell (1996), compreende que apesar da escola apresentar como um espaço de encontro, ela não potencializa quanto à sua arquitetura, seu planejamento, e o uso do tempo.

Este é apenas um dos exemplos sobre as interações dos jovens estudantes com a escola, e como eles re-significam os espaços. Diante das impressões a respeito dos jovens estudantes e a instituição escolar, particularmente no Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia, torna-se pertinente entender quais são e como se dão as práticas espaciais dos jovens estudantes no espaço escolar, e dentre as práticas espaciais, como são constituídas as territorialidades, que acompanham a dinâmica da própria escola, seja para atuar nas definições que a escola almeja, seja para apropriar os espaços da escola e constituir as suas relações de sociabilidades.

Diante do exposto é preciso reconhecer que, para Cavalcanti (2013a, p. 80) os jovens são vistos como agentes do processo de produção e reprodução do espaço, e que, através do cotidiano, “fazem parte dos fluxos, dos deslocamentos, da construção de territórios; criam demandas; compõem paisagens; imprimem identidades e dão movimento aos lugares”. Portanto, é necessário entender as juventudes e as individualidades do jovem, na sua diversidade, ou seja, entender as juventudes (as práticas, os conteúdos de suas representações, à sua inserção/pertencimento social, ao gênero, a raças e etnias.), e, também, conceber o jovem (no caso o jovem estudante), nas múltiplas dimensões de um mesmo ser social.

Quando se fala em espaço, especificamente o dos jovens, Cassab (2015, p. 139) afirma que “a juventude produz espaço e é igualmente condicionada pelas formas em que esse espaço é socialmente produzido e organizado”. É a partir da produção e organização do espaço que se

formam essas juventudes diferentes, onde apresentam linguagens, gostos, músicas, comportamentos e culturas diferentes. Enquanto educadores, é preciso conhecer as diversas culturas juvenis para assim entendê-los melhor e contribuir mais com sua formação.

Cavalcanti (2015, p. 13) afirma que “conhecer o aluno e, nesse caso específico, os jovens escolares, deveria ser uma preocupação central de qualquer professor”. Assim, nas suas complexidades e diversidades das juventudes que se inserem e frequentam as escolas e salas de aulas no ensino médio, Cavalcanti (2012, p. 116) acrescenta que são através das compreensões práticas espaciais dos jovens, que será possível reconhecê-los como produtores do espaço, da geografia.

Na compreensão sobre as práticas espaciais dos jovens estudantes nos espaços escolares, entende-se que os sujeitos sociais dão vida ao espaço, e os jovens estudantes, acabam por vezes, atribuindo novas funções aos espaços da escola (BATISTA e SILVA, 2016, p. 175-176). Assim, segundo Batista e Silva (2016) não é conveniente tomar a prática espacial como um fragmento da prática social, que, apesar da prática espacial ser uma prática social, deve-se compreender que as práticas espaciais são práticas sociais de um tipo particular. Assim, ao compreendermos as práticas espaciais dos jovens estudantes, compreendemos a juventude nos seus aspectos gerais e nas suas particularidades.

Na perspectiva de Pires (2016, p. 112), quanto aos jovens e o uso e ocupação dos espaços públicos, particularmente a escola pública, afirma que “é no espaço público que se busca compreender a inserção do jovem na cidade”, significando a real necessidade dos jovens em experimentarem a condição juvenil nos espaços públicos (particularmente na escola, pode ser exemplificado a quadra de esportes, o corredor, o portão de acesso à escola, além da sala de aula e o pátio, etc.) seja para passear, conversar, encontrar pessoas, organizar e demarcar territórios.

A escola pública como instituição do Estado organiza o seu espaço e constitui uma territorialidade, nela, o objetivo com os jovens é estabelecer o acesso ao ensino aprendizagem e ao mesmo tempo delimitar os espaços e o tempo que a constitui. Quando os jovens estudantes, apropriam do espaço escolar, criam meios de ressignificá-los, constituindo suas territorialidades, por exemplo:

[...] o recreio é o momento de encontro por excelência, além de ser o da alimentação. Os alunos de diferentes turmas se misturam, formando grupos de interesse. Enquanto uns merendam, outros, quase sempre rapazes, sentam-se sobre as mesas do pátio. Alguns grupos de moças ficam andando por ali, num *footing* pelo pátio. Alguns ficam em sala ou pelos corredores em pequenos grupos. É também comum haver grupos menores nas salas jogando truco. É o momento da fruição da afetividade, quando os

alunos ficam mais soltos, conversam, discutem, paqueram (DAYRELL, 1996, p. 148-149).

De acordo com Raffestin (1993, p. 150) “toda prática espacial, mesmo embrionária, induzida por um sistema de ações ou de comportamentos se traduz por uma produção territorial”. Para tanto, Raffestin (1993, p. 143) afirma que o território é formado por sujeitos e/ou grupos sociais que “ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço”. Assim, o território não está vinculado necessariamente pelo Estado, significando que outros sujeitos podem constituir territórios, ou seja, “do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que "produzem" o território. [...] Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem ‘territórios’” (RAFFESTIN, 1993, p. 152).

Na perspectiva de Bonnemaison (2002) sobre território e territorialidade, o território é um conjunto de lugares hierarquizados e conectados por uma rede de itinerários, construindo assim, a territorialidade que é constituída através das relações socioculturais que o grupo mantém com estes lugares hierarquizados, os fixos e os itinerários, através do movimento.

Neste sentido, o objetivo principal desta pesquisa foi orientado pelo interesse em conhecer as territorialidades dos jovens estudantes do Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia no município de Palmas – TO.

Territorialidades, que pode ser compreendida segundo Fuini (2014, p. 233) como “deslocamentos e itinerários de grupos e indivíduos que remetem a vínculos de identidade, podendo variar em dias da semana, horários de um mesmo dia (territorialidade cíclicas ou transitórias)”, e que pode ser “utilizado para referenciar as práticas espaciais de grupos de indivíduos em espaços urbanos”.

Para Saquet (2007, p. 129) a territorialidade é “o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho [...] da escola, etc., resultado e determinante do processo de produção de cada território, de cada lugar”. Através das territorialidades dos jovens estudantes, que são múltiplas, torna-se possível analisar seus espaços de vivência, suas atividades cotidianas no espaço escolar, além de descortinar através das mesmas territorialidades, quais são os espaços que desagregam os seus sujeitos.

Assim, para Saquet (2009, p. 185) “o território e as territorialidades são entendidos como resultado e condição do movimento, envolvendo a materialização espacial da sociedade e a dinâmica da natureza exterior ao homem”. Que através dos territórios, revelam “a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos

sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos e relações” (SAQUET, 2007, p. 129).

Para que as discussões não tomem grandes amplitudes se faz necessário restringir a reflexão aos jovens estudantes do Centro de Ensino Médio Santa Rita e suas relações com o ensino de Geografia. Nesse sentido, partiu-se da seguinte problemática: Quais são as práticas espaciais dos jovens estudantes do Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia no município de Palmas? No que diferenciam e se assemelham? Qual a relação dessas práticas cotidianas espaciais com os estudos sobre territorialidades?

Como objetivo geral da pesquisa, procura-se investigar as territorialidades dos jovens estudantes do Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia no município de Palmas – TO. Para tanto, pretende-se refletir sobre a categoria território e territorialidade nos estudos geográficos como base teórica da pesquisa, mas também compreender a relação dos jovens escolares com a escola e com o ensino de Geografia, identificando as práticas espaciais dos jovens estudantes do ensino médio do CEM Santa Rita de Cássia no município de Palmas – TO e espacializar as práticas espaciais dos jovens estudantes do CEM Santa Rita de Cássia no município de Palmas - TO.

Muitos foram os caminhos percorridos até aqui, para que fossem apresentados o desenvolvimento e os resultados da respectiva pesquisa, no intuito de demonstrar como se deu os processos para atingir os objetivos propostos, seus delineamentos, buscando trazer a verossimilhança dos fatos apresentados.

Para tanto, fez-se necessário procurar informações para que se alcançasse respostas aos nossos questionamentos. Dos diversos caminhos metodológicos a abordagem qualitativa tem a sua relevância já que corresponde a discursos mais prudentes e transparentes dos objetivos propostos, que segundo Oliveira (2008, p. 08) descreve “o pesquisador qualitativo pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos”. Esta abordagem qualitativa dá voz aos sujeitos pesquisados trabalhando detalhadamente sobre o seu contexto socioespacial, suas realidades, suas pluralidades.

Assim, completou-se à abordagem qualitativa a pesquisa participante, permitindo que, através da pesquisa participante as distâncias entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa fosse diminuída, na interpretação da realidade da vida cotidiana dos sujeitos do processo, de suas individualidades e coletividades, nas suas diferentes dimensões e interação, suas vidas reais, experiências reais (BRANDÃO; BORGES, 2007). Assim, através da pesquisa participante os

“pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes” (BRANDÃO, 1999, p. 11).

O trabalho de campo se configura num importante trabalho, à medida que, de acordo com o raciocínio de Batista e Silva (2016b) promove as observações *in loco* no espaço escolar com o intento de capturar as práticas espaciais ali realizadas pelos sujeitos que atribuem vida ao espaço – com foco principal no jovem estudante.

Para Flick (2009b, p. 16) “vários são os caminhos metodológicos, ao tratar dos aspectos essenciais da pesquisa qualitativa, na construção social das realidades em estudo, nas interpretações das perspectivas dos participantes, na compreensão de suas práticas cotidianas”. Para tanto, as técnicas usadas no desenvolvimento da pesquisa, foram a coleta de dados, a pesquisa bibliográfica, questionário, entrevista e produção de mapas mentais. A pesquisa foi desenvolvida em três momentos: a) estudo bibliográfico e elaboração do questionário; b) aplicação do questionário, entrevista com o grupo focal e confecção de mapas mentais pelo grupo focal e; c) análise e discussão dos dados coletados.

O estudo bibliográfico, não menos importante, remete a busca por autores que discutem a concepção dos conceitos territórios, territorialidades, práticas espaciais, ensino de Geografia e juventudes.

O estudo bibliográfico foi de suma importância, auxiliou na construção de toda argumentação teórica que ofertou o suporte necessário capaz de dar respostas a problemática que foi levantada, dando sentido ao tratamento e dados levantados durante a pesquisa de campo, relacionando-os aos teóricos que nortearam o nosso trabalho.

Durante o levantamento bibliográfico foram utilizadas dissertações e teses relativas aos eixos analíticos disponibilizados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD, artigos disponíveis em Revistas Eletrônicas e livros.

Na elaboração do questionário foi utilizado dois modelos de perguntas baseados na Dissertação de Mestrado de Vanderlei (2018) e na Tese de Doutorado de Batista e Silva (2016), com algumas adaptações, no propósito de adequar aos objetivos da pesquisa. O questionário foi elaborado com perguntas estruturadas e semiestruturadas, divididas em três partes.

A primeira parte teve como interesse a busca de extrair informações sobre os jovens estudantes pesquisados, na construção do perfil dos jovens participantes. Dentre os questionamentos: qual gênero; idade; cor ou raça; qual religião segue; renda familiar; se tem alguma participação econômica do grupo familiar; tipo de residências onde mora; qual grupo social pertence; qual grupo social valoriza; qual gênero musical gosta; qual rede social mais

utiliza; qual a prática espacial que costuma fazer no tempo livre (fora estudo ou trabalho); sobre ser jovem; qual curso/carreira pretende estudar;

A segunda parte teve como interesse compreender a juventude pela dimensão espacial, através de suas vivências e pelas diversas formas que eles fazem no/do/pelo CEM Santa Rita de Cássia e sua cidade. Assim, dos questionamentos a saber: a quanto tempo estuda na escola; qual bairro mora; como faz para chegar à escola; os espaços da escola que mais gosta; os momentos que usufrui dos espaços da escola que mais gosta; os espaços da escola que menos gosta; quais atividades que realizam nos espaços da escola e com quem; quais os pontos positivos e negativos sobre as trocas de sala durante as aulas; costumam frequentar a escola fora do horário das aulas, em quais lugares e quais atividades; encontram com colegas de sala/escola fora do espaço escolar; onde encontram com os colegas fora da escola e quais atividades; o que a escola significa; por que a escolha de estudar no CEM Santa Rita de Cássia.

A terceira parte do questionário, buscou-se compreender os sentidos que os jovens atribuem no ensino de Geografia: qual a relação com a disciplina de Geografia; quais são as três principais palavras que relaciona à Geografia; o que a Geografia significa; quanto tempo de estudo, além da sala de aula se dedica; onde mais, além da sala de aula com o professor, é possível aprender Geografia; o que os professores significam.

Estas três partes possibilitaram compreender o perfil dos jovens estudantes e suas pluralidades “na tentativa de uma aproximação entre o pesquisador e o pesquisado, valorizando a relação entre ambos e privilegiando os aspectos qualitativos dos resultados obtidos” (VANDERLEI, 2018, p. 28).

Brandão (2007, p. 54-55) partilha importantes princípios dos quais: “Os processos [...] e os diferentes sujeitos sociais devem ser contextualizados em sua dimensão histórica, pois são momentos da vida [...]” explicando as dimensões e interações da realidade social, que não é algo simples e acabado, e ao momento que o pesquisador acaba assumindo um compromisso social e político.

Todo esse levantamento permitiu ao pesquisador estabelecer esse vínculo jovens estudantes e escola, para tentar compreender dos mesmos, suas próprias espacialidades, condições, situações e como constroem a realidade em que atuam.

A partir daqui, passou-se para a pesquisa de campo e observação da relação do jovem estudante, com seus pares da escola, e com a escola, sendo aplicada por meio de entrevistas semiestruturadas na escola da Rede Estadual de Ensino Médio de Palmas – TO, o Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia com 1776 estudantes matriculados.

Com relação as entrevistas concedidas pelos jovens estudantes, o recorte do objeto foram os jovens do 3º ano do ensino médio da escola, sob a justificativa que os jovens entrevistados, atravessaram todo o ensino médio, ou seja, estudaram na escola durante o 1º, 2º e o 3º ano, que representa a etapa final do ensino médio. Nisto, os jovens dos 3º anos período matutino e vespertino, tem uma totalidade de 271 matrículas representando nove turmas (07 no período matutino e 02 no período vespertino). Foram selecionados cerca 20% desta totalidade para efetuar as entrevistas de cunho estruturado e semiestruturado, com 60 jovens estudantes, representados pelo período matutino e vespertino. Após, as primeiras entrevistas, 12 jovens foram convidados para a próxima etapa da entrevista sob a técnica do grupo focal.

Para Gondim (2002) os grupos focais, caracteriza-se numa técnica de investigação que permite a um determinado grupo, guiado por um moderador, alcançar níveis de compreensão e aprofundamento acerca de uma determinada temática, e contribuirá na pesquisa sobre os olhares e vozes dos jovens-estudantes do Ensino Médio pesquisados.

Abramovay (2015, p. 49) considera o grupo focal como uma adequada técnica de pesquisar para buscar respostas aos “porquês” e “como” dos comportamentos sociais. É uma fonte de informação para entender as atitudes, crenças e os valores de um grupo ou de uma comunidade relacionada aos aspectos específicos que se quer estudar. Essa técnica transformou-se em um dos principais instrumentos dos métodos de “indagação rápida”, desenvolvida para obter uma informação em profundidade e que possibilite dar resposta em curto prazo às indagações sugeridas em campo.

O grupo focal dessa pesquisa foi realizado através do convite aos sujeitos da escola que compuseram a pesquisa, ou seja, dos 60 jovens entrevistados. Neste grupo focal, participaram 12 (doze) jovens estudantes do 3º ano do ensino médio da escola pesquisada, 06 (seis) do período matutino e 06 (seis) do período vespertino. Estes, ao participarem do grupo focal, conheceram o propósito da pesquisa, autorizaram as entrevistas e tiveram as suas identidades preservadas, na qual substituímos os seus nomes por nomenclaturas que foram: Participante A, Participante B, Participante C, Participante D, Participante E, Participante F, Participante G, Participante H, Participante I, Participante J, Participante K, Participante L.

O grupo focal teve como base um roteiro pré-determinado composto de questões semi-estruturadas. Ocorreram 6 (seis) encontros entre os dias 09 de novembro de 2018 à 30 de novembro de 2018, com os jovens das quais, os temas discutidos pelos jovens-estudantes foram: juventudes, escola, ensino de geografia, lugares, cidade.

Em cada encontro com o grupo focal, foram gravadas com a autorização dos entrevistados, na qual os jovens-estudantes estavam previamente informados das intenções de

encontro, a sua importância, riscos e benefícios para a participação da pesquisa. Assim, efetuamos as discussões e opiniões sobre os assuntos citados. Com certeza, estes foram os momentos fundamentais do nosso trabalho, pois os grupos de jovens-estudantes puderam assumir voz enquanto coletivo e construíram importantes discussões sobre as temáticas por nós levantadas.

Para Poupart (2012, p. 217), o processo de entrevista torna-se “indispensável, [...] como um instrumento que permite elucidar suas condutas, na medida em que estas só podem ser interpretadas, considerando-se a própria perspectiva dos atores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas ações”.

Nos dois últimos encontros com o grupo focal, além das discussões a respeito das temáticas citadas anteriormente, os jovens foram convidados a elaborar e confeccionarem mapas mentais, na qual foi dividido em quatro grupos para que os mesmos jovens entrevistados espacializarem através mapas mentais os seus cotidianos com a escola.

Para Richter (2011, p. 18) o mapa mental “como um recurso permite a construção de uma expressão gráfica mais livre”, na qual o estudante tem a oportunidade de transpor as suas interpretações a respeito de um determinado lugar e ou na construção de uma compreensão espacial do cotidiano.

Concluída esta etapa da pesquisa, passou-se para a análise das informações obtidas por meio das técnicas utilizadas e confrontados com os teóricos que discutem o assunto. Mediante a obtenção dos dados coletados, tem-se a análise dos resultados, observações e conclusões, apresentados no texto final da pesquisa.

Desta relação entre os dados coletados da pesquisa qualitativa e o pesquisador, torna-se de suma importância ao pesquisador compreender que “analisar os dados qualitativos significa ‘trabalhar’ todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 45). Assim, através destas informações tem-se a construção da pesquisa sob a base teórica do estudo e a evidência empírica.

Esta pesquisa não pretende ser uma conclusão fechada sobre o respectivo assunto, já que é um estudo pontual, apresentando uma realidade específica de seus sujeitos e a escola, e, se trabalhada em uma outra realidade, outros sujeitos e escola, possivelmente terá um resultado diferente.

Fischer (2007) alerta sobre aos perigos que o pesquisador poderá ter quando se propõe a realização de uma pesquisa, pois, as suas escolhas estão centradas nas questões éticas, das interações entre o pesquisador e o pesquisado, além da busca por respostas ou verdades. Assim:

[...] deve-se pensar nos perigos a enfrentar, pois nossas escolhas de pesquisa são éticas, são sempre de algum modo políticas. Então, diante de uma folha em branco, de um projeto que teima por vezes, desesperadamente, em não ser escrito, talvez um bom começo seja perguntar-nos: que perigos a Educação enfrenta ou precisaria enfrentar, precisamos hoje, agora? (FISCHER, 2007, p. 52)

As escolhas de um determinado assunto para uma pesquisa, traz uma importante reflexão sobre nossa vida, principalmente quando deparamos com os sujeitos da pesquisa que são os jovens estudantes, e as suas diferentes práticas espaciais que estabelecem cotidianamente com e na escola, na compreensão das juventudes e seus sentidos pela dimensão espacial.

Durante a realização desta pesquisa foram tomados os cuidados éticos necessários, no sentido de se respeitar o participante, a sua liberdade de participação, permitindo ao mesmo a recusa de participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa.

Mesmo após a explicação que justificou a importância da pesquisa, da totalidade convidada, contamos com apenas 60 (sessenta) participantes. Ressalta-se que todas as etapas foram realizadas mantendo o sigilo e a privacidade dos participantes. Como a pesquisa inclui ser humano, está cadastrada no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins e foram respeitados todos os procedimentos de acordo com as exigências legais.

Para tanto, foi apresentado o termo para Instituição da pesquisa (ver apêndice A) e os seguintes Termos: Termo de Consentimento – quando maior de idade (ver apêndice B); Termo de Consentimento para os responsáveis – quando participantes menores de idade (ver apêndice C); e Termo de Assentimento – quando participantes menores de idade (ver apêndice D).

CAPÍTULO 1 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

Como toda a categoria na Geografia, território e territorialidade apresentam uma amplitude de seus conceitos, que se destacam e variam conforme os autores e suas contextualidades, que podem se complementar ou discordar. Assim, a discussão sobre territórios e territorialidades tornam-se instrumentos indispensáveis, na compreensão da pluralidade das juventudes. Através dessas categorias que são pertinentes para compreender as espacialidades dos jovens estudantes na escola, e suas intermediações, por meio de suas práticas espaciais e redes de sociabilidade.

1.1 Território

O conceito de território é discutido em diversas áreas do conhecimento, segundo a lógica de suas respectivas perspectivas, como por exemplo a Ciência Política que enfatiza a construção do território a partir das relações de poder, enquanto a Economia percebe o território como um fator locacional ou como uma base de produção. Já a Antropologia destaca a sua dimensão simbólica, enquanto a Sociologia analisa o território a partir das relações sociais, e a Psicologia, incorpora o território no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal (HAESBAERT, 2006).

É na Geografia que o território ganha uma centralidade, sendo reconhecido como importante categoria de análise, sendo debatido por diferentes correntes geográficas e autores que apresentam distintos conceitos no intuito de interpretar as realidades em questão.

Para efeito da pesquisa, “uma das principais associações que a ciência geográfica estabelece é entre território e o exercício de poder” (FUINI, 2014, p. 229). Assim, pela perspectiva de Raffestin (1993, p. 143) considerando que o território é formado por sujeitos e/ou grupos sociais que “ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço”.

Neste sentido, os sujeitos e os grupos sociais territorializam o espaço, ou pela ação concreta ou mesmo pela representação, na qual está relacionado aos grupos sociais, e que, segundo Amaral (2017, p. 36) sugere “os grupos existem a partir do espaço que eles territorializam, ou seja, todos grupos sociais são territoriais porque produzem ações que os tornam grupos sociais, independentemente da escala espacial ou temporal”.

Assim para Raffestin (1993), o território é um espaço projetado por um trabalho, pela energia e informação, e que, por consequência, revela as relações de poder. Com relação ao espaço, é visto por Raffestin (1993) como sendo anterior ao território, na objetividade de citar que o espaço não deixa de ser espaço mesmo sendo apropriado e tornado território por diversos sujeitos e situações, pois:

O espaço é, portanto, anterior, preexistente a qualquer ação. O espaço é, de certa forma, "dado" como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. "Local" de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Nesse sentido, Raffestin (1993) além de afirmar que o território é um espaço delimitado por e a partir de relações de poder, ao propor o território, o poder além de apresentar nas atuações do Estado, se encontra em outras instituições e relações sociais que efetivam a vida cotidiana: “Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que "produzem" o território. [...] Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem ‘territórios’” (RAFFESTIN, 1993, p. 152).

Para Turra Neto (2001, p. 213)

Território, envolveria assim, necessariamente, um espaço apropriado por um grupo, como forma de se constituir e de se manter como grupo em relação a outros grupos. Envolveria o estabelecimento de uma relação de inclusão e de exclusão e de comunicação dos limites através de algum sinal reconhecível pelos grupos que se colocam no jogo de negociação por espaço.

Para Costa (2008, p. 181) o território é constituído por relações de poder, e esta que muda no decorrer do tempo e dos sujeitos ou grupos que o apropriam, na qual “está clara a proposição da ênfase relacional ao território, à possibilidade de percebê-lo como dinâmico e não estático, uma vez que pontua o processo de territorialização”.

Na perspectiva de Fernandes (2009, p. 67) quando justifica a importância da categoria território à Geografia, esclarece que:

Esse olhar do geógrafo permite contribuir para um melhor entendimento da relação da sociedade com seu espaço, flexibiliza a noção do conceito de território, privilegia o cotidiano das pessoas que “vivem e consomem” a cidade. Território, nesse sentido, é uma ferramenta conceitual para entendermos as relações de poder que se projetam no espaço em todos os níveis e escalas possíveis.

Já de acordo com uma abordagem cultural, Bonnemaision (2002, p. 287) define que o território, antes de ser fronteira, “ é um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários [...]. No interior desse espaço, os grupos e as etnias vivem uma certa ligação entre o enraizamento e as viagens”.

Bonnemaision (2002, p. 289), acrescenta que o território é constituído como espaço social e espaço cultural. Envolvendo que no campo social do território, ele é produzido pelas relações sociais, em termos de elementos de organização, da política, da economia e de produção, enquanto no campo cultural é concebido, na qual exprime a relação simbólica entre a cultura e o espaço, na qual o seu espaço cultural é vivenciado, na significação e relação simbólica.

Para Holzer (1997 *apud* TURRA NETO, 2000, p. 90) na sua perspectiva fenomenológica, o território não necessita ser necessariamente um espaço delimitado, fechado e contínuo, além de não ser o resultado de uma ação deliberada cujo os objetivos no território são o domínio e o controle sobre coisas e pessoas. Nesse sentido o território que tem como base o lugar é denominado como:

[...] um conjunto de lugares e itinerários refere-se aos comportamentos de mobilidade e fixação, enquanto dimensões da relação do grupo com o seu território, uma relação que é espontânea, necessária à sobrevivência material e cultural do grupo, ainda que traga implícita a dimensão do domínio sobre o território, frente a outros grupos (HOLZER, 1997 *apud* TURRA NETO, 2000, p. 90).

Na interlocução entre as perspectivas territoriais da Geografia e da Antropologia, de acordo com Godelier:

[...] o que reivindica uma sociedade ao se apropriar de um território é o acesso, o controle e o uso, tanto das realidades visíveis quanto dos poderes invisíveis que os compõem, e que parecem partilhar o domínio das condições de reprodução da vida dos homens, tanto a deles própria quanto a dos recursos dos quais eles dependem (GODELIER 1984 *apud* ARAÚJO e HAESBAERT, 2007, p. 39).

Haesbaert (2007) apresenta a importância de compreender sobre o conceito de território, no intuito de entender o que vem a ser territorialidades e os modos de apropriação do espaço, de territorialização dos sujeitos.

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo - especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no "temtorium" são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por outro lado, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva 'apropriação' (HAESBAERT, 2007, p. 20).

Haesbaert (2006) menciona que não há uma uniformidade do conceito de território quando está diante de diferentes desafios, abordagens e entendimentos, entretanto, há três perspectivas fundamentais nas quais o território é compreendido: a econômica, a política e a cultural. Para tanto, a releitura do território está no interior desta última concepção, priorizando uma dimensão mais simbólica e subjetiva do território, como produto da apropriação e valorização simbólica por um grupo ao espaço o qual se insere.

Haesbaert (2009, p. 119) considera que as perspectivas não devem ser vistas isoladamente, devido a concepção de território sempre esteve mais próxima das ideias de controle, dominação e apropriação (políticos e/ou simbólicos) do que da ideia de uso ou de função econômica.

Diante das diferentes perspectivas para entender o território a partir das relações de poder, Haesbaert (1997) em concordância com Lefebvre, apresenta um inter-relação simultânea do poder político (vinculado a ideia de dominação, que seria mais explícito, funcional, concreta, vinculado ao valor de troca, de gestão do território por meio do trabalho) e do poder simbólico (vinculado a apropriação, ao valor de uso, mais implícito, baseado nas marcas do vivido, de territórios múltiplos, relacionado a complexidade das relações cotidianas, ligado aos sujeitos que produzem significados e identidades com o território):

O território envolve sempre, ao mesmo tempo [...], uma dimensão simbólica, cultural, por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1997, p. 42).

No esforço de se entender que o território é um espaço apropriado por sujeitos e grupos, para Porto-Gonçalves (2002, p. 230), toda apropriação é ao mesmo tempo material e simbólica, assim:

A sociedade se territorializa sendo o território sua condição de existência material. É preciso recuperar essa dimensão material sobretudo nesse momento como o que vivemos em que se dá cada vez mais importância à dimensão simbólica, quase sempre de modo unilateral, como se o simbólico se opusesse ao material. [...] E aqui não se admite uma distinção, tão cara ao pensamento dualista dicotomizante, entre o material e o simbólico. Consideramos, ao contrário, que os homens e mulheres só se apropriam daquilo que faz sentido; só se apropriam daquilo a que atribuem uma significação e, assim, toda apropriação material é, ao mesmo tempo, simbólica.

A partir do momento que os jovens fazem os seus percursos de suas residências até a escola, por exemplo, percebem que há locais que são pertinentes para apropriá-los e torná-lo

um de seus territórios, pois em seus imaginários, estes locais passam a ser referências a seus grupos e serem reconhecidos e identificados por outros grupos. Estes territórios:

[...] são constituídos como parte indissociável de processo identitário quando a identidade propuganada, pelo juízo valorativo constituído em determinada relação inter-discursiva (sentido) e por circunstâncias históricas bem definidas (significado), importa na necessidade estratégica de – face ao intuito de reconhecimento / legitimação social (interna e externa) – ser afirmada sob modalidade que remeta a um acontecimento originário [...] a identidade desse modo objetivada como uma relação sacra entre similares, adquire o caráter de arquétipo fora do tempo, consequentemente instituindo-se isenta da possibilidade de juízo e compreensão racional e, assim, fundamentando seu “poder simbólico” (ARAÚJO e HAESBAERT, 2007, p. 31-32).

Quando os jovens de um mesmo grupo se encontram em distintos lugares, e nestes lugares ficam em um curto período de tempo, há entre eles uma formação de território, pois os membros, já criaram as suas relações territoriais que podem ultrapassar tanto o espaço quanto o tempo, e Turra Neto (2001, p. 112) transcreve: “O território em questão surge quando o grupo se reúne e se desfaz quando o grupo se dispersa”.

São várias formas que os jovens estudantes inscrevem seu território, que além do encontro, cria-se entre eles um meio fraterno de estarem em grupo, além de manifestarem entre os membros o sentimento de segurança, quando são expostos aos demais territórios e sujeitos. E Turra Neto (2001, p. 117) quando fez o percurso com os seus sujeitos de análise:

[...] Andávamos pela feira, ainda com o garrafão de vinho e foi então que percebi como é circular com punks por entre uma multidão. As pessoas vão olhando meio espantadas e abrindo espaço, num misto de curiosidade e medo. Neste momento percebi que os/as punks pouco se importam com a reação das pessoas, o que importa mesmo é ficar junto, estar no grupo. Experimentei o sentimento de segurança que o grupo proporciona. Foi uma relação de cuidar do outro, de protegê-lo e de se sentir bem ali, no grupo. Neste percurso, no meio da feira, o caminhar criava território, delimitando o círculo do grupo e o diferenciando das demais pessoas daquela feira de domingo (TURRA NETO, 2001, p. 117).

Nas observações atribuídas às diferentes ações nos locais promovidas pelos jovens estudantes em questão, há uma grande semelhança à formação e conceito de território proposto por Souza (2000, p. 87):

Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos [...] podem [...] formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido [...] ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular, mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo.

Souza (2000, p. 86) define o território já diferenciado de espaço, em que o território é visto como “um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre ‘nós’ (o grupo, os membros da coletividade ou comunidade) e os ‘outros’”.

O autor apesar de considerar que os territórios são definidos por e a partir de relações de poder, reconhece a importância do território relacionado as ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço (SOUZA 1995 *apud* TURRA NETO 2000). Mediante as distintas conceituações sobre a categoria território, o conceito que dialoga com a situação da pesquisa e aos sujeitos da pesquisa, é o conceito proposto por Turra Neto (2001, p. 213) que:

[...] chama de “territórios flexíveis”: aqueles que são antes temporários que permanentes, que podem construir-se e dissipar-se em escalas micros e em espaços de tempo relativamente rápidos. Portanto, não falo de território no sentido de área jurídica de um estado nação, o que já deve ter ficado claro desde o início, falo de micro-territórios, formados pelo processo de apropriação do espaço urbano, em determinados momentos do dia, ou em certos períodos de tempo, com certa regularidade, por grupos urbanos que estabelecem nestes espaços apropriados – para o encontro, a diversão, reuniões etc. – seus territórios.

A importância da apropriação do espaço e a relação do/no território para os sujeitos, particularmente aos jovens estudantes do CEM Santa Rita de Cássia, corresponde com a perspectiva de Guattari (1985 *apud* TURRA NETO, 2001) que através de uma abordagem humanística, distingue espaço de território:

Os territórios estariam ligados a uma ordem de subjetivação individual e coletiva e o espaço estando ligado mais às relações funcionais de toda espécie. O espaço funciona como uma referência extrínseca em relação aos objetos que contém. Ao passo que o território funciona em uma relação intrínseca com a subjetividade que o delimita (GUATTARI, 1985 *apud* TURRA NETO, 2001, p. 214).

Na perspectiva de Haesbaert (2006) sobre a dimensão simbólica e cultural na construção do território, tem semelhanças com a afirmação de Guattari (1986) sobre a identificação que os sujeitos e grupos desenvolvem com os seus espaços vividos.

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa' (GUATTARI 1986 *apud* HAESBAERT, 2006, p. 121).

Com espaços públicos cada vez mais escassos, e a necessidade de constituição de territórios, é preciso entender que o território, não é só uma condição para a produção de uma subjetividade singular, mas também, na sua relação com processos de negociação de espaços, de estabelecimento de limites entre os de dentro e os de fora, na relação com a alteridade

mediada pelo espaço. Uma dimensão não exclui a outra, ambas estão juntas no processo de definição de territórios e de construção de identidades (TURRA NETO, 2001, p. 215).

Produto e produtor de identidade, o território não é apenas um ‘ter’, mediador de relações de poder (político-econômico) onde o domínio sobre parcelas concretas do espaço é uma dimensão mais visível. O território compõe também o ‘ser’ de cada grupo social, por mais que a sua cartografia seja reticulada, sobreposta e/ou descontínua. Ao mesmo tempo prisão e liberdade, lugar e rede, fronteira e ‘coração’, o território de identidade pode ser uma prisão que esconde e oprime ou uma rede que abre e conecta e um ‘coração’ que emana poesia e novos significados (HAESBAERT, 1999 apud TURRA NETO, 2001, p. 215).

Para Toledo (2016, p. 05) “o que funda estes territórios é a interação diária entre os sujeitos e a relação destes com o espaço, incorporando o que chamamos de territorialidade, estreitamente ligada ao modo como os indivíduos utilizam, organizam e dão significado ao espaço que habitam”.

1.2 Territorialidade e Práticas Espaciais

Sobre territorialidade, há vários conceitos, sendo considerado desde uma simples interação dos sujeitos ao território apropriado. Entretanto, as conceituações sobre territorialidade são diversas, apresentaremos os conceitos pertinentes de territorialidade no objetivo de relacionar aos sujeitos de pesquisa em questão, no caso, os jovens estudantes do Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia.

No entendimento de como seria construída a territorialidade, agregamos a perspectiva inicial de Raffestin (1993), quando apresenta que a territorialidade é formada pelas relações de poder (existenciais e de produção) que se estabelecem no interior dos territórios.

Raffestin (1993, p. 158-159) quando apresenta que a territorialidade é formada pelas relações de poder, que se estabelecem no interior dos territórios, desde que “se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais”.

Neste sentido, Raffestin (1993, p. 160) define a territorialidade “como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo, em vias de atingir autonomia possível, compatível aos recursos do sistema”, a territorialidade é dinâmica, pois possui a soma das relações mantidas por um sujeito com o seu meio.

Na perspectiva de Sack (1986 apud TOLEDO, 2017) a territorialidade tem como base o poder, podendo operar em diversas escalas, na qual pode ser considerado que a territorialidade

é uma forma de controlar e restringir acessos e ações, desde uma residência à uma nação, e que através da territorialidade pode compreender o território.

A territorialidade para os humanos é uma poderosa estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas ao controlar a área. Territórios políticos e a propriedade privada da terra podem ser as formas mais familiares, mas a territorialidade ocorre em graus variados em numerosos contextos sociais. Ela é usada nas relações do dia a dia e em organizações complexas. Territorialidade é uma expressão geográfica primária do poder social. É o meio pelo qual o espaço e sociedade se inter-relacionam. As mudanças de funções da territorialidade nos ajudam a entender as relações históricas entre sociedade, espaço e tempo (SACK, 1986, p. 05 *apud* TOLEDO, 2017, p. 30).

Fuini (2014, p. 233) apresenta que a territorialidade tem múltiplas concepções, que além de ser reconhecida como “a ação de poder e sentimento de pertencimento alimentado por um indivíduo, grupo ou instituição em dado espaço”, a territorialidade pode ser considerada como cíclica ou transitória, na qual os “deslocamentos e itinerários de grupos e indivíduos que remetem a vínculos de identidade, podendo variar em dias da semana, horários de um mesmo dia”. Nisto em um determinado local aonde foi estabelecido o território por “grupos diferentes que podem conceber territorialidades a partir de um mesmo local” (FUINI, 2014, p. 233).

Um ponto a destacar sobre a territorialidade, segundo Paula (2016, p. 34-35) é sobre sua construção, que “não é entendida e considerada apenas por meio da atuação e do poder dos agentes hegemônicos, como o Estado ou as grandes empresas capitalistas. Ela se estende até o nível das práticas cotidianas”, no entendimento em que as manifestações de poder no território podem ser pertencentes a diferentes grupos e sujeitos, particularmente os jovens estudantes em questão.

Estas práticas estão relacionadas nas ações produzidas cotidianamente, a exemplo de relações diárias de trabalho, com o não trabalho, com a família, com a escola, configurando-se na territorialidade (SAQUET, 2007).

Na definição de Saquet (2007, p. 129):

A territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho, do lazer, da igreja, da família, da escola etc., resultado e determinante do processo de produção de cada território, de cada lugar; é múltipla e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos e relações.

Saquet (2009, p. 08) compreende a territorialidade “como um processo de relações sociais, tanto econômicas, como políticas e culturais de um indivíduo ou grupo social”. Entende-se que, nas relações cotidianas, as territorialidades são elementos fundamentais na

produção de territórios de cada pessoa ou grupo social em seus distintos lugares, esse processo denominado como territorialização, pode ser entendida como “resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida cotidiana” (SAQUET, 2009, p. 08).

Com relação dos sujeitos ao constituírem as suas territorialidades, Little (2002, p. 03) entende a territorialidade como um “esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-se assim em seu território.”

A territorialidade é uma força latente em qualquer grupo, cuja manifestação explícita depende de contingências históricas. O fato de que em território surge diretamente das condutas de territorialidade de um grupo social implica qualquer território é um produto histórico de processos sociais e políticos (LITTLE, 2002, p. 03).

Na interação dos jovens estudantes com os distintos territórios, na qual constituem as territorialidades, estes territórios apropriados, torna-se um local de encontro com jovens de outras territorialidades. Assim, na interação social dos jovens em diferentes territorialidades, quando encontram jovens de realidades e territórios distintos, criam novas relações (conflituosa, harmoniosa ou ambas), laços marcantes em um ambiente que todos têm o seu valor, falam, escutam e criam novas territorialidades.

Esses territórios são também possibilidades de construções sócio-culturais que dilatam os espaços dos e-jovens para outras fronteiras, múltiplas e descontínuas de tempo e espaço. O território deixa de ser físico, geográfico, tornando-se cultural, espaço vivido numa dimensão globalizante, no qual os e-jovens se cartografam e vivenciam determinados valores, trocam ideias, fazem novas escolhas, ampliam as redes de contatos, experimentam outros gostos e afetos. (SILVA, 2013. p. 49)

Na interação de território e territorialidade Amaral (2017, p. 40) afirma que:

O território é produto do seu tempo, uma vez que se constitui na relação entre os seres humanos e o espaço, essa interação acontece no espaço social, que por sua vez é tornado território. A territorialidade é o vínculo criado e cultivado culturalmente entre os membros de determinados grupos sociais num território que é fortalecida no meio de situações comuns da vida, com os conflitos e contradições.

Os jovens estudantes são sujeitos sociais ativos, através de suas práticas espaciais cotidianas entre seus lares e a escola, criam um itinerário que através de suas distintas mobilidades, observam e percebem lugares propícios para tornarem territórios, usam e sociabilizam nestes espaços, tanto o espaço público como praças, calçadas, terminal de ônibus, quanto outros espaços exemplificados como estabelecimentos comerciais (padaria, lanchonete, sorveteria) e a própria instituição escolar, para apropriá-los destes espaços e torna-los seus

territórios, e no interior deles, apresentam distintas relações de poder, entre elas a constituição de suas territorialidades, apresentando aos outros, as suas visibilidades, suas identidades.

Para Borges e Junior (2010, p. 05)

[...] de todas as análises apontadas podemos inferir, que as identidades territoriais surgem a partir de um processo de apropriação do homem pelo espaço, onde o mesmo estabelece uma relação de identificação e pertencimento tanto concreta quanto subjetivamente com o espaço criado por si e para si, a partir das territorializações. Em outras palavras, o homem constrói espaços para si, concreta e/ou subjetivamente, e estabelece relações de pertencimento e identificação.

Com o advento da globalização, e a complexa relação espaço-tempo, fazem com o que os jovens participem de diferentes territórios e conectam com os seus e diferentes sujeitos através das mídias sociais, a exemplo dos usos e mecanismos através da internet.

O aumento generalizado da mobilidade, nos mais diferentes níveis e setores da sociedade, faz com a identidade seja construída também, de forma crescente, no e com o movimento. Assim, os próprios referentes espaciais de identidades podem estar vinculados ao movimento, a “espaços em movimento”. Em parte como originalmente ocorria com grupos nômades, vivenciamos hoje a possibilidade de construir identidades territoriais na mobilidade, ou, se preferirmos, com a mobilidade (ARAÚJO; HAESBAERT 2007, p. 46-47).

Neste contexto, Araújo e Haesbaert (2007, p. 46) compreende sobre as dinâmicas culturais e das identidades territoriais e suas múltiplas formas de apropriação do território.

Assim, ocorre igualmente uma mutação nas formas da relação entre território e identidade, tanto no sentido território-identidade, porque a territorialização se tornou múltipla e complexa, afetando as nossas construções identitárias, quando no sentido identidade-território, pois os processos de identificação nunca foram tão mutáveis nem estiveram afetados por tamanha multiplicidade e/ou hibridismo cultural, repercutindo assim na intensificação do fenômeno que denominamos multiterritorialidade.

Segundo Araújo e Haesbaert (2007, p. 46) esta mobilidade crescente contribui “na constituição de territorialidades (ou melhor, processos de territorialização) também mais móveis e de caráter múltiplo – tanto no que se refere à sua constituição político-econômica quanto político cultural”.

Desse modo, de acordo com a compreensão de Bonnemaïson (2002) ao abordar o território como um conjunto de lugares hierarquizados e conectados por uma rede de itinerários, construindo assim, a territorialidade, neste caso identificada como a expressão de um comportamento vivido, englobando a relação do território com o espaço estrangeiro, incluindo aquilo que fixa o homem aos lugares que são seus e aquilo que o impele para fora do território, entre o fixo e o móvel, oscilando entre o que dá segurança e o que projeta liberdade.

Neste caso, a cidade e porque não, a própria escola, “pode ser vista como um mosaico de territórios estabelecidos de maneira simultânea e sobreposta, como uma teia de relações entre os grupos e indivíduos. O território destas relações será diferente em função do aspecto social a partir do qual tal território é constituído” (SILVA, 2000, p. 22).

De acordo com Raffestin (1993, p. 150) “toda prática espacial, mesmo embrionária, induzida por um sistema de ações ou de comportamentos se traduz por uma produção territorial”, na qual, as práticas espaciais têm uma essencial relação com o espaço, como possibilidade de uso, que preexiste a qualquer ação, ora dado como matéria-prima, objeto da ação, através da qual será tornado território (TURRA NETO, 2000).

As relações entre as práticas espaciais e a territorialidade, destacando as práticas espaciais dos jovens estudantes que são os sujeitos da pesquisa, situa-se em um local que cotidianamente foi frequentado pelos jovens estudantes, e perceberam naquele local, um importante espaço para constituir o seu território e posteriormente construir a sua territorialidade. De acordo com as concepções de territorialidade por Fuini (2014, p. 233) “atualmente é utilizado para referenciar práticas espaciais de grupos de indivíduos em espaços urbanos, como é o caso das territorialidades de movimentos culturais e artísticos, das tribos urbanas, das igrejas, da prostituição e do tráfico de drogas”.

São diversos os modos de prática espacial, pois confere todo o tipo de trabalho, ou técnica ao espaço geográfico, ou seja, na compreensão que as práticas espaciais produzem o e no espaço geográfico, desde estudar, trabalhar, caminhar a algum lugar, navegar na internet, ouvir música, encontrar amigos, namorar, deslocamentos a vários lugares, atividades estas ligadas a algum local, eventualmente ou cotidianamente, desde as idas ao shopping, igreja, praças, parques, festas, escola.

Na discussão de Correa (2000), o autor faz uma breve consideração sobre as práticas espaciais. Para o autor, estas são as práticas utilizadas pelo ser humano durante o processo infundável de organização do espaço, por meio das quais foram feitas, mantidas, dissolvidas e refeitas as formas e as interações espaciais.

Numa definição que aproxima à pesquisa, Correa (2000, p. 35) considera que as “práticas espaciais são [...] um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações espaciais”.

Para Lefebvre (1981 *apud* PAULA, 2013) quando analisa sobre a produção do espaço, toma a prática espacial como um elemento fundamental:

A prática espacial de uma sociedade secreta seu espaço, ela o põe e o supõe, numa interação dialética: ela o produz lenta e seguramente, dominando-o e dele se apropriando. [...] Ela associa estreitamente, no espaço percebido, a realidade cotidiana (o emprego do tempo) e a realidade urbana (os percursos e redes ligando os lugares do trabalho, da vida “privada”, dos lazeres) (LEFEBVRE 1981 *apud* PAULA, 2013, p. 87)

Paula (2013, p. 87-88) apresenta uma importante relação dos jovens e suas práticas espaciais:

[...] a análise da prática sócio-espacial cotidiana – entendida como movimento de produção/apropriação/reprodução da cidade que ocorre mediante a materialização das relações sociais envoltas numa relação espaço-tempo – permite identificar e conhecer os vários sujeitos que produzem a cidade e o espaço urbano. Dentre esses vários sujeitos, o jovem aparece como um dos produtores do espaço urbano e da cidade. Ao desenvolver suas práticas cotidianas, carregadas de símbolos, desejos e frustrações, ele cria territórios por meio de estratégias territoriais distintas permeadas de relações sociais, as quais representam interesses e apropriações diferenciadas em relação ao espaço.

Entretanto, vistos de maneira diferenciada as relações entre juventudes e práticas espaciais, Santos e Chaveiro (2016, p. 71) compreendem que esta correlação “é justificada por meio de um princípio teórico: não há prática espacial de sujeitos e grupos sociais fora do espaço. Tanto as práticas animam o espaço, quanto este interfere na vida do sujeito e dos grupos”.

Nos entendimentos de Batista e Silva (2016a, p. 111):

[...] as práticas espaciais contemporâneas compreendem o conjunto de atividades da realidade cotidiana dos sujeitos, as quais envolvem os locais utilizados para a moradia, trabalho, formação/educação, consumo de bens e de serviços e realização do lazer, além dos percursos e das redes que ligam esses lugares.

Assim, os jovens como sujeitos ativos e interativos de seu tempo, contribuem na produção do espaço, que através de suas distintas práticas espaciais, nos locais que frequentam, apropriam de territórios nos distintos espaços urbanos na cidade e da escola, e das interações promovem as suas territorialidades, inter-relacionam com outros grupos, sentem da necessidade que durante as continuidades de suas práticas espaciais buscarem novos espaços para territorializarem.

Na afirmação de Batista e Silva (2016a, p. 152):

Os sujeitos sociais que produzem e reproduzem o espaço urbano são, ao mesmo tempo, produtos dele. Estão embebidos da cultura urbana. Esses mesmos sujeitos ao frequentarem o espaço escolar transportam a realidade urbana vivida e percebida à escola. Trocando em miúdos, os indivíduos, por exemplo, os jovens, que em sua rotina diária produzem o espaço urbano, são os mesmos que produzem o espaço escolar. As escolas urbanas estão atravessadas pela cultura urbana, portanto, são espaços urbanos.

Paula (2013) compreende que os jovens através de suas territorialidades diversas, ora construídas intencionalmente ou não, tornam-se produtores do espaço urbano. E, “ao circularem pelos espaços das ruas, de praças, bares, clubes, escolas, igrejas, shoppings etc., eles realizam suas práticas espaciais, tecem redes de sociabilidade, demarcam territórios (PAULA, 2013, p. 90). Nas suas reflexões sobre as territorialidades juvenis e sua mobilidade pelos espaços e lugares da cidade, Cavalcanti (2013, p. 80) afirma:

É nessa teia que os jovens constituem suas múltiplas identidades (HALL, 1997). Num movimento dialético com a cidade, transformam-na e transformam-se constantemente, produzem espacialidades ao se produzirem, produzem e consomem culturas, produzem e consomem a cidade, constroem suas identidades e sua subjetividade com as condições dadas pela espacialidade urbana constituída e dominante, transformando-a em determinadas condições objetivas (CAVALCANTI, 2013, p. 80).

Nesta busca por novos “territórios”, percebem as distintas transformações no espaço urbano e na escola, percebendo em muitos casos, as desigualdades sócio-espaciais que ocorrem nos seus percursos, e dos mesmos percursos, encontram na escola um dos espaços para apropriarem, se socializarem entre os seus pares.

Entretanto, a escola é um importante espaço para o jovem sociabilizar, experimentar a sua condição juvenil, diante dos espaços e equipamentos públicos que são cada vez mais escassos de seu bairro, particularmente nas periferias das médias e grandes cidades, no caso o Bairro Aurenny I. Assim, as faltas de mais espaços e equipamentos públicos dificultam aos jovens vivenciarem a sua condição juvenil de maneira legitimada socialmente, de acordo com Pires (2016, p. 114):

Nesses espaços os jovens realizam diferentes práticas de experiência coletiva, de produção de subjetividades, de sociabilidades, de experimentação de sua individualidade e das múltiplas identidades consideradas necessárias ao convívio desses sujeitos nas suas várias esferas de inserção social (PIRES, 2016 p. 114).

Assim, torna-se pertinente conhecer os jovens através de suas práticas espaciais e constituição de territorialidades, suas diversidades dentro do espaço escolar, e as múltiplas identidades e pertencimentos construídos fora da escola, no esclarecimento que transformam-na e transformam-se nela.

CAPÍTULO 2 JUVENTUDE, JOVENS ESCOLARES E O ENSINO DE GEOGRAFIA

A relação entre ensino de Geografia e juventude não se configura em uma tarefa fácil. Os desafios são imensos, já que tanto o ensino, quanto a Geografia, são campos de interpretação do que constitui a realidade, complexos e desafiadores, e destes desafios, tentar compreender as relações de socialização que pretendem ser constituintes do próprio conceito do que é essa juventude e de como ela se insere no ensino da Geografia.

2.1 Juventude, Juventudes: sociabilidades e condições juvenis

De início, elencamos alguns conceitos sobre a categoria juventude, de modo a situar os sujeitos da pesquisa, para discutirmos como se estabelecem as diferentes condições juvenis, ou relações sociais por eles constituídas e construídas nas suas sociabilidades.

Cassab (2011), apresenta três grandes acepções que norteiam o conceito de juventude: a primeira é a partir de um recorte etário – entre 15 e 24 anos, no caso da Organização Mundial de Saúde (OMS); a segunda relaciona a juventude a uma fase de transição – a passagem da infância à vida adulta; e a terceira, que associa a juventude a um eterno devir, a um projeto de futuro, sendo, portanto, negado o presente.

De acordo com Camacho (2004) a juventude não deve ser compreendida pela sua unidade, mas em suas diferentes perspectivas sobre as diversidades da juventude, entre elas, a tendência geracional, que corresponde as juventudes como um conjunto social, constituídos por indivíduos pertencentes a uma determinada fase da vida; e a tendência classista, que entende a juventude como um conjunto social e diversificado, abrangendo diferentes culturas juvenis que são decorrentes de diferentes pertencimentos de classe, com diferentes parcelas de poder, interesses distintos e ou diferentes situações socioeconômicas.

Nesse sentido, pode-se constatar que existe certa instabilidade nas duas tendências citadas anteriormente: de certo, se por um lado destaca-se os atributos positivos dos jovens como, por exemplo, a responsabilidade pelas mudanças sociais, por outro, os pontos negativos também são destacados quando os considera como problemas (sociais, como envolvimento com drogas, violência, escola e família por exemplo), irresponsáveis ou desinteressados, e que Cassab (2001, p. 158-159) reforça quando entende que os jovens são vistos “ de um lado, [...] como sinônimo de vitalidade, dinamismo e criatividade; por outro, associada à violência e a delinquência”.

Para Dayrell (2003), a juventude é uma condição social e um tipo de representação, sendo reconhecido a partir das instituições sociais (Estado, Escola, Família etc.) e pela autoidentificação do sujeito como jovem.

Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos (DAYRELL, 2003, p. 41-42).

O autor esclarece que os aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais fazem com que tenhamos, em cada localidade um tipo de juventude. Desse modo, a constituição dos sujeitos, segundo Dayrell (2003, p. 42), é a de que os jovens constroem determinados modos de ser jovem apresentado nas suas especificidades, sendo que “é nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes”.

A partir do momento que os jovens constroem seus desejos e suas especificidades, destacando a construção de suas identidades, Charlot (2000) considera como sujeitos ativos que agem no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais que se inserem.

É neste processo que cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito: um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém. Ao mesmo tempo, na vida cotidiana, entram em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentidos, que dizem quem ele é, o que é o mundo, e quem são os outros (CHARLOT, 2000).

De acordo com Toledo (2016), os jovens como sujeitos ativos, agem no mundo e sobre o mundo, através das dinâmicas que produzem e que são produzidos no terreno das relações sociais que tecem ao longo de seus trajetos, relações mediadas no espaço. Assim, “ao se apropriar do espaço, seja momentânea ou duradouramente, o jovem uno ou em grupo produz e cria marcas e signos de sua alteridade” (TOLEDO, 2016, p. 23).

Para Cassab (2015, p. 139) “não existe apenas um tipo de juventude, mas juventudes, que assumem diferentes expressões de acordo com as condições culturais e materiais que as rodeiam”. Entretanto, Abramovay (2015, p. 22) expõe, quando a referência são as juventudes, da necessidade de se “estar atento à ‘diversidade’ e como esta pode se confundir com ou

camuflar os processos de desigualdades sociais”. Importante combinar, no campo da educação, políticas universais e políticas focalizadas, considerando que há distintos tipos de sujeitos jovens, e no reconhecimento das diversidades, diferenças e desigualdades, enriquece o debate sobre políticas de juventudes. E acrescenta que:

Há que estar atento para o fato de que os jovens compartilham construtos comuns, como a pertença a uma faixa etária, determinado tipo de cultura juvenil – em certo grau –, aspirações que são formatadas por estímulos que exaltam o ser jovem. Outras características partilhadas são as experiências da condição juvenil por meio da inconstância, flutuação e volatilidade, bem como a vontade de ativar transformações e questionamentos em relação a outras gerações, o que contribui para um processo de construção de identidades sociais que se entrecruzam com histórias e biografias (ABRAMOVAY, 2015, p. 22).

Na contemporaneidade, são múltiplos e singulares os desafios e vulnerabilidades sociais enfrentadas pelas juventudes, em que a globalização pressiona os jovens quanto as demandas em habilidades, conhecimento, experiência e socialização, articulados a uma mercantilização das relações sociais, consumismo e individualismo egoísta. Porém, “os problemas com que se depara a economia política, primeiro os atingem, haja vista que, em todos os países envolvidos na chamada crise atual do capitalismo, as mais altas taxas de desemprego se relacionam à coorte jovem” (BAUMAN 2012, *apud* ABRAMOVAY, 2015).

Para Lara (2008) em sua perspectiva contemporânea, o consumo é encarado como uma dimensão essencial na construção identitária das juventudes. Nesse sentido, segundo Cavalcanti (2012, p. 115-115) o consumo dos jovens “não está ligado obrigatoriamente ao aspecto material em si, mas, sobretudo, ao que representam simbolicamente para identificar quem os usa, como os utiliza, o que faz quando está consumindo esses objetos e o que os outros fazem com quem os usa”. É sob este cenário que procuramos observar nos jovens estudantes dessa pesquisa, com o objetivo compreender as suas distintas práticas espaciais que usufruem, suas condições juvenis e a apresentação simbólica de suas territorialidades.

Segundo Cavalcanti (2013a, p. 80) os jovens são vistos como agentes do processo de produção e reprodução do espaço, e que, através do cotidiano, “fazem parte dos fluxos, dos deslocamentos, da construção de territórios; criam demandas; compõem paisagens; imprimem identidades e dão movimento aos lugares”. Para tanto, é necessário entender as juventudes e as individualidades do jovem, na sua diversidade, ou seja, entender as juventudes (as práticas, ao conteúdo de suas representações, à sua inserção/pertencimento social, ao gênero, a raças e etnias.), e, também, conceber o jovem (no caso o jovem estudante), nas múltiplas dimensões de um mesmo ser social.

Necessário se faz, assim, entender o jovem em sua complexidade e diversidade, sem estereótipos, preconceitos, padronizações, enfim, entender juventude como uma identidade importante para os alunos, marcada por um momento de se distinguir do adulto e ao mesmo tempo da criança, o que os faz perceber-se semelhante a outros e ao mesmo tempo lhes permite afirmar sua diferença (CAVALCANTI, 2013a, p. 79).

Para entendermos essas diversidades, o papel da Geografia é importante para compreender as juventudes, a exemplo no que se insere no campo da relação juventude e cidade, no intuito de esclarecer a dinâmica urbana, identificando as distintas práticas espaciais da juventude na e sobre a cidade:

Num movimento dialético com a cidade, os jovens transformam-na e se transformam constantemente, produzem espacialidades ao se produzirem, produzem e consomem culturas, produzem e consomem a cidade, constroem suas identidades e sua subjetividade com as condições dadas pela espacialidade urbana instituída e dominante, transformando-a, sob condições objetivas (CAVALCANTI, 2013, p. 80).

Neste contexto, Cavalcanti (2013a) concorda com o alerta de Turra Neto (2011) ao perceber que essa linha de estudos requer, maior precisão de conceitos como lugar, lugar-local, relação global-local, território e territorialidade, desterritorialização e reterritorialização e espaço.

Na perspectiva de Turra Neto (2016) quando conceitua juventude:

A partir da Geografia, temos empreendido esforços para delinear um conceito de juventudes que as compreenda como uma experiência, ao mesmo tempo, histórica e geográfica, visto que tal experiência envolve tanto uma vinculação a uma geração, quanto a uma espacialidade, que delimita vivências de tempo e espaço especificamente juvenis, em que é possível desenvolver uma cultura diferente daquela das gerações anteriores. Claro, tal experiência não circunscreve tudo que pode ser dito para uma definição de juventudes. Seria necessário também considerar a relação com o futuro, tendo em justa que juventude se refere a uma fase da vida (TURRA NETO, 2016, p. 362).

Isto faz com que o conceito juventude, deva ser empregado no plural, já que se trata de uma pluralidade que remete a uma diversidade de experiências vinculadas a tempos e espaços concretos de existência de juventudes possíveis (TURRA NETO, 2016), e agregando com a perspectiva de Cassab (2015, p. 139) ao conceito de que, “não existe apenas um tipo de juventude, mas juventudes, que assumem diferentes expressões de acordo com as condições culturais e materiais que as rodeiam”.

Quando referimos a juventudes e sua condição juvenil, compreendemos sobre os modos diferentes de ser jovem diante das distintas adversidades e os estímulos que os mesmos podem usufruir para constituir-se como sujeitos conscientes, envolvendo as suas realidades e

com capacidades de encontrar se soluções no intuito de qualificar, além de sua própria biografia, a sua identidade e criar novas formas de condições para a sua vida, ou das próximas gerações (DAYRELL, 2007). A situação juvenil deve ser “compreendida como diferentes percursos nos quais a condição juvenil é experimentada, levando-se em consideração outros aspectos como idade, gênero, classe social, etnia, história pessoal, entre outros” (AMARAL, 2011, p. 22).

Para Abramovay (2015), instituições como a família e a escola apesar de não conseguirem criar condições plenas para o desenvolvimento das juventudes, generalizam o perfil dos jovens em três aspectos: a) de forma adultocrata, na medida que existem relações instáveis entre jovens e adultos, resultando que os adultos partem de posturas mais conservadora quando tentam orientar os jovens; b) com uma visão culpabilizante, quando os jovens são estigmatizados como uma ameaça social, criminalizando a imagem do jovem por diversos meios de transmissão; c) com um teor maniqueísta, cobrando dos mesmos uma responsabilidade no presente, no objetivo de prepararem para a vida adulta e de usufruírem de suas conquistas no futuro, por exemplo, como esperança de um futuro melhor.

Contudo, a condição juvenil tem características fundamentais: a fragmentação e diversificação dos processos de socialização e construção da identidade, sendo necessárias ao configurar determinada maneira ou situação para que esse jovem se desenvolva de acordo com essas mesmas circunstâncias que são estabelecidas.

Dayrell (2007) considera que tanto a dimensão simbólica, quanto os aspectos materiais, históricos e políticos, são indispensáveis na produção social para o desenvolvimento das juventudes. Sendo que esta condição juvenil vem se construindo num contexto de profundas transformações socioculturais ocorridas no mundo ocidental nas últimas décadas, a exemplo das relações entre as juventudes com a família e com a escola, fruto da ressignificação do tempo e espaço e da reflexividade, dentre outras dimensões, o que vem gerando uma nova arquitetura social.

Nesta perspectiva, Dayrell (2007, p. 1108) alerta que:

Ao mesmo tempo, é necessário situar as mutações que vem ocorrendo no mundo do trabalho que, no Brasil, vem alterando as formas de inserção dos jovens no mercado, com uma expansão das taxas de desemprego aberto, com o desassalariamento e a geração de postos de trabalho precários, que atingem, principalmente, os jovens das camadas populares, delimitando o universo de suas experiências e seu campo de possibilidades.

Estes novos desafios enfrentados pelas juventudes, não se dá de maneira homogênea, e, de acordo com Minayo (2011) a condição juvenil será diferente de acordo com a classe socioeconômica do jovem. Assim, a condição juvenil para quem vem de uma família mais bem

estruturada, o acesso aos benefícios da globalização e suas tecnologias, nos aspectos econômico, social, educacional e cultural, será bem diferente, daquele jovem pobre, que terá maiores dificuldades para se inserir nessa sociedade contemporânea, tanto no que diz respeito aos direitos fundamentais como no de consumo.

Neste sentido, através das diversidades dos jovens e suas distintas condições, ao consumirem e produzirem na cidade, tanto a cidade quanto a escola pode ser compreendida como “como um mosaico de territórios estabelecidos de maneira simultânea e sobreposta, como uma teia de relações entre os grupos e indivíduos. O território destas relações será diferente em função do aspecto social a partir do qual tal território é constituído” (SILVA, 2000, p. 22).

É devido a isso, que se torna importante compreender as distintas realidades das juventudes em relação ao acesso aos meios de lazer, à liberdade, à educação, ao trabalho, e às culturas diferenciadas, sendo, neste caso, alguns dos elementos essenciais tanto para a realização quanto para o entendimento da condição juvenil. Tendo em vista que também são compreendidas como uma das práticas espaciais.

Dayrell (2007) entende que a maioria dos jovens brasileiros, são pobres, vivem nas periferias e frequentam as escolas públicas dos grandes centros urbanos marcados por um contexto de desigualdade social. Deste modo, as condições juvenis destes jovens são marcadas pela sobrevivência, pela luta constante de uma gratificação imediata e um possível projeto de futuro que a escola pode ofertar.

É fato, portanto, a relevância da relação de trabalho e jovens, como um importante meio para sua condição social, na qual o rendimento que ganham com seu labor, lhes garantem um meio para o lazer, o namoro ou o consumo, ou seja, usufruírem de sua condição juvenil e potencializarem as suas práticas espaciais.

Nesta dupla jornada de trabalho e estudo, não significa, necessariamente, o abandono da escola, mas podem influenciar no seu percurso escolar, além de ser uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil dos jovens (DAYRELL, 2007, p. 1109)

Sobre esta experimentação da condição juvenil, as juventudes querem experimentar as distintas e variadas condições, independentemente dos limites que são dados pelos adultos e dos lugares sociais que ocupam. Estas experiências representam suas distintas trajetórias apresentadas nas suas práticas socioespaciais, numa dimensão simbólica própria ou coletiva que são utilizadas como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade (DAYRELL, 2007).

Assim, Dayrell (2007, p. 1110) afirma que, “o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam

demarcar uma identidade juvenil”. Isto significa que, além de construírem uma identidade juvenil, as juventudes manifestam as suas expressões culturais, sob diferentes estilos, ganhando visibilidade e apresentando os seus valores simbólicos através do corpo e do visual, demarcando assim, suas identidades individuais e coletivas, além de um status social desejável.

Nesse contexto, ganha relevância os grupos culturais, em que os jovens constroem uma identidade, tornando-se assim espaço de construção de autoestima, contribuindo de uma forma flexível e diferenciada, nas potencialidades de suas práticas, relações e símbolos que criam em seus espaços, ampliando os circuitos de redes de trocas, de forma diferente e ampliada das instituições tradicionais como a escola e a família (DAYRELL, 2007).

As práticas dos grupos juvenis não são homogêneas e se orientam conforme objetivos que suas coletividades são capazes de processar, num contexto de múltiplas influencias externas e interesse produzidos no interior de cada agrupamento específico⁴.

Outra dimensão da condição juvenil é a sociabilidade, que tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, ou no interior das instituições (a exemplo da escola), expressando uma dinâmica de relações, com níveis distintos de gradações capazes de definir em seus grupos aqueles que são os mais próximos e aqueles que são mais distantes, bem como o movimento constante de aproximações e afastamento, criando uma mobilidade entre diferentes turmas. Este movimento também está presente na própria relação com o tempo e o espaço (DAYRELL, 2007; AMARAL, 2011; ABRAMOVAY, 2015).

Com relação a sociabilidade e apropriação de distintos espaços, foi percebido durante a pesquisa, que os jovens estudantes socializam-se em diferentes ambientes, dentro e fora da escola, por exemplo, o pátio, a quadra de esportes, a sala de aula, os corredores, banheiros, as padarias que ficam à frente da escola, o circuito de lojas, sorveterias que situa próximo da escola, além do terminal de ônibus, e destes ambientes as interações dos jovens de diferentes grupos formados pela heterogeneidade dos indivíduos de diferentes camadas socioculturais e econômicas (BATISTA e SILVA, 2016a).

Nesta conjuntura, de acordo com Bonnemaïson (2002, p. 287) estes distintos espaços que estariam socializados pelos jovens estudantes, produziriam entre eles um território, como um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários [...]. No interior desse espaço, os grupos e as etnias vivem uma certa ligação entre o enraizamento e as viagens.

⁴Em torno do mesmo estilo cultural podem ocorrer práticas de delinqüência, intolerância e agressividade, assim como outras orientadas para a fruição saudável do tempo livre ou, ainda, para a mobilização cidadã em torno da realização de ações solidárias (DAYRELL, 2007, p. 1110).

Para tanto, compreende-se que na sociedade contemporânea, os atores sociais não são totalmente socializados a partir das orientações das instituições, nem a sua identidade é construída apenas nos marcos das categorias do sistema. Significa dizer que eles estão expostos a universos sociais diferenciados, a laços fragmentados, a espaços de socialização múltiplos, heterogêneos e concorrentes, sendo produtos de múltiplos processos de socialização (DAYRELL, 2007).

No caso específico da escola, esse processo de mutação não elimina, mas transforma a natureza da dominação no cotidiano da instituição escolar, que segundo Dayrell (2007, p. 1115): “obriga os indivíduos a se construírem ‘livremente’ nas categorias da experiência social que lhes são impostas”. Sendo preciso considerar que as juventudes de hoje experimentam um processo de ‘adultização’ acelerada, estando expostos a vulnerabilidades sociais e a múltiplos desafios. São eles – talvez mais do que qualquer outro grupo populacional – que enfrentam as maiores incertezas e os riscos advindos do processo de globalização (REGUILLO CRUZ, 2000, *apud* ABRAMOVAY, 2015)

Nas considerações de Abramo (2008, p. 70) sobre as condições juvenis ressalta que é um termo importante, na qual a sua demanda principal é de inserção, numa sociedade que vive profundamente os problemas da exclusão, numa estrutura socioeconômica que “não cabem todos”. A inclusão ainda é processada fundamentalmente pela possibilidade de exercer trabalho remunerado, e a sua escassez e fragilidade acentuam o seu peso e importância.

As dificuldades e demandas das juventudes revelam, os problemas estruturais da sociedade, ao ponto de tornar-se um problema político, e quando a crise da juventude se encontra com a crise social, ela emerge como categoria que condensa o debate sobre os rumos da sociedade (FORACCHI, 1971 *apud* ABRAMO, 2008).

Muitos jovens quando não tem condições financeiras para socializar-se em seus distintos grupos, que usufruem de consumo cultural (música, cinema, vestuário, e entretenimento em geral) que representam as suas identidades, são conduzidos a uma prática informal de sua condição, para situar-se no grupo e logo pertencer-se ao mesmo, na qual Martin-Barbero (2008, p. 12) revela que através de vias ilegais como o uso intensivo da pirataria para o consumo cultural, torna-se “uma prática subjetiva e coletivamente legitimada como estratégia dos desprovidos para se conectarem aos bens deste mundo e, de certa forma para sobreviverem como indivíduos e grupos”.

Portanto, estamos diante de juventudes cujas sensibilidades respondem, não só, as alternativas de sociabilidade que permeiam, ou das atitudes políticas quanto as pautas morais, práticas culturais e gostos estéticos.

Mesmo se tratando de uma realidade específica, não significa que as questões e desafios com os quais esses jovens se debatem não espelhem de alguma maneira aqueles vivenciados por jovens de outros grupos sociais. Não podemos esquecer de que, no contexto de uma sociedade cada vez mais globalizada, muitos dos desafios vivenciados pelos jovens pobres ultrapassam as barreiras de classe, podendo, assim, trazer contribuições para uma compreensão mais ampla da relação da juventude como a escola (DAYRELL, 2007, p. 1107).

Sob este aspecto é que se constata, que existe uma nova condição juvenil no Brasil, em que se identifica o jovem das escolas públicas, em suas diversidades, com características, práticas sociais e um universo simbólico próprio, os diferenciando e muito das gerações anteriores. (DAYRELL, 2007, p. 1107).

2.2 Juventudes e Família: relações, sentidos e mutações

Para entender a existência dessa nova condição juvenil no Brasil, é preciso estabelecer as relações que essa juventude tem com a sua família, quais os valores que essas famílias carregam, já que a cultura que se vivencia hoje é bem diferente da cultura da geração de seus pais. Para Abramo⁵ (2008, p. 60-61) as juventudes vivem centralmente no campo da família de origem, na qual apesar das queixas e distintos conflitos neste campo familiar, as juventudes contam com sua estrutura (material e afetiva), promovendo relações de confiança e oferecendo condições para o seu amadurecimento.

Nesse sentido, a família é fundamental para a grande maioria das juventudes, atravessando todos os grupos juvenis⁶, desde os planos afetivos, éticos e comportamentais, sendo uma das poucas instituições do mundo adulto com o qual as juventudes podem contar, e tem na figura da mãe o papel principal (DAYRELL, 2002). Além disso, na contemporaneidade, a família também é acompanhada pelas transformações de sua composição, a exemplo dos novos rearranjos familiares promovidos pelo divórcio e novos casamentos.

No entendimento de Amaral (2011, p. 95) as relações entre a família e as juventudes, no que diz respeito às orientações, condições, tensões e violência, acabam desenvolvendo mecanismos de controle das atividades desenvolvidas aos jovens, manifestados por uma

⁵ A pesquisa Retratos da Juventude Brasileira, entrevistou 3.501 jovens de ambos os sexos, de áreas urbanas e áreas rurais em todo o território nacional, entre os dias 22 de novembro e 08 de dezembro de 2003. A amostra representou o universo de 34,1 milhões de jovens residentes no Brasil. O questionário totalizava 160 perguntas abarcando temas como: ser jovem, escola, trabalho, valores e referências, sexualidade, drogas, cultura e lazer, mídia, violência, política e participação, direitos (ABRAMO e BRANCO, 2008).

⁶ O grupo de idade tomado na pesquisa de ABRAMO (2008, p. 45) foi de 15 a 24 anos, subdivididos em três grupos: primeiro grupo (dos 15 aos 17 anos), segundo grupo (dos 18 aos 20 anos) e o terceiro grupo (dos 21 aos 24 anos).

autoridade respeitada (pai, mãe, padrastos, avós). Restringem contato dos jovens com os amigos e encontros na rua, bem como participação em eventos, além da restrição do uso de aparelhos celulares ou computadores, impedindo o contato com os amigos por meio de redes sociais, ou jogos on-line. Diante disso, em uma dessas situações, há desigualdades, pois, os jovens do gênero masculino, mesmo com as restrições impostas pela família, têm maiores possibilidades de circulação dos que as jovens do gênero feminino. (FONSECA, 1994; AMARAL, 2011).

Assim, a família pode ser considerada como um dos primeiros territórios que os jovens participam ativamente, pois nele está relacionado constantemente a relação de poder. Portanto,

Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que "produzem" o território. [...] Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem 'territórios' (RAFFESTIN, 1993, p. 152).

Um ponto a se considerar na contemporaneidade está na mutação, flexibilidade e evolução dos costumes da família, em que, os pais se tornaram mais liberais, sem a necessidade de impor atividades/normas aos filhos. A própria questão sobre a liberalização da mulher, pela separação entre sexo e reprodução e pela substituição do casamento de contrato pelo casamento por amor, também teve um papel importante nessa evolução dos costumes. E a nova família, plenamente privada, já não educa mais para a vida pública, tarefa que passou a ser assumida pela escola (TURRA NETO, 2008).

Apesar do reconhecimento da família e sua importância para a constituição do ser jovem, o fato é que muitos jovens permanecem por uma longa data na casa de seus pais, pelo menos até se tornarem independentes, já que uma das razões para esse prolongamento, “se relaciona as dificuldades financeiras para montar uma nova unidade doméstica; talvez seja esta a razão pela qual o desejo de sair da casa dos pais cresça conforme aumentam a escolaridade e a renda”. (ABRAMO (2008, p. 60)

Para Abramovay (2015), a família tem dificuldades em conceber os jovens com identidades geracionais próprias, e nesta condição juvenil conflituosa, insistem em considerar os jovens adultos para algumas exigências e os infantilizando para outras. E apesar das dificuldades, a instituição familiar é vista para as juventudes como uma importante fonte de provimento, confiança, orientação e amadurecimento, no enfrentamento dos problemas que a vida lhes apresenta, assim ofertando cada vez mais, certos elementos de transição para a vida adulta (ABRAMO, 2008; GONÇALVES e COUTINHO, 2008).

A relação conflituosa/cooperada entre as juventudes e suas famílias, não é uma novidade, sendo constatada durante décadas no Brasil, pois neste encontro de gerações segundo Gonçalves e Coutinho⁷ (2008, p. 599) as divergências que eclodem na esfera doméstica, acontecem quando há projetos de vida que a família (uma geração) traça para as próximas gerações, no caso as juventudes. Nestes projetos de vida que as famílias (no caso pais ou responsáveis) almejam para as suas juventudes, estruturam – se a reciprocidade, ajustamento e tolerância mútua, na possibilidade de exercerem em conjunto com os jovens, graus de controle das expectativas, das perspectivas, e das manifestações individuais.

Entretanto, apesar das idealizações das famílias sobre as juventudes, há as contradições, que Gonçalves e Coutinho (2008) identificaram nas falas dos jovens sobre a família, particularmente os jovens pobres. Nesse sentido, os jovens entrevistados vivem intensamente o conflito entre o ideal e o real: a família real, atravessada pelos limites e pela falta de diálogo, e pelas tensões a que se refere, contrapõe-se a ideal, que é tudo, sinônimo de união e paz.

De acordo com Leão, (2006, p. 34-35) quando se faz uma triangulação entre famílias de baixa escolaridade e residentes em periferias, juventudes e escola, observa-se expectativas das famílias quanto à própria escola, ressaltando que apesar da baixa escolaridade dos pais⁸, os mesmos valorizam a instituição escolar, no sentido que é um espaço que prepara os seus filhos para o mercado de trabalho, para a socialização, permitindo que os mesmos criem laços de amizade e se desenvolvam, tomando iniciativas, à medida que a instituição escolar é um meio que garante aos seus filhos uma condição de vida melhor para o seu futuro.

Nas reflexões sobre as relações entre juventudes e famílias, compreendem que a família (com mudanças no padrão relacional entre os adultos e as juventudes) aparece como uma instituição importante, nas diferentes condições de convívio para a sociabilidade das juventudes, particularmente para os jovens pobres, pois os seus laços asseguram trocas afetivas e simbólicas, de estabilidade e mecanismos de sobrevivência mais estáveis em um quadro de ausência da ação pública e de retraimento de direitos. Não se trata, assim, de uma família idealizada, pois os conflitos são descritos, mas os aspectos negativos não são omitidos (SPÓSITO, 2008).

⁷ As pontuações formuladas por Gonçalves e Coutinho (2008) advêm das informações relacionados a conflitos de gerações e projeções quanto ao presente e futuro.

⁸ Leão (2006) reflete por diferentes motivos que a escolarização dos filhos permanece como um valor, independente da classe social e/ou escolaridade dos pais, revelam uma aspiração e uma expectativa pelo sucesso de suas juventudes.

2.3 Juventudes e Ensino de Geografia, embates e construções

Nesta subseção, torna-se pertinente adentrarmos a discussão da juventude e Ensino de Geografia. O arcabouço cultural que esses jovens carregam, desde suas relações com suas famílias e seus ambientes culturais particulares, também no espaço escolar se faz presente certo conflito entre a cultura juvenil e a cultura escolar. Ambas são espaços de interação, mas se processam de forma bastante diferentes. Pois, de acordo com Abramovay (2015), enquanto as culturas das juventudes são dinâmicas, a cultura escolar permanece intacta e imóvel quanto às variadas mudanças na sociedade na qual as juventudes fazem parte.

A cultura escolar quando se depara com as culturas das juventudes em sua diversidade (desde as formas de falar, vestir, tatuar, suas identidades, e suas interações com as novas tecnologias) tenta responder a elas através de suas grades de disciplinas fechadas. Diante dos inúmeros temas trazidos pelos jovens às escolas, elas também têm a necessidade de se reconhecer como um espaço de socialização, que segundo DCNs (2013), é através da escola que os jovens se fazem ouvir e se sentem valorizados na sua sociabilidade, além de terem uma aprendizagem que correspondam aos seus anseios e que possam promover sua preparação para assumir o papel de adulto, tanto no plano profissional quanto no social e no familiar. Mas, de acordo com Dayrell (1996, p. 159) quando diz respeito a estrutura da escola ao desconsiderar os sujeitos da mesma, particularmente os jovens estudantes alerta:

A forma como a escola se organiza, como divide os tempos e espaços, pouco leva em conta a realidade e os anseios dos alunos. Há aí um deslocamento: a escola parece organizar para si mesma, com se a instituição em si tivesse algum sentido (DAYRELL, 1996, p. 159).

Para Batista e Silva (2016a) o espaço escolar estabelecido atualmente causa estranhamentos ao jovem estudante, apresentando elementos (como o concreto, portões enferrujados, correntes, cadeados, que se assemelha uma prisão) que resulta neste espaço uma condição de distanciamento da sociedade.

A escola como espaço de estranhamento, o jovem-aluno pensado como ideal, transforma a escola, como já disse Chaveiro (2011), no reino da perplexidade. Os sujeitos não se entendem, nem entre si, nem com o espaço. Os gestores e professores investidos da cultura escolar olham para o jovem real como se fora o ideal. O jovem-aluno chega à escola e encontra um espaço que nada condiz com sua cultura. Eis que o desencontro está colocado, eis o espaço da perplexidade (BATISTA e SILVA, 2016a, p. 149).

E como o ensino de Geografia percebe e entende esta problemática apresentada? Diante das complexidades e diversidades que as juventudes apresentam, identificamos algumas que de acordo com Cavalcanti (2008) se faz necessário ressaltar a importância de alguns dos seus aspectos relevantes que caracterizam esse mundo contemporâneo, dos quais se destacam:

O primeiro deles é o fato de que o mundo hoje é globalizado, segundo Cavalcanti (2008, p. 15)

Entende-se a globalização como um fenômeno de eliminação de fronteiras entre os países de todo o mundo, que afeta múltiplos campos: cultural, tecnológico, social, econômico etc., e que traz como consequência a construção de espaços de relações integradas. Ainda que se saiba que a globalização é um processo complexo e diverso, no qual participam efetivamente muitos países, mas não todos, e que essa participação ocorre de modos diferenciados, pode-se dizer que todos experimentam, de fato, em muitos aspectos, uma aproximação de espaços e uma integração de povos, ainda que estas sejam impostas por padrões econômicos globais hegemônicos. É, assim, um fenômeno que obriga a considerar a interdependência de escalas, já que nele ocorre a construção de espaços de relações mais integradas em que estão mais profundamente inter-relacionados o local, o regional e o global.

Ao tornar o mundo integrado por meio da economia, e outros fenômenos de aceitação mundial, a globalização tem, em seu discurso homogeneizador, excluído um grande número de indivíduos que não conseguem fazer abstrações das vantagens e desvantagens geradas como reflexos da globalização. Nesse contexto, para Cavalcanti (2008, p.15), a globalização amplia “as desigualdades, com o agravamento de alguns problemas que se tornaram globais, como a exclusão social, as desigualdades socioeconômicas, a violência, a fragmentação territorial, o desemprego, a contaminação ambiental”.

O segundo aspecto relevante, está no desenvolvimento e avanços das chamadas tecnologias da comunicação e da informação no mundo atual, promovendo a simultaneidade, tornando possível presenciar todos os fenômenos e acontecimentos em tempo real.

Também, a internet e suas novas tecnologias, apresentam nas pessoas a possibilidade de estar presente em qualquer lugar do globo a um só tempo, provocando certas familiaridades entre determinados lugares e suas representações pelos meios de comunicação. No entanto, com o poder do mercado sobre as comunicações de massa, se tem observado um processo de homogeneização cultural, como a universalização dos gostos, da alimentação, dos hábitos de consumo, do lazer, dos modelos de vida social, e de democratização da ideia de consumo, do ideal de consumo, além de impor estilos de vida internacionais, globais, e de serviços que ampliará cada vez mais o consumo (CAVALCANTI, 2008, p. 16).

O terceiro aspecto relaciona as cidades e urbanização neste mundo contemporâneo, ou seja, locais que abrigam grande parte da população, são expressão da complexidade e da diversidade da experiência humana, da história humana. Assim, agregado no contexto da globalização, desde as imposições de normas/padronizações e as reações diferenciadas de suas

idades, constata-se que alguns aspectos da globalização estão presentes de algum modo nas cidades, a exemplo da padronização dos aspectos do cotidiano das pessoas que aí vivem. Em contrapartida, também se verifica uma diversidade dos grupos que nela vivem, de redes sociais, de manifestações culturais, em disputa, em conflito. Enfim, segundo a autora “a sociedade urbana tem - se tornado mais complexa, individualizada, mais multi e intercultural, nela, os comportamentos urbanos diversificaram-se, ao passo que algumas pautas culturais globalizaram-se e homogeneizaram-se” (CAVALCANTI, 2008, p. 16-17).

Ainda de acordo com Cavalcanti (2016, p. 124) existem certas perversidades promovidas pelo advento da globalização, na qual “essas pessoas assistem ao ‘mundo globalizado’, sendo que os meios de comunicação têm cada vez mais propiciado a visibilidade desse mundo; mas, a maioria não pode dele participar...”. No geral, a maior parte das pessoas não usufruem plenamente das conquistas que a globalização propôs:

Nesse sentido, pode-se dizer que, em grande medida, as pessoas comuns, destacando-se os jovens que são alunos de Geografia nas escolas públicas de educação básica, veem muitos adventos do mundo globalizado pela tela da TV, pelo celular (com muita intensidade pelos aplicativos de comunicação, tipo WhatsApp, que são hoje muito populares entre os jovens), pelas redes sociais. Utilizando a metáfora de Santos (...), entende-se que eles veem o mundo contemporâneo globalizado como fábula, ou seja, do modo como se quer divulga-lo – pleno de potencialidades e “rumo a homogeneização”. Para compreender mais amplamente sua dinâmica e suas contradições, é necessário analisar sua “perversidade” (suas contradições, seus contrapontos), como aponta o autor, o que é papel importante dos professores de Geografia. Trata-se de buscar ver o mundo na contradição do local com o global, do incluído e do excluído, no contexto da contradição entre essas escalas e condições sócio-espaciais, entre a homogeneização da vida e sua fragmentação, entre a padronização e a diferenciação (CAVALCANTI, 2016, p. 125)

Nesse contexto, Castrogiovanni (2009, p. 42) destaca a importância quanto ao ensino de Geografia, que mais do que nunca, coloca os seres humanos no centro das preocupações. Ela preocupa-se com as inquietações do mundo atual, buscando compreender a complexidade da forma como ocorre a ordem e a desordem no planeta. Para a autora, a Geografia escolar deve ser trabalhada de forma a instrumentalizar os estudantes a lidarem com a espacialidade e com suas múltiplas aproximações, com postura que possa compreender e operar o espaço, o que facilitaria para o sujeito no reconhecimento de suas contradições e dos conflitos sociais e a avaliar constantemente, as formas de apropriação e de organização estabelecidas pelos grupos sociais e posteriormente se for necessário buscar mecanismos de intervenção.

Nas reflexões de Cavalcanti (2008, p. 26) a consciência da especificidade das geografias acadêmica e escolar e de suas relações contribuiu para que o professor não se angustie por não ‘aplicar’ seus conhecimentos na prática docente, pois a geografia escolar tem

uma especificidade que advém em parte dos conhecimentos acadêmicos, em parte do movimento autônomo dos processos e práticas escolares e em parte das indicações formuladas em outras instâncias, como as diretrizes curriculares e os livros didáticos.

Assim, apesar dos recentes avanços quanto a pesquisa da Geografia acadêmica, e das tentativas de instrumentalizar a Geografia escolar aos jovens estudantes no intuito de saber operar o espaço, na perspectiva de Castrogiovanni (2007) ainda há jovens que acreditam que a geografia é uma disciplina desinteressante. E no geral, os alunos não são muito fãs da escola, e essa associação nem sempre é benéfica (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 137).

Diante destas apresentações dos jovens estudantes quanto ao ensino de Geografia e a Escola, há um paradoxo, segundo Cavalcanti (2015, p. 15), já que “os jovens passam seus dias indo da casa para a escola, e da escola para casa, dividindo o seu tempo entre ficar na escola e em casa. ” Para Sposito (2005), destaca que muitos jovens, principalmente os oriundos de famílias pobres, vivenciam uma relação paradoxal com a escola, na qual, ao mesmo tempo em que reconhecem seu papel fundamental no que se refere à empregabilidade, não conseguem atribuir-lhe um sentido imediato, estes jovens citados vivem ansiosos por uma escola que lhes proporcione além do amparo, chances mínimas de trabalho e que se relacione com suas experiências presentes.

Para tanto, com o intuito de refletir os motivos que a aprendizagem não está sendo significativa para as juventudes, Castrogiovanni (2009, p. 12) ressalta ainda que os significados acadêmicos, são muitas vezes incompreendidos pelos próprios professores, e que os mesmos não conseguem contextualizar estas informações ao cotidiano das juventudes.

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 13).

Um importante ponto a destacar é o alerta de Cavalcanti (1998) sobre o ensino da Geografia conteudista e desfocada quanto a realidade dos jovens estudantes, ocasionando neles o desinteresse, sendo de suma importância alfabetizar as juventudes na leitura do espaço geográfico, em suas diversas escalas e configurações.

Para tanto, Cavalcanti (1998, p. 24) afirma que a finalidade de ensinar Geografia para as juventudes, é contribuir para formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço.

Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes; de pensar os fatos e acontecimentos mediante várias explicações, dependendo da conjugação desses determinantes, entre os quais se encontra o espacial. A participação de (...) jovens (...), seja no trabalho, no bairro em que moram, no lazer, nos espaços de prática política explícita, certamente será de melhor qualidade se estes conseguirem pensar sobre seu espaço de forma mais abrangente e crítica (CAVALCANTI, 1998, p. 24)

A autora reconhece que um dos maiores desafios do professor ao ensinar é o de conseguir a atenção dos estudantes para as suas aulas (CAVALCANTI, 2016, p. 135). No caso dos professores de Geografia:

A atenção deve estar voltada para a aprendizagem das coisas sobre o mundo contemporâneo (...). Para isso, é fator relevante a aproximação entre os sujeitos do processo – professor e alunos, e seus mundos, suas histórias, suas espacialidades, como elementos da produção de conhecimentos a ser realizada. Um dos aspectos a considerar, destacando-se os jovens alunos, é a relação que eles têm com a própria escola, enquanto espaço urbano, enquanto espaço da vida urbana cotidiana (CAVALCANTI, 2016, p. 135).

Ao reconhecer que a escola é um espaço socio-cultural (DAYRELL, 1996), a diversidade cultural dos jovens estudantes expressa um conjunto de diferenças significativas que estes sujeitos trazem no processo de aprendizagem escolar, reconhecendo-os como agentes que tem uma relação contínua com o espaço escolar, e com a construção de conflitos e negociações neste processo de aprendizagem. Assim, nas reflexões de Cavalcanti (2016, p. 135) a relação dos jovens com a escola é permeada de múltiplos significados, por sentimentos positivos e negativos: “ela é vista positivamente pelos jovens, como espaço de encontro e sociabilidade, mas também como lugar de produção e transmissão de saberes e conhecimentos úteis a vida, a continuidade dos estudos e trabalho”. Enquanto os pontos negativos estão relacionados a ausência de políticas educacionais adequadas, problemas de infraestrutura, e o funcionamento precário das atividades.

Outra questão em relação a compreensão das juventudes no espaço escolar e no que tange às suas diversidades, está a construção dessas diversidades fora da escola, como no bairro, como um dos lugares do cotidiano aonde moram, de suas experiências e da construção de práticas coletivas, que podem contribuir no ensino de Geografia. Sobre este ponto Cassab e Mendes (2012, p. 12) revelam:

Entende-se, contudo, que a rua pode e deve ser mais do que isso. Ela é o lugar do uso e não apenas da troca, pois é no sentido do perder-se, de se colocar na rua que o diferente e o desconhecido se tornam uma descoberta. (...), a necessidade da mobilidade, ao percorrer a cidade na procura de intensas sensações é o vivo interesse pelo espetáculo da cidade. É nela que os jovens podem perceber as diferenças e

relacionarem-se uns com os outros. A rua é o espaço público por excelência. Por elas os sujeitos passam, mas também observam e vivem a cidade em todas as suas dimensões - simbólicas e objetivas.

Nesse sentido, ao depararmos com situações apresentadas por Cassab e Mendes (2012), torna-se pertinente refletir sobre o que é ensinado e aprendido em Geografia, já que para Callai (2013a, p. 27) a Geografia escolar é “um conhecimento significativo para a vida dos sujeitos que aprendem a pensar o espaço”. E Callai (2009, p. 94) reforça: “o olhar espacial é modo de se fazer Geografia (o método de usar), é como devemos estudar a realidade, uma realidade que tenha a ver com a vida dos alunos”, uma realidade relacionada a estudar e compreender o mundo além da sala de aula, cuja análise é um importante critério no estudo da Geografia, em sua visão crítica daquilo que a organização espacial está mostrando e que a juventude está inserida, capaz de compreender o modo como se distribuem os fenômenos e a disposição espacial que assumem e representam muitas questões, que por não serem visíveis têm que ser descortinadas, analisadas através daquilo que a organização espacial está mostrando.

Para Abramovay (2015), apesar da tensão entre a cultura das juventudes e a cultura escolar, muitos jovens que frequentam as escolas, além de compreenderem que é um espaço sociocultural (DAYRELL, 1996), tem na sua consciência, o enriquecimento de conhecimentos que vão ampliar o seu capital cultural, nos objetivos de superar os desafios que estão na sua vida, dentro da escola e fora dela (na organização para a sua vida adulta). Assim, a escola pode e deve ser um espaço de formação ampla do jovem estudante, de acesso ao conhecimento, às relações sociais, às experiências culturais diversas, podendo contribuir e ser um suporte dos jovens estudantes como sujeitos sociocultural, humanos e de aprimoramento de sua vida social.

Muitos jovens quando chegam as escolas e assistem as aulas, só as assistem quando percebem que os professores conseguem em suas metodologias aplicar conceitos que contextualizem com as suas realidades (ABRAMOVAY, 2015). A autora reforça que uma escola que dialoga com as juventudes (muitos dos quais sem perspectivas e amparo) sem exageros, oportunizam a eles, olhar a sociedade de maneira mais crítica quanto sujeitos capazes de fazer esta leitura e posteriormente vestir-se como cidadãos.

Cabe aqui uma referência a Paulo Freire (1996, p. 27) quando reforça sobre a prática metodológica. Para o autor, o ambiente escolar não deve se concentrar na transmissão de conteúdos, mas o educador deve estar voltado a uma prática capaz de fazer seu educando pensar, criticar, analisar, perguntar e instigar, métodos estes que devem ser implantados em sala de

aula, fazendo com que os estudantes se tornem cidadãos críticos e autônomos da sociedade vigente.

Ainda de acordo com Cavalcanti (2015, p. 136) quanto ao desafio dos professores de ensinar as juventudes no mundo contemporâneo, é preciso que esses mesmos profissionais estejam atentos ao que acontece em particular no mundo desses sujeitos, como eles vivenciam seus espaços e que expectativas tem em relação à vida cotidiana nos lugares que eles frequentam: o bairro, a cidade, a escola.

Nesse sentido, quando Dayrell (1996, p. 159) esclarece que a escola é um espaço sociocultural, define a escola como uma instituição dinâmica, polissêmica, fruto de um processo de construção social, refletidos através das práticas espaciais dos jovens estudantes, ao ponto de apresentar:

Nesta ótica, ressaltamos aspectos e dimensões presentes no cotidiano escolar, (...) nos passam despercebidos, aparecem como 'naturalizados ou óbvios, que nada acrescentam aos 'objetivos educacionais'. Buscamos desvelar como os atores lidam na escola com o espaço, o tempo e seus rituais cotidianos. Concluímos que os atores vivenciam o espaço escolar como uma unidade sociocultural complexa, cuja dimensão educativa encontra-se também nas experiências humanas e sociais ali existentes. Os alunos parecem vivenciar e valorizar uma dimensão educativa importante em espaços e tempos (...): os momentos do encontro, da afetividade, do diálogo. Independentemente dos objetivos explícitos da escola, vem ocorrendo no seu interior uma multiplicidade de situações e conteúdos educativos, que podem e devem ser potencializados. É fundamental que os profissionais da escola reflitam mais detidamente a respeito dos conteúdos e significados da forma como a escola se organiza e funciona no cotidiano (DAYRELL, 1996, p. 159).

Dessa forma, para Callai (1995), a partir do momento que o professor utiliza metodologias e conteúdos que contextualizam as realidades das juventudes, o mesmo exercita a sua atividade profissional e cidadã, na construção e reconstrução constante do saber, formando cidadãos críticos, fazendo de suas aulas oportunidades para que os jovens construam os seus conhecimentos, se interessem pelas aulas, tarefas e compreendam o significado de tudo isso. Assim, justifica que a formação de professores é de suma importância para a efetivação das ações citadas anteriormente, porém esta formação inicial não é o bastante, sendo necessária uma continuação de sua formação, numa constante atualização de conhecimentos, temas, métodos e práticas. Estas formações continuadas e suas respectivas extensões, especialidades, Mestrados e Doutorados, potencializam os conhecimentos, seus métodos, e novas identidades, podendo revigorar o papel do professor frente ao seu ofício e aos desafios que estão presentes, a exemplo de apresentar uma aprendizagem significativa aos jovens estudantes.

Bento (2016) reforça que os professores e os gestores de instituições de ensino devem questionar a quem se destina a educação e qual é o papel da escola nesse processo. Para tanto,

é necessária uma compreensão sobre as diversidades das juventudes que estão inseridos no sistema escolar, para posteriormente em conjunto com as juventudes proporcionar a construção do conhecimento com melhores estratégias de ação, instrumentalizando os estudantes a viverem no mundo como cidadãos conhecedores da realidade em que vivem.

Assim, sobre o processo de formação dos professores e suas relações com os estudantes, Cavalcanti (2016, p. 138) reforça a possibilidade que os professores têm de poder orientar esses jovens estudantes sobre a responsabilidade quanto a narrativa de si mesmos e do mundo com mais humanidade, com mais democracia, ultrapassando o individualismo, para “sair do self” e pensar socialmente e, coletivamente.

CAPÍTULO 3 AS ESPACIALIDADES DOS JOVENS NA ESCOLA

3.1 Quem são os jovens estudantes entrevistados?

Durante o processo de realização das atividades de campo entre os meses de fevereiro a outubro de 2018, as visitas tiveram por objetivo compreender as práticas espaciais dos jovens estudantes e as constituições das distintas territorialidades. Para a análise das práticas espaciais, os jovens a serem entrevistados, e escolhidos dentro desse recorte, foram os jovens do 3º ano do Ensino Médio. A escolha desses respectivos jovens se deu devido ao fato de já estarem no Ensino Médio e de frequentarem a escola pesquisada durante o período. Dessa forma, criou-se uma perspectiva mais objetiva que os mesmos teriam do espaço escolar e de seus funcionamentos.

A pesquisa se fez com os jovens do turno matutino e vespertino, e isso devido ao fato de que os jovens estudantes matriculados no 3º ano do Ensino Médio no período noturno, representam as matrículas relacionadas ao EJA, o que poderia apresentar um novo desafio ao pesquisador quanto aos sujeitos da pesquisa, além de que, boa parte dos matriculados no período noturno são adultos, o que poderia interferir nas análises dos resultados.

Já no período recortado, mudanças ocorreram devido a evasão escolar dos jovens estudantes, o que acabou acarretando na diminuição de turmas. De 12 turmas de 3º ano iniciadas no ano letivo de 2018, no segundo semestre do respectivo ano, o número de turmas caiu para 09, sendo 07 turmas no período matutino e 02 turmas no período vespertino. Assim, dos 403 estudantes matriculados, caíram para 271 jovens estudantes matriculados no 3º ano do Ensino Médio, sendo que 209 estavam matriculados no período matutino e 62 matriculados no período vespertino. Observam-se a distribuição quantitativa dos estudantes do terceiro ano, no período matutino e vespertino, conforme a tabela 01.

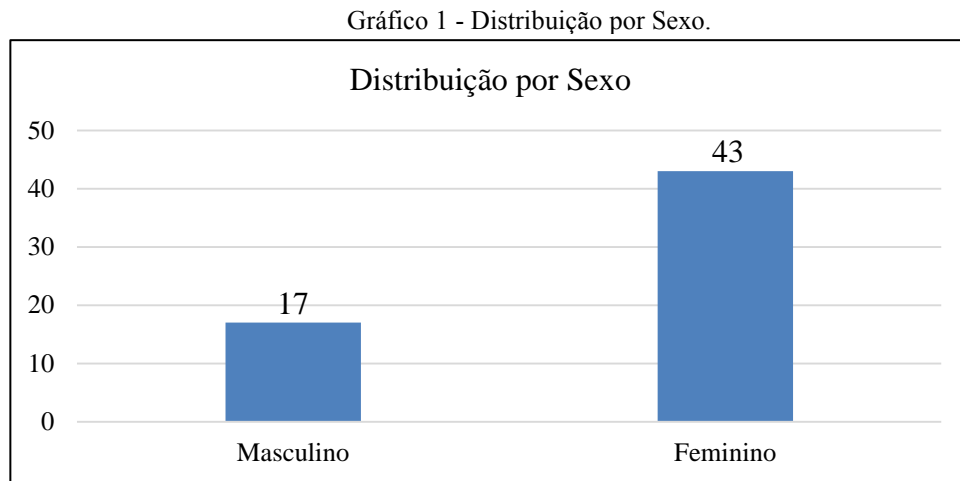
Tabela 1 - Distribuição dos jovens estudantes pesquisados por turma.

Turmas Matutino	Estudantes matriculados	Estudantes pesquisados
3301	31	6
3303	23	4
3304	28	4
3305	29	6
3306	29	6
3314	39	5
3316	30	3
Vespertino		
3308	25	12
3309	37	15
TOTAL	271	60

Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Foram entregues 271 convites aos jovens estudantes do 3º ano para efetuarem voluntariamente a entrevista, porém desse total apenas 73 jovens aceitaram a entrevista e dos mesmos somente 60 foram entrevistados, pois muitos desistiram de participar da entrevista.

Dos 60 jovens estudantes que participaram da entrevista, 43 jovens são do gênero feminino e 17 jovens são do gênero masculino.

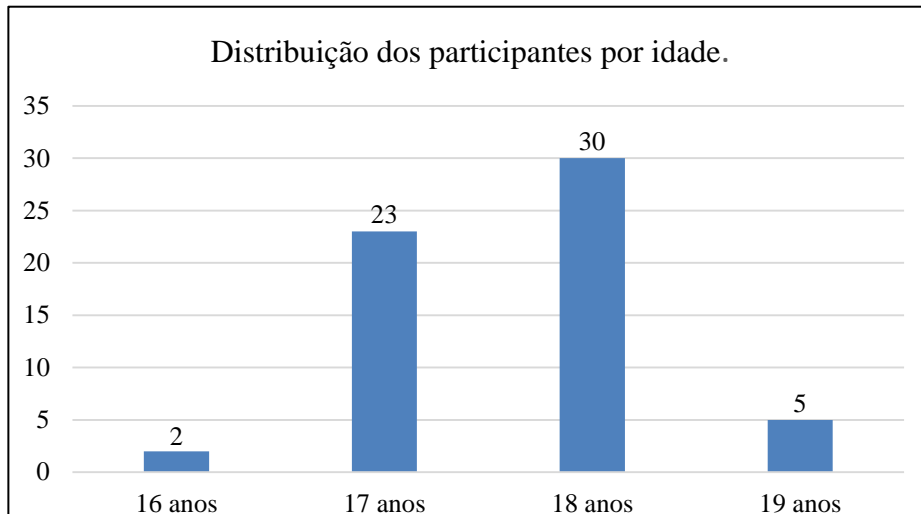


Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Ao observarmos o próximo gráfico, sobre a faixa etária dos jovens entrevistados, 23 jovens estudantes estão em idade regular na série que frequentam, ou seja, 17 anos, isto levando em consideração que o estudante ingresse no 1º ano do ensino fundamental com 6 anos de idade. Já 30 jovens estudantes entrevistados possui 18 anos, o que indica um ano de reprovação, ou a matrícula no primeiro ano de escolarização atrasada por um ano. Outros 05 jovens estudantes têm 19 anos, indicando também possíveis reprovações, mais de uma até, e apenas 02 jovens estudantes com 16 anos de idade, o que podemos constatar que, como a entrevista com os jovens ocorreu entre os meses de novembro e início de dezembro, muitos poderiam aniversariar ainda no ano de 2018.

É importante perceber que 35 jovens têm idade acima dos 17 anos, compõem através dos dados, um índice de reprovação alto, seja no ensino fundamental ou no ensino médio, e, segundo Vasconcelos (1998), a reprovação acaba por negar ao aluno o direito ao conhecimento.

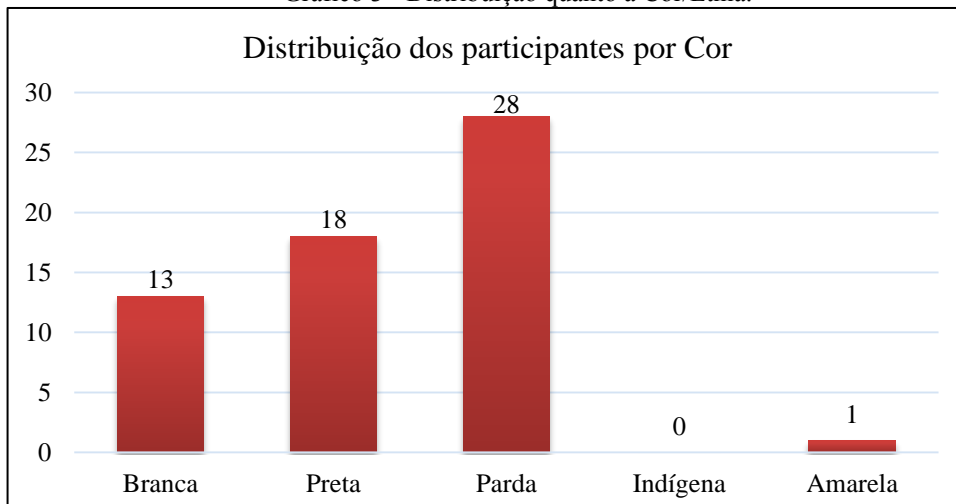
Gráfico 2 - Distribuição dos participantes por idade.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Quanto a distribuição de cor dos participantes da pesquisa os resultados foram: parda, preta e branca. Assim, dos jovens estudantes pesquisados, 28 declararam ser de cor parda, 15 de cor preta e 13 jovens de cor branca, tendo em vista 01 dos 60 entrevistados declarou ser de cor amarela. Nisto, percebe-se uma pluralidade étnica-racial dos jovens estudantes, na qual há a necessidade de priorizar cada vez mais ações afirmativas, como a exemplo da implementação da Lei nº 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade da inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares que contribui numa educação antirracista e que, segundo Coelho e Soares (2016, p. 578), é de suma importância pois “constitui um dos encaminhamentos para atender àquela demanda histórica do Movimento Negro, contribuindo para colocar oficialmente discursos e vozes historicamente silenciados nos currículos das nossas escolas”.

Gráfico 3 - Distribuição quanto a Cor/Etnia.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

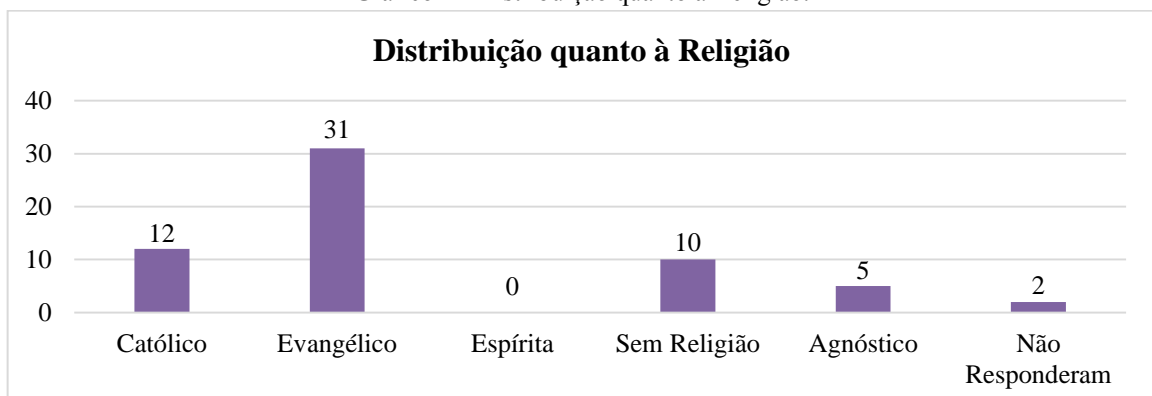
Aproveitando o ensejo sobre o gráfico anterior, nenhum jovem estudante entrevistado assinalou definindo pertencer a cor/etnia indígena, entretanto, é pertinente para as aulas de Geografia apresentar sobre as diversidades, territorialidades, valores e conflitos que muitas etnias indígenas passam atualmente, principalmente quando em seus territórios são alvo de invasão de segmentos econômicos de exploração, que ora são ligados a empresas agropecuárias, madeireiras, e/ou são ligados a empresa mineradoras.

A respeito das crenças religiosas dos jovens entrevistados, a religião evangélica obteve o maior número de jovens entrevistados com 31 dos entrevistados, seguido pela católica com 12 jovens, na qual, apesar da população brasileira ser formada em sua maioria por católicos, a maioria dos entrevistados são evangélicos, e, durante o início do século XXI, ocorreram investigações acerca do perfil da juventude brasileira, na qual Novaes (2008, p. 266) afirmando que “ os jovens evangélicos estão mais presentes no Norte/Centro-Oeste e no Sudeste”. Fica evidente que as distintas manifestações religiosas estão presentes no cotidiano de uma grande parcela dos jovens e segundo Vanderlei (2018, p. 75) “é notória a presença dos mesmos em atividades religiosas diversas”.

Nota-se que 10 jovens entrevistados se declararam sem religião. Cabe ressaltar, o crescimento de brasileiros que optam por não ter religião, presente entre a população jovem. Há de compreender que os jovens estão na fase das experimentações, quanto a sua identidade, sociabilidades e suas pluralidades, e essa experimentação também ocorre no campo religioso. Segundo as afirmações de Novaes (2008, p. 271) “são os jovens que mais transitam entre vários pertencimentos de busca de vínculos sociais e espirituais”.

Um dado importante a ser ressaltado na pesquisa, é sobre o grupo de agnósticos com 05 jovens entrevistados, aqueles que creem em uma divindade, mas não seguem religião alguma, e 02 jovens optaram por não responder à questão.

Gráfico 4 - Distribuição quanto à Religião.

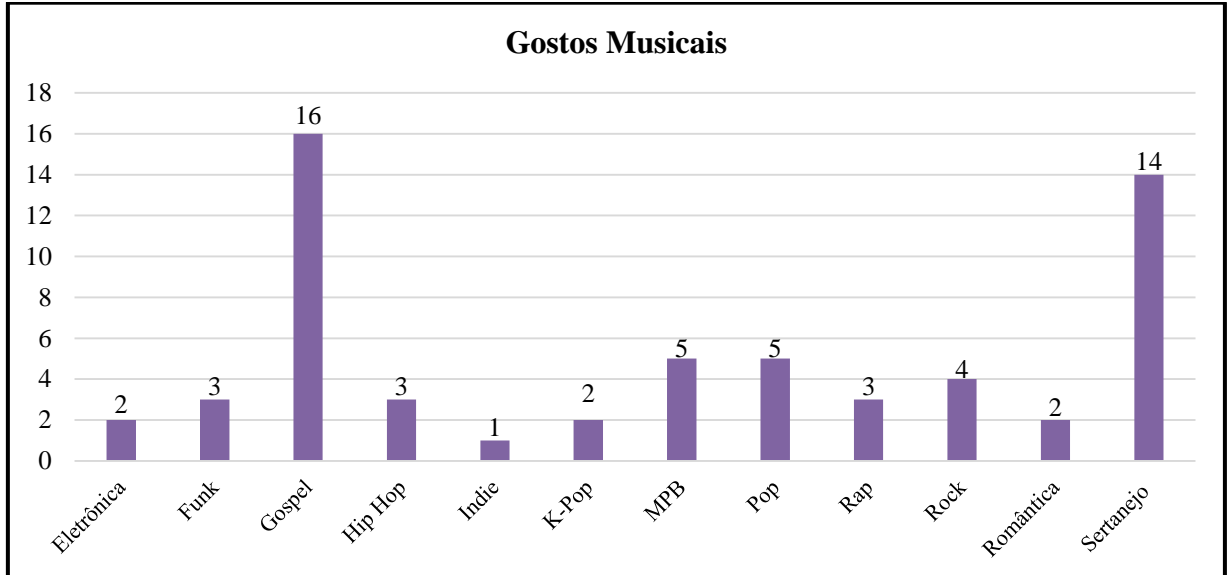


Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Na continuidade de conhecer cada vez mais as pluralidades dos jovens estudantes, quanto ao gênero musical, destaca-se pelo gráfico que os jovens estudantes têm uma multiplicidade de estilos e gostos musicais que compõem e formam as suas identidades. De tais multiplicidades, foram assinaladas 12 opções de gêneros musicais, e, sobre os gostos musicais de maior preferência, a música gospel tem 16 votos, seguido do sertanejo com 14 votos que é um estilo musical marcante na região.

Já que a música gospel representa a maior apreciação entre os jovens estudantes entrevistados, ela poderá estar relacionada ao seguimento religioso do gráfico anterior, compreendendo que, em sua maioria são evangélicos, na qual há a sua representatividade religiosa, que também reflete na sua estética musical, compreendendo que a música gospel incorpora outros estilos musicais como o Rock, o Funk, o Sertanejo ou o Forró, mas, mantêm em suas letras realidades e valores de suas práticas religiosas, representadas na letra da música. E segundo Gomes (2007, p. 73) “a apreciação musical abre portas para que os jovens possam reparar com atenção, tomar em consideração os estilos disponíveis no mundo evangélico e combiná-los com outras preferências musicais e visuais”.

Gráfico 5 - Gosto musical



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Entretanto, ao observar atentamente o gráfico, verificamos uma diversidade quanto as manifestações culturais, pois os mesmos não são fieis a um gênero musical, são bem ecléticos em relação a gênero musicais.

Conhecer e entender essas manifestações culturais, no caso a música, no âmbito escolar, significa valorizar as culturas de seus estudantes, na qual Vanderlei (2018, p. 79) afirma

que: “conhecer os jovens, não somente em relação às tribos pertencentes, mas também quanto aos gostos musicais que os auxiliam nessa identificação de pertencimento”.

Podemos entender que através de um viés cultural ligado à música os jovens definem suas identidades e pertencimentos, mesmo que de forma intensa e instável. E, já que a música tem um fator essencial na formação de identidade dos jovens, para Gabin (2009, p. 15)

Se partimos da premissa de que “música” pode ser entendida como um artefato cultural que contribui na produção de identidades (sendo uma fonte de inspiração entre os jovens, principalmente no que diz respeito a sua vida cotidiana e aos seus desafios), facilmente poderemos entender que os discursos dos jovens demonstram o hibridismo, o “tingimento” identitário que os interpela.

De acordo com Garbin (2009, p. 17), “apesar das diferenças entre os vários estilos musicais [...], todos contribuem na formação e no fortalecimento de identidades; a música passa a ser uma espécie de fio, de eixo, que vai de casa para a escola e para onde quer que os jovens forem”.

A importância de compreender os jovens estudantes através de suas diversidades, é que segundo Dayrell (2007, p. 1107) “o jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio”, e Dayrell (2007, p.1118) complementa:

Na frequência cotidiana à escola, o jovem leva consigo o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços que, como vimos, constituem uma determinada condição juvenil que vai influenciar, e muito, a sua experiência escolar e os sentidos atribuídos a ela.

Durante as visitas na escola, o constante uso dos celulares no ambiente escolar como se fosse uma extensão do corpo humano, durante as entrevistas do grupo focal, foi percebido como um artefato e símbolo da juventude contemporânea. Pois estes objetos possuem múltiplas funções graças a tecnologia inserida nestes aparelhos, dentre elas a internet, e de acordo com Silva (2008, p. 322) revela que “é no contexto de uma sociedade de consumo globalizada que os celulares passaram de simples instrumento de comunicação a acessórios de moda”. Esta afirmação agrega o objeto, celular, como meio dos jovens interagirem e sociabilizarem entre os seus pares.

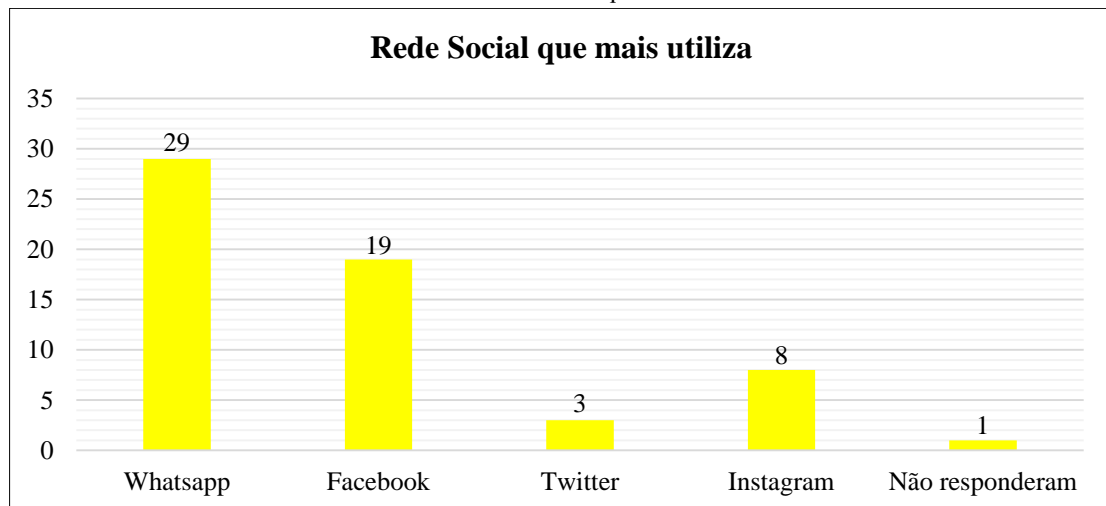
Quando os jovens estudantes foram questionados sobre o uso de tecnologias de comunicação e informação, sobre quais redes sociais os jovens mais apreciam, os resultados foram que 29 jovens têm maior preferência pelo WhatsApp, Facebook é preferência para 19

jovens, 08 jovens tem a preferência ao Instagram e 03 jovens optaram pelo Twitter, e apenas 01 jovem não respondeu.

Para Cavalcanti (2016, p. 138) afirma sobre a satisfação dos jovens em demonstrarem os seus perfis em redes sociais, pois, “eles acreditam que tem uma liberdade de escolha para isso e essa escolha pode ser uma forma de auto-afirmação diante de seus pares”.

Torna-se pertinente que a sociedade brasileira está a cada dia mais conectada, utilizando cada vez mais tecnologias à sua disposição, agregando o indivíduo na cultura digital, capaz de desvincular-se dos espaços físicos e transpondo as fronteiras territoriais (SILVA, 2016).

Gráfico 6 - Rede Social que mais utiliza.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Sobre as justificativas citadas pelos jovens em relação as suas escolhas sobre o uso das redes sociais, consiste que essas redes são um importante meio de comunicação, comunicação com amigos, e uma distração, intitulada pelos jovens “passar o tempo”, além de procurar notícias.

Entre as justificativas dadas pelo grupo focal acerca das mídias sociais, podemos destacar entre as falas dos jovens estudantes:

Participante C – Se relacionar!

Participante B - A vantagem do WhatsApp que você tem... uma relação, vamos dizer. Eu tenho uma prima, que eu gosto muito dela, só que ela não mora na minha cidade, ela mora no Estado de São Paulo. E assim com o WhatsApp, a gente ficou mais próximos, em questão de comunicação, mas também uma coisa que o próprio aplicativo atrapalha, é que, ele distancia as pessoas que estão ali próximas!

Participante E – Você não se socializa com o próximo.

Participante A – Você aproxima com quem está longe e distancia com quem está perto.

Participante B – Aproxima quem tá longe, e distancia com quem tá perto.

Na perspectiva de Vanderlei (2018, p. 84-85) reforça que

Os jovens contemporâneos nasceram imersos na cultura digital e, portanto, seria interessante que o professor de Geografia (não se quer aqui encher ainda mais o currículo da disciplina, mas aproveitar os problemas cotidianos para enriquecer as discussões) debatesse em sala de aula sobre os impactos, bem como as alterações na vida cotidiana da população.

Vanderlei (2018, p. 85) reconhece a importância de discutir sobre a globalização, pois “por meio dela as distâncias foram encurtadas pela facilidade de comunicação, mas também, como consequência, acaba por distanciar de quem está próximo”. Certo momento, durante o grupo focal, os jovens questionaram quanto as limitações da Escola pesquisada no uso das redes sociais, demonstrando que seria de grande importância que a escola tenha uma página do Facebook, Instagram ou Grupo do Whatsapp, que interaja com os jovens estudantes da escola, com o objetivo de apresentar informações, novidades e principais ocorrências na escola. Assim, de acordo com algumas informações dos jovens estudantes pesquisados sobre a relação de comunicação da Escola e Jovens por meio de mídias sociais:

Participante J – Sim com certeza! Mas, a gente não tem uma coisa de... mídias sociais, aqui na escola não. Só tem um grupo do CEM Santa Rita, só que... ninguém tá, ali é, não é para, debater coisas importantes.

Participante H – Porque dentro das escolas, os alunos interagem muito com o diretor. O diretor é tipo um amigo desses alunos. A gente conta as nossas dificuldades, ele ajuda. Aqui não, aqui a gente não tem isso. A gente não pode contar com ele.

Dias (2012) reconhece que atualmente, a internet permite para a sociedade, “um salto na forma de se interagir e se comunicar” e que:

No momento atual que nossa sociedade vive, a internet se tornou em uma verdade incontestável e inquestionável. Ela se impõe ao mundo de forma que, como um tsunami, tenta carregar para si tudo que encontra. Para isso, se adapta e se reestrutura na mesma velocidade das evoluções tecnológicas dos objetos que possibilitam a conectividade (DIAS, 2012, p. 09).

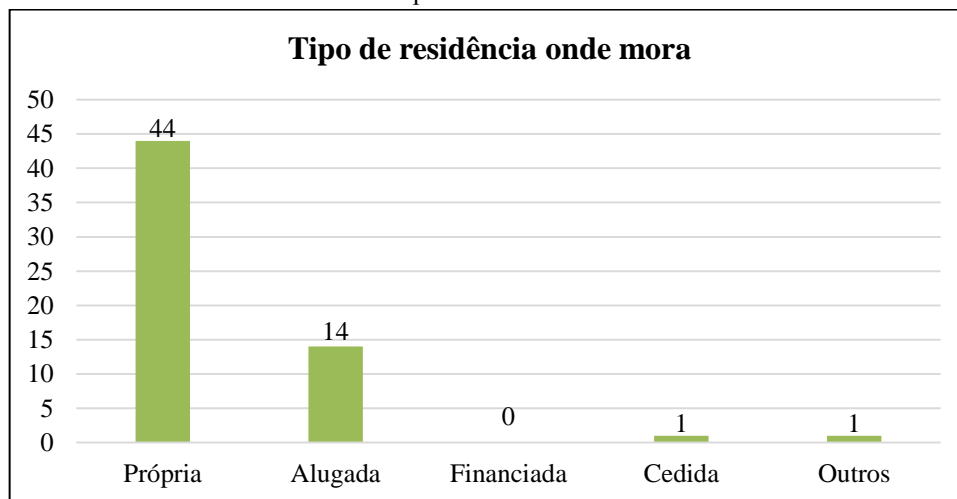
Apesar das facilidades inerentes a Internet para com a sociedade, Dias (2012) alerta sobre o cuidado do uso da internet e suas verdades, devido ao grande fluxo de informações que os usuários defrontam cotidianamente, e que através destas informações cotidianamente

apresentadas ao usuário é capaz de intervir na forma que o sujeito vê o mundo, naquilo que o sujeito acredita ser verdade.

Torna-se de grande importância para a Escola esclarecer aos jovens estudantes sobre o poder da internet de intervenção com informações que não condizem com a realidade, e orienta-los sobre como reagir a respeito de tais informações, principalmente na busca de informações coerentes e sem distorções com os fatos ocorridos.

O próximo assunto traz uma reflexão sobre as condições socioeconômicas dos jovens estudantes e, para tanto, foram apresentadas três perguntas, uma relacionada ao tipo de residência onde eles moram, outra relacionada a renda familiar e outra relacionada ao uso do tempo para o trabalho, estudo ou ambos.

Gráfico 7 - Tipo de residência onde mora.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

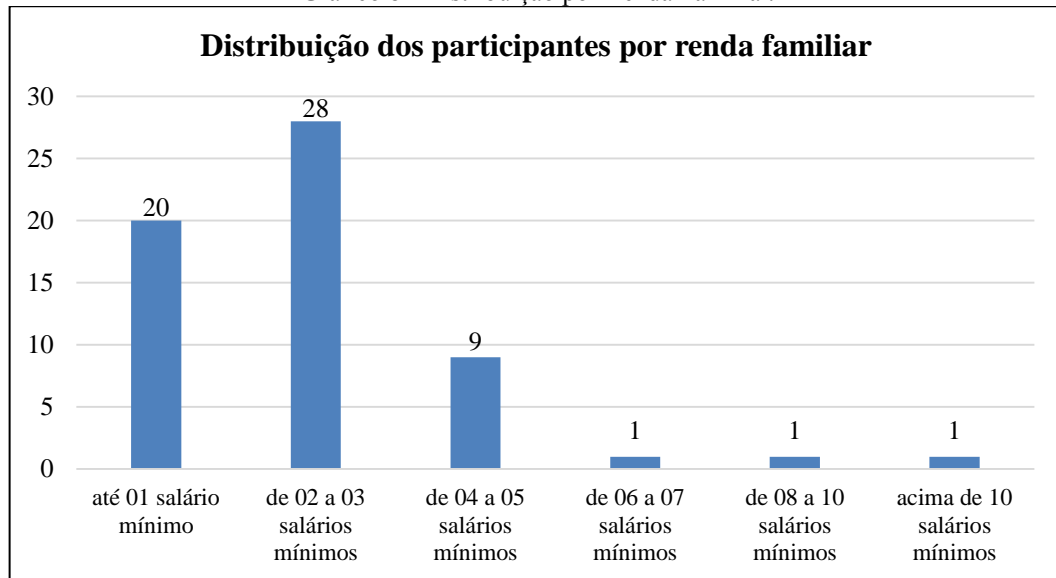
Em relação à primeira pergunta, sobre o tipo de residência onde moram, as respostas demonstraram que 44 jovens entrevistados afirmaram que moram com seus familiares e que possuem residência própria, 14 responderam que moram em residências de aluguel, dos 60 entrevistados, 01 mora em residência cedida e 01 em outros modos de moradia.

É de suma importância conhecer e refletir sobre a renda familiar⁹ dos jovens estudantes pesquisados, para compreendermos sobre as distintas possibilidades de suas práticas espaciais, no espaço urbano de Palmas. Destas, 28 jovens entrevistados afirmaram ter uma renda familiar que está entre dois a três salários mínimos, e surpreendentemente, 20 jovens entrevistados responderam ter uma renda familiar de até 01 salário mínimo, há três grupos de jovens que

⁹ Entre 01 de janeiro de 2018 a 31 de dezembro de 2018, o salário mínimo era de 954,00 Reais, segundo o Banco Central do Brasil. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/releases/2017/12/salario-minimo-sobe-para-r-954-a-partir-de-1-de-janeiro>> Acesso 12 dezembro 2018.

estão entre os que tem uma tem renda familiar entre 06 a 07 salários mínimos, os que tem renda familiar entre 08 a 10 salários mínimos, e os tem renda familiar superior a 10 salários mínimos, todos os três grupos com 01 jovem cada alternativa assinalada. Podemos compreender que, dos 60 jovens entrevistados, 48 jovens tem uma renda familiar entre 01 a 03 salários mínimos.

Gráfico 8 - Distribuição por Renda Familiar.



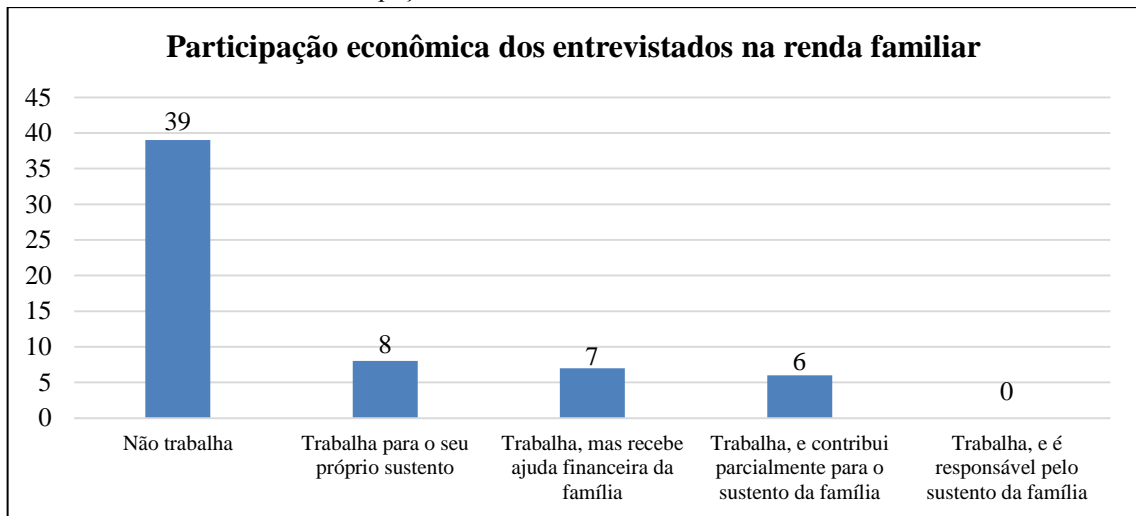
Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Percebe-se que, estes jovens estudantes são oriundos de família com baixo poder aquisitivo, e, em sua maioria, tem rendimento mensal de até três salários mínimos. Portanto, através das informações citadas, é perceptível o ingresso de um quantitativo considerável desses jovens estudantes no mercado de trabalho.

Quando perguntados se possuem trabalho ou emprego, 39 jovens entrevistados afirmaram que não. E, apesar do baixo poder aquisitivo, segundo Leão (2008), muitos pais ou responsáveis depositam nos filhos as chances para o futuro, estas chances estão relacionadas aos investimentos na educação, ou seja, eles valorizam a instituição escolar, compreendendo que é um espaço que prepara uma condição de vida melhor para o futuro, tanto para o mercado de trabalho, quanto na socialização, respeito e ética.

Dos 60 entrevistados, 21 jovens que afirmam que trabalham, sendo 08 deles trabalham para seu próprio sustento, neste grupo 07 jovens entrevistados responderam que trabalham, porém são ajudados financeiramente pelos pais e 06 jovens trabalham e contribuem na renda familiar.

Gráfico 9 - Participação econômica dos entrevistados na Renda Familiar.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

É de grande valia conhecer a realidade socioeconômica dos jovens estudantes, para entender as suas práticas espaciais e suas distintas territorialidades, tanto na percepção da importância de utilizarem o espaço escolar, quanto no reconhecimento de déficits de alguns equipamentos públicos que a maioria das periferias das cidades brasileiras sofrem, principalmente quanto a falta de oferta de políticas públicas e ações afirmativas aos jovens que residem nas periferias.

Dos 21 jovens estudantes que afirmaram que trabalham, há diversidades quanto ao cargo e renda, trabalham como Auxiliar Administrativo (07 jovens), Caixa (02 jovens), Recepcionista (02 jovens), Estagiário (02 jovens), e, Garçonete, Aprendiz, Vendedor, Auxiliar de Brinquedoteca, Babá, Empacotadora, Auxiliar de Pedreiro e Auxiliar de Pintor com apenas 01 cada.

Com relação à carga horária, também são distintas, mas representam em sua maioria com 04 horas/dia para 10 jovens estudantes, 06 horas/dia para 09 jovens estudantes e 05 horas/dia para 01 jovem estudante, apenas 01 jovem estudante optou por não informar a sua carga horária.

A renda mensal dos jovens estudantes entrevistados varia entre 330,00 R\$ à 1000,00, e apenas 02 jovens estudantes optaram por não informar a sua renda mensal. Vale ressaltar que dos mesmos jovens, apenas 05 deles receberam entre um salário mínimo que foi o valor de 954,00R\$ e 1000,00 R\$, e, a maioria dos jovens, sendo 14 deles receberam pelo seu labor abaixo de um salário mínimo

Em relação ao gênero que estão no mercado de trabalho, 15 jovens são do gênero feminino e 06 jovens do gênero masculino. Assim, para Batista e Silva (2016, p. 109), esse tipo de observação, não:

[...] foge à regra do que ocorre no Brasil, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - Pnad divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, as mulheres em 2014 receberam, em média 74,5% do rendimento do trabalho dos homens

É importante para os professores de Geografia conhecerem sobre a relação das desigualdades de gênero, etário e socioespacial, além das realidades que seus estudantes enfrentam, a exemplo da falta de oportunidades, de trabalho, preconceito quanto a gênero e desigualdades socioespaciais.

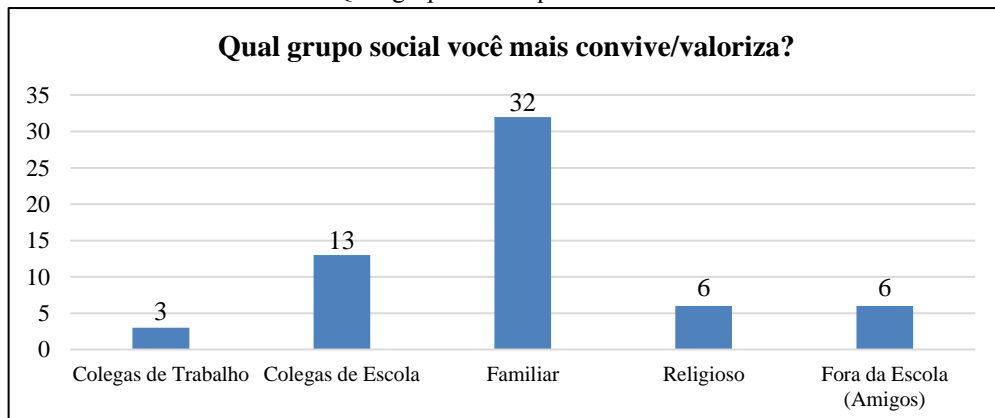
Dayrell (2007, p. 1108) afirma sobre a importância de debater a respeito das desigualdades e exploração do trabalho pois,

Ao mesmo tempo, é necessário situar as mutações que vem ocorrendo no mundo do trabalho que, no Brasil, vem alterando as formas de inserção dos jovens no mercado, com uma expansão das taxas de desemprego aberto, com o desassalariamento e a geração de postos de trabalho precários, que atingem, principalmente, os jovens das camadas populares, delimitando o universo de suas experiências e seu campo de possibilidades.

Uma ampla maioria dos jovens entrevistados disseram que utilizam a renda obtida através do seu trabalho, no próprio consumo (roupas, calçados, lazer, celular, festas) e na ajuda das despesas de sua família (compra de alimentos, pagamentos de energia, água ou gás).

Como os jovens estudantes são sujeitos ativos, dinâmicos e socializadores (DAYRELL 2002), coube perguntar a esses mesmos jovens sobre quais são os grupos sociais que eles mais valorizam em suas vidas:

Gráfico 10 - Qual grupo social que mais convive/valoriza.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Entre os grupos sociais mais valorizados pelos jovens, a família vem em primeiro com 32 votos na preferência, seguidos dos colegas da escola com 13 votos, o grupo religioso e o grupo de amigos que conquistaram fora do ambiente escolar, ambos com 06 votos cada, enquanto 03 jovens entrevistados valorizam os colegas de trabalho.

Um dos motivos que a maioria dos jovens preferiram a família como um importante grupo social, relaciona-se a família como uma importante base no seu presente, na qual mesmo na relação de construções, conquistas e conflitos, dão condições para a sua juventude assim:

É notável a centralidade da família nas falas dos entrevistados. Em torno da família, conectam-se dois tempos: ela ampara o presente e organiza o futuro, colocando-se na culminância dos projetos de vida como se todo o esforço empreendido visasse sua realização. A força dessa representação anuncia muitos significados. (GONÇALVES, 2008, p. 224)

Apesar dos grandes conflitos, queixas, conquistas e transformações nas relações entre juventude e família, Abramo (2008) afirma sobre a confiança da juventude pela sua família, na qual os jovens contam com sua estrutura (material e afetiva), promovendo relações de confiança e oferecendo condições para o seu amadurecimento.

Quanto aos colegas da escola, a importância se dá por meio dos espaços que os jovens sociabilizam, e quanto aos jovens estudantes entrevistados, muitos deles criaram o seu círculo de amizades desde o Ensino Fundamental, ou desde o início do ensino médio. Compartilhando durante estes anos as suas semelhanças, e dando valor sobre suas diferenças, construindo por meio destas, espaços de respeito e constituição de amizades. E segundo Dayrell (2007, p. 1111) “a turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, ‘trocam idéias’, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um ‘eu’ e um ‘nós’ distintos”.

Para compreendermos que os jovens participam de algum grupo social, na qual eles se identificam, no objetivo de compreender quais são as tribos urbanas que participam. Assim, 30 jovens afirmaram que participam de algum grupo social enquanto outros 30 jovens mencionaram que não participam de algum grupo social.

Dos 30 jovens que participam de algum grupo social, tivemos a necessidade de conhecer quais grupos eles participam, ofertando a eles cinco opções que contribuirá na identificação dos grupos juvenis, e de suas respostas 19 jovens responderam que participam de grupos de cunho religioso (destacando 17 jovens evangélicos e católicos com 2 jovens); 07 jovens responderam que participam de grupos culturais; 03 jovens afirmaram que se identificam com grupos ligados ao esporte; e 01 jovem afirmou estar ligado ao movimento estudantil.

Fica evidente que o grupo social que os jovens se identificam e participam estão ligados aos grupos religiosos, predominando dentre eles os evangélicos. Entretanto, dentro do universo dos jovens que se identificaram em grupos culturais, perguntamos a eles quais seriam estes grupos, destacando-se em ordem de importância, os grupos ligados à música, seguidos de cosplay, movimento estudantil, pichadores e grupo de teatro.

Nas respostas sobre o grupo cultural, em que os jovens denominaram que participam de grupos ligados à música, repetimos os questionamentos a saber a linguagem musical que participam, os jovens referiram que participam dos grupos ligados à religiosidade separando em duas subgrupos que seriam o canto e a percussão, já os demais grupos, os jovens revelaram pertencer a grupos ligados ao hip-hop e k-pop.

Diante das respostas na compreensão dos grupos juvenis, apresentaram em sua maioria que os jovens se identificam a grupos ligados à sua religiosidade, especificamente evangélica, mas, há manifestações de outros grupos juvenis, ora ligados à música, esporte, movimentos estudantes e cosplay. Há de compreender que sobre a multiplicidades de grupos juvenis, e deles há suas diferenças que podem representar as suas práticas espaciais fora da escola, e através de seus grupos que ofertam subsídios para a sua condição juvenil e constituição de sua identidade.

Das constituições das identidades da juventude, perguntamos na próxima sessão o que seriam ser jovem e juventude.

Durante a entrevista exercida no grupo focal, foram distintas respostas e opiniões sobre ser jovem e juventude, na qual, pelas diversidades contribuíram com as seguintes explicações, das quais questionamos os jovens sobre o que é ser jovem para você? E no desenrolar dos encontros perguntamos o que é juventude?

Este subcapítulo foi criada após o levantamento sobre o perfil dos jovens estudantes participantes da pesquisa, com o objetivo de conhecer e refletir sobre como os jovens se veem e como revelam quem são os jovens contemporâneos. Dessa forma, emergiram respostas distintas sobre ser jovem e juventude, na qual, através das diversidades das respostas contribuíram com as seguintes explicações.

Participante H – São descobertas que a gente propõe, tipo. A vida adulta, a gente [sic] vê como que, tipo nós temos que... buscar, sempre não desistir, buscar, a ter garra. Os desafios vão ter, mas a gente tem que aprender, que a gente vai superá-los [sic]. Que a gente vai ter que conviver com eles [sic]. São coisas que, tipo [...] a juventude também, somos meio que [...] Rebeldes é? É uma descoberta né? Digamos assim.

Participante I - Ser jovem é, estar uma nova etapa da vida. É descobrir que você não é mais aquela criança, que você tem que ter mais responsabilidade e correr atrás dos seus sonhos, se não ninguém vai correr por você!

Participante G - Ser jovem, é você deixar a infantilidade pra trás [sic]. Você ter mais, você ter foco na sua vida, o que que você quer ser, ter mais responsabilidade, ter garra! Realmente saber o que você quer saber pra [sic] sua vida! Se você quer, ter um estudo, ou alguma coisa na vida. Porque você não vai ficar dependendo dos seus pais, ou de algum responsável pro [sic] resto da sua vida.

Participante J - Ser jovem não é algo fácil, aonde que você está descobrindo o mundo, está descobrindo a si mesmo, e o que que você vai ser para o futuro. Você tem que pensar: O que eu vou ser, o que eu tou [sic] fazendo hoje e o que vai afetar no meu futuro.

Participante K – Ser jovem dá trabalho.

Participante C - Ser jovem [...]é alegria.

Participante A – Eu acho que ser jovem, é um momento de [...] decidir, de se achar, que você descobrir quem você é, e saber o que você quer, fazer as escolhas.

Participante D – É a nova geração.

Participante E – É se preparar para o futuro.

Participante C - Ter novas escolhas.

Participante F – Ter mais oportunidades, é o momento de aprendizado, oportunidades.

Participante B – É o momento que o seu fardo começa a ser pesado...em discussões familiares e discussões de amizades.

Das exposições dos jovens entrevistados, os mesmos mostram uma multiplicidade nas respostas, que são ligados aos aspectos características de suas fases: apresentam que é uma fase de descobertas, de conflitos, de alegria, de superação das etapas da vida, das pressões impostas pela família, a si e aos grupos que pertencem; de reconhecerem que já tem responsabilidades, demonstrando que estão superando o período da infância e querendo ir a fase adulta, mas ainda não possuem essa maturidade; reconhecem que a juventude é uma fase importante para os aprendizados de suas vidas, no estabelecimento de independência (muitas das vezes ocasionadas pela própria condição juvenil), na pressão por escolhas que poderão subsidiar importantes decisões para os seus futuros.

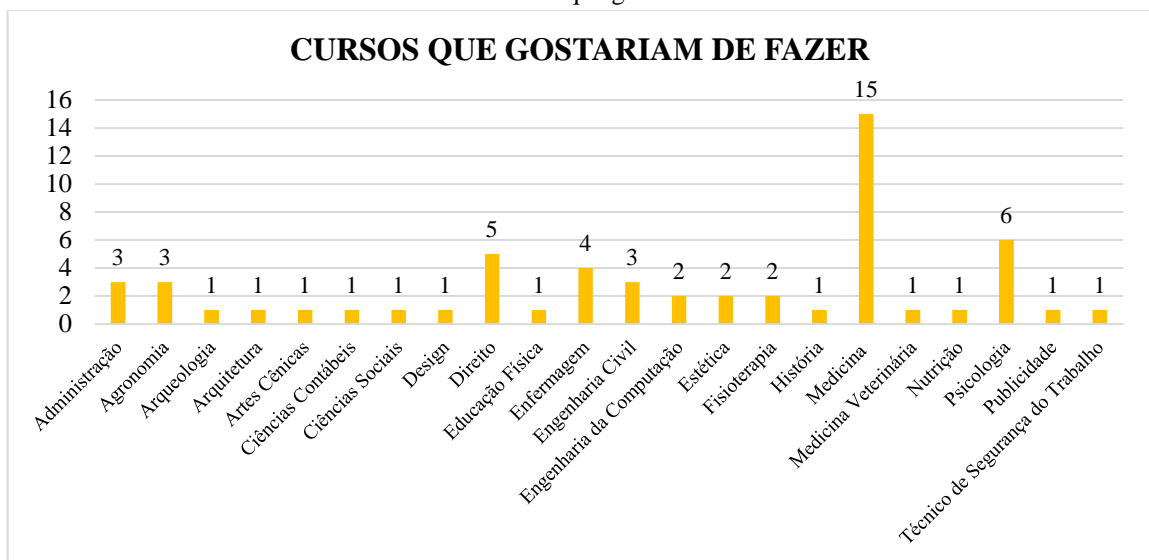
Diante das multiplicidades das opiniões dos jovens, perguntamos acerca o que seria ou caracteriza a juventude, ocorreram palavras curtas, como fase, grupo, responsabilidades. Mas surgiram opiniões que apresentaram as visões dos jovens acerca da juventude:

Participante G – Quase a mesma coisa de ser jovem. Porque a juventude é meio tipo...

Participante J – A Juventude é o meio da vida! É o meio da sua vida. A juventude, tem que está na sociedade, tem que está presente na sociedade. Porque a juventude como se fosse, o desenvolvimento, para a sua vida adulta! Na sociedade, você tem que ser jovem, para ir, você cria maturidade, e aí sim você vai ganhar sua vida adulta na sociedade, por meio de produção e tudo!

Compreendendo os jovens relacionaram o seu período de vida como oportunidades e desafios para o futuro, e a juventude como uma fase de transição, questionamos os jovens sobre a vontade de fazerem algum curso superior, as respostas foram plenas concordando que querem fazer algum curso superior, e diante desta afirmação, oportunizamos quais seriam os cursos desejados, destes os jovens demonstraram uma amplitude nas suas respostas expressadas através do gráfico demonstrando que os cursos que gostariam de fazer são:

Gráfico 11 - Cursos que gostariam de fazer.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

No universo dos 60 participantes, 03 jovens estudantes manifestaram em não ter interesse em fazer um curso superior, os demais 57 jovens responderam em ter interesse em fazer um curso superior, das quais os cursos mais desejados foram Medicina com 15, seguidos de Psicologia com 06, Direito com 05, Enfermagem com 04, já Agronomia, Engenharia Civil e Administração com 03 indicações cada, nesta continuidade a Engenharia da Computação, Estética e Fisioterapia com 02 indicações cada, ocorreram mais 12 cursos com um desejo cada, o que surpreende durante estas indicações não obteve um número significativo para quem queira cursar Licenciaturas, das quais apenas 03 entrevistados optaram por fazer, destacando as

Ciências Sociais, a Educação Física e História, não ocorreu nenhuma escolha de um entrevistado quanto à possibilidade de se profissionalizar em Geografia.

Na busca de conhecer sobre as práticas espaciais dos jovens estudantes entrevistados, perguntamos aos mesmos sobre as frequências sobre alguns lugares da cidade de Palmas, das frequências apresentamos 03 alternativas e obtivemos importantes contribuições que podem apresentar quanto às suas diversidades, suas semelhanças e diferenças.

Fora do espaço escolar foi pertinente conhecer os lugares e atividades que os jovens fazem ou aparecem sempre em seu cotidiano, dos 60 jovens entrevistados 28 afirmaram que frequentam com assiduidade a igreja; 53 jovens sempre usam a internet; 36 jovens têm o hábito de assistir televisão com grande frequência; 47 jovens sempre escutam alguma música; e os encontros entre amigos é de grande importância para 37 jovens.

Das práticas espaciais que os jovens fazem ou aparecem eventualmente no seu cotidiano, destacam-se que, dos 60 entrevistados 52 jovens frequentam eventualmente o Shopping; 53 jovens eventualmente assistem filmes no Cinema; 40 jovens costumam ir a parques de diversão que ocorrem na cidade; 38 jovens costumam ir eventualmente às praças do bairro/cidade; 32 tem o hábito de ir a shows eventualmente. Nisto 38 jovens responderam que costumam ir a festas eventualmente

Entre as atividades que os jovens estudantes nunca fazem ou aparecem, destes 60 jovens entrevistados 46 nunca foram à museus; 33 não alugam filmes; 43 nunca foram ao Teatro; 32 jovens nunca foram ao Circo com; sobre a prática de futebol, 35 dos 60 jovens entrevistados não praticam este esporte; 28 jovens não jogam videogame.

Estas ações acima, expõe os hábitos que os jovens têm fora do espaço escolar, e destas levam para escola, desde os encontros entre amigos, encontros na igreja, de estarem conectados na internet, um meio de conversação, um assunto de interesse, um filme, um lugar de encontro, uma música em comum, ou seja, o seu cotidiano.

Ao conhecer os jovens através de suas práticas espaciais representados nos seus cotidianos, apesar de grande diversidade, compreendemos que também tem relação à renda familiar, que condiciona cada vez menos a idas aos lugares da cidade, e seus consumos, impossibilitando aos mesmos as novas práticas espaciais e no conhecimento de diferentes espaços urbanos que a cidade tem ou propõe.

Ao apreendemos os jovens como sujeitos sócio-culturais, de experiências sociais que vão reproduzindo e elaborando uma cultura própria, torna-se necessário abranger como os jovens se relacionam aos distintos espaços da escola, na compreensão das diferentes perspectivas dos jovens em suas pluralidades com a instituição escolar que imprime no jovem

como sujeito homogêneo. E no próximo item iremos entender como é a relação conflituosa e construtiva entre os jovens e a escola.

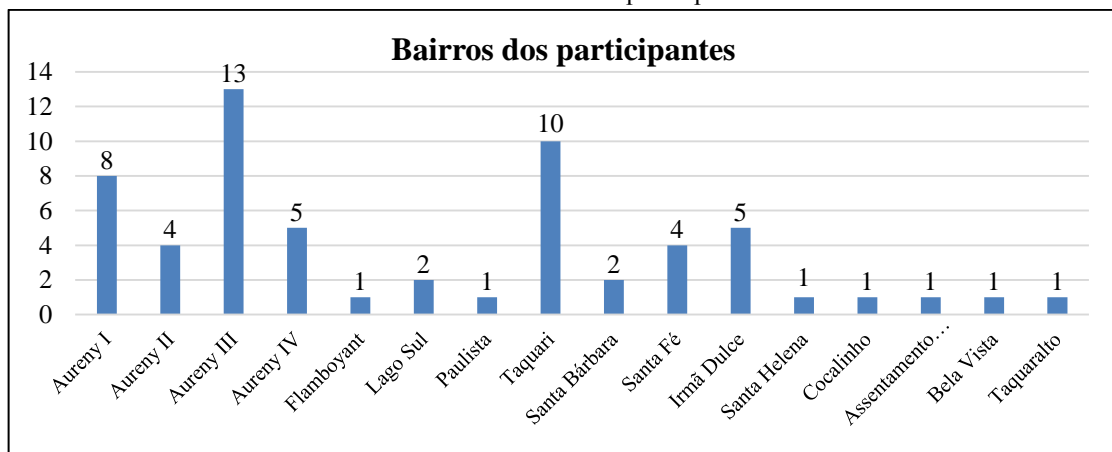
3.2 Jovens estudantes e os espaços da Escola

O Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia, tornar-se-á Escola de tempo integral a partir do ano de 2019, pois até dezembro de 2018, os jovens estudantes tinham como opção de matricular-se por um período na escola, seja no período matutino, vespertino e noturno. A escola está situada no bairro do Aurenny I, na cidade de Palmas - TO, cujo a distância do centro da cidade chega a ser de 20 km, o que faz com que a escola seja para os jovens estudantes um importante lugar de encontro e sociabilidade. Segundo Chaveiro (2011, p. 179):

Dos vários espaços de sociabilidade do adolescente e do jovem contemporâneo, a escola ocupa, especialmente para os oriundos das periferias proletárias das metrópoles brasileira, um lugar prioritário. (...) A força social da escola torna quase obrigatória a inserção do jovem em seus espaços.

No intuito de conhecer a distribuição espacial dos jovens estudantes, procurou-se saber em quais bairros os mesmos residem, e diante disso, observou-se que os jovens entrevistados residem em 16 bairros distintos.

Gráfico 12 - Bairros dos participantes.



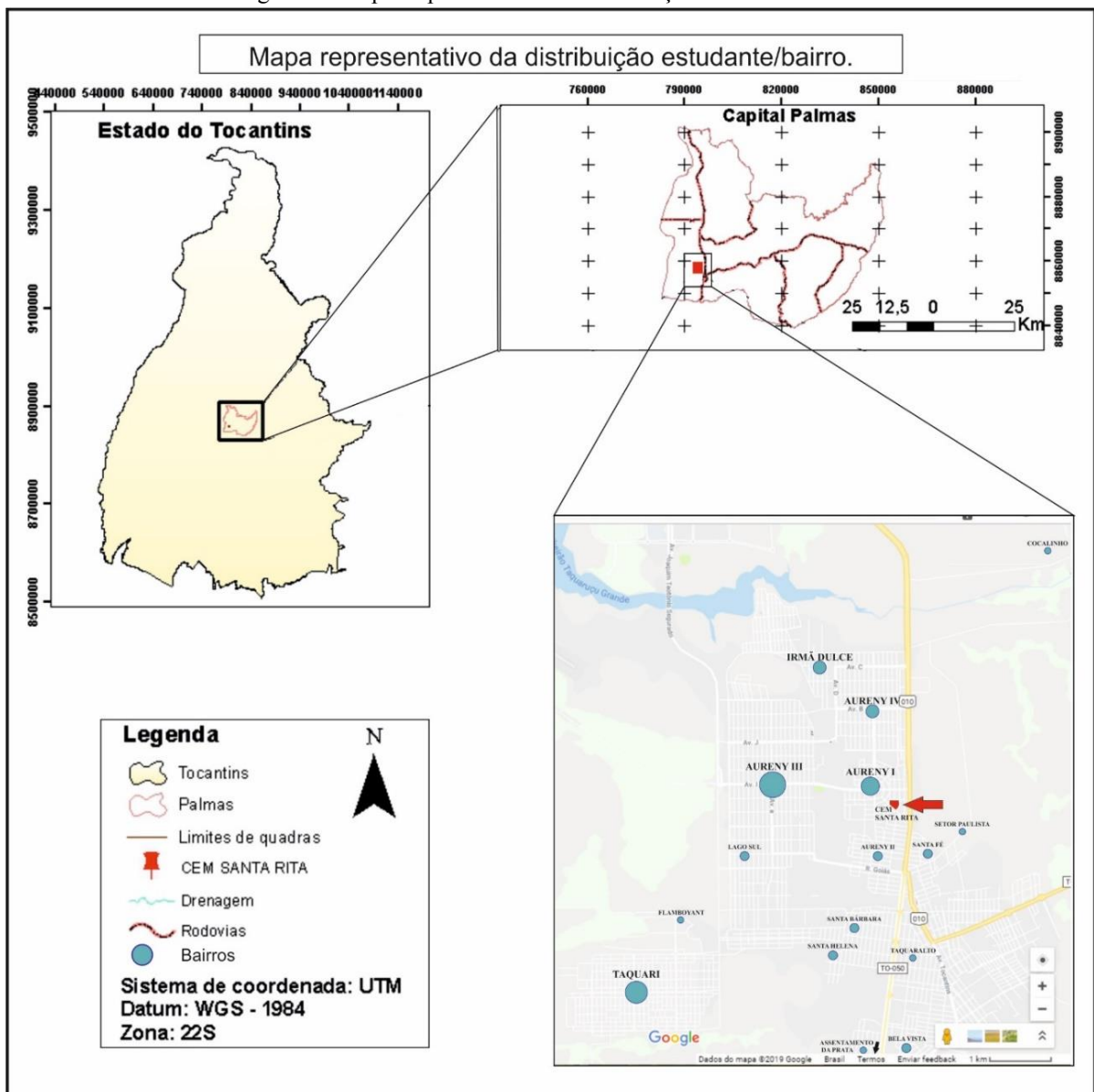
Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Dos 16 bairros distintos, verificou-se que uns são mais próximos e outros mais distantes da instituição pesquisada, sendo que, dos 60 jovens entrevistados, 13 residem no Aurenny III, seguido pelo Taquari com 10 entrevistados e Aurenny I com 08 entrevistados, região inclusive onde a escola pesquisada se situa. Os demais bairros em destaque são o Aurenny IV e

Irmã Dulce ambos com 05 cada. Um ponto a considerar foi sobre jovens estudantes que residem na zona rural de Palmas, sendo eles no Cocalinho e no Assentamento Prata.

Para tanto, foi confeccionado um mapa no qual apresenta-se a distribuição espacial dos jovens estudantes em relação à escola, e a criação de uma legenda de círculos de cor azul, que representam os bairros de moradia dos jovens. De acordo com o tamanho, tem-se a maior e a menor representação dessa população: o círculo maior representando a maior população dos jovens entrevistados, e o círculo menor representando a menor população dos jovens entrevistados.

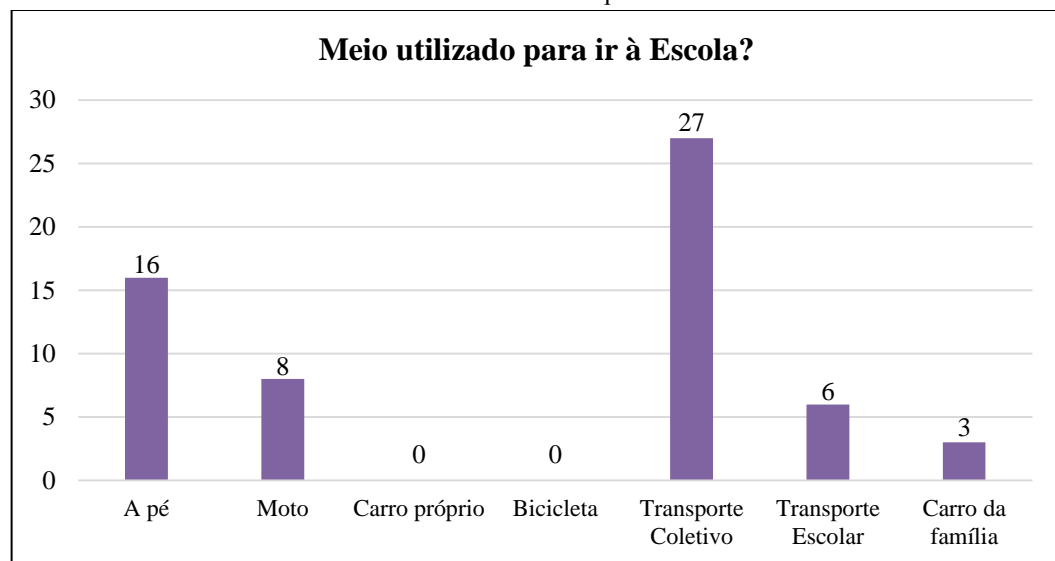
Figura 4 - Mapa Representativo da distribuição estudante/bairro.



Fonte: Google maps adaptado por Douglas Souza dos Santos (2019).

Observa-se através do respectivo mapa que a escola é um importante espaço para estes jovens estudantes que se deslocam de diferentes bairros, mesmo sabendo que na proximidade de suas casas, há escolas que ofertam o ensino médio para o estudo. Quando se analisa a distribuição espacial dos jovens entrevistados em relação à escola, torna-se necessário, conhecer quais meios de locomoção que os jovens usam de suas residências até a escola, no objetivo de conhecer algumas de suas práticas espaciais, e saber algumas das dificuldades quanto ao itinerário casa-escola. E os dados encontrados foram os seguintes:

Gráfico 13 - Meio utilizado para ir à escola.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Assim, ao entender as espacialidades dos jovens na cidade e na escola, compreende-se partes da totalidade da vida social dos mesmos (CASSAB, 2015), e parafraseando Vanderlei (2018, p. 109) torna-se pertinente “compreender a movimentação desses jovens e as relações estabelecidas a partir de suas ações e dos usos que fazem desses espaços”. Observa-se que de acordo com os resultados há uma pluralidade dos meios de locomoção descrita pelos jovens e que representam o seu cotidiano na relação casa-escola.

Sobre a locomoção da casa até a escola, o transporte coletivo representa para 27 jovens estudantes a mobilidade necessária para efetuar o itinerário residência-escola, 16 jovens que se deslocam de suas residências a pé, e os que se deslocam de moto (ora via carona, ora via moto-taxi, ora com a sua moto própria) são para preferência de 08 jovens entrevistados.

Em relação ao uso do transporte público, pode estar relacionado a distância que esses jovens residem em relação à escola, e a escola em conjunto com a prefeitura municipal de Palmas, oferta aos mesmos jovens a oportunidade de eles confeccionarem o passe estudantil, no qual a maioria dos jovens pagam meia-passagem. Há uma atenção quanto ao transporte

escolar, que são para os deslocamentos de estudantes que moram em zonas rurais e estudam na escola.

É importante para os jovens terem uma escola com estrutura e qualidade próximos de sua residência, para que os mesmos façam esse deslocamento, sem o custo de consumir um serviço, no caso o transporte público, ou combustível de algum veículo. No entanto, para Batista e Silva (2016, p. 161):

Para os cidadãos terem acesso ao espaço escolar, assim como para acessar qualquer outro espaço público, precisam se deslocar. E deslocamento pressupõe meios para tal fim, envolve as formas de transportes na cidade e vias adequadas que possibilitem o movimento das pessoas para exercerem seu direito a usufruir da cidade. Os diferentes meios de deslocamento pressupõem a produção de diferentes percepções do/no espaço urbano.

Figura 5 - Diferentes formas de mobilidade à escola: Imagem A e B jovens estudantes utilizando transporte coletivo. Imagem C – Jovens estudantes locomovendo sem o uso de veículo.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Neste tópico serão traçadas algumas discussões à cerca da relação que os jovens estabelecem com sua escola e sua cidade e apresentar como a Geografia pode contribuir para um entendimento da realidade vivida por eles. Durante o grupo focal, conheceu-se através das falas dos jovens estudantes (Figura 06) as motivações que os levaram a escolherem o CEM Santa Rita de Cássia para estudarem:

Figura 6 - Jovens estudantes na biblioteca (imagem acima). Jovens estudantes em sala de aula (imagem abaixo).



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Participante G – Eu sempre ouvia dizer, que aqui tinha um ótimo ensino de qualidade. É, bom [...] dá pra [sic] perceber que, no decorrer do tempo, ouve sim uma queda, na qualidade da área da educação, mas não foi tanta. A grade de professores também é excelente.

Participante J - O que me motivou a estudar no Santa Rita, foi porque [...] além de ser perto, da minha casa né? Pertíssimo, não gasta com transporte público né? Então, o que me motivou mais foi por isso também. E também, já porque, família, minha família todinha já estudou, então é, como se fosse: Geração e tradição estudar no Santa Rita. E também, porque, no além só dos professores, mas, também os funcionários aqui, são excelentes funcionários, então, merendeira, porteiro. Então eles são ótimas pessoas, então onde o convívio, onde que eu convivo. É um ótimo ambiente, então, eu vou querer estudar neste ambiente.

Participante H – O que motivou a estudar aqui. Foi que, muitas pessoas me falaram que era melhor escola estadual de Palmas, é pública né? E a infraestrutura era boa, o lanche era bom, é, os funcionários.

Participante K - Foi minha mãe! Minha mãe que me motivou pra [sic] cá. Eu não queria não, mas porque ela queria, que eu saísse da minha favela. É que lá é bastante sem futuro.

Participante A - Eu Fiz um acordo com meu pai, que se eu não passasse no IFTO ficar eu ia vir pra cá [sic]! Aí eu não passei e vim.

Participante E – Na verdade pro [sic] aprendizado dos alunos né? Porque é muitos alunos tem dificuldade, às vezes, por exemplo, vem do Ensino Fundamental com a dificuldade, mas, entra no Ensino Médio, já bem melhor entendeu? Tipo assim, dependendo dos professores, com ajuda dos professores, é cada dia uma melhoria!

Participante C – Eu não fui para o IFTO, eu passei na prova do IFTO. Só não fui pra [sic] lá justamente, por causa da distância. Minha mãe não deixou, ela falou que seria muito longe, para pegar ônibus todos os dias, ela falou assim: Então procure uma escola mais perto de casa! E aí eu fui analisar, eu falei assim, não, Santa Rita porquê, os Aurenys, o Santa Rita é considerado melhor ensino médio que tem!

Participante B - Eu vim porque minha mãe me colocou aqui! [...] Minha mãe trabalha aqui, ela é funcionaria aqui na escola. Mas assim, é [...]eu [...] saí do militar [CEM Militar], e não queria muito, não queria sair do militar, é mas [...]eu tive que sair de lá e acabei indo para uma escola particular. Onde eu detestei, não gostei da escola, assim o ensino foi muito bom, me ajudou tanto, muito no ano passado [...] com os conteúdos daqui mas... a escola não me agradou, e eu falei para minha mãe: Olha, eu não... não quero continuar no S [nome da escola], eu não quero continuar nessa escola. Aí minha mãe concordou comigo, e aí me passou para cá, que eu também não queria vir para cá, mas, como era a única escola mais próxima e não podia mais voltar para militar [CEM Militar].

Das informações e motivações que os levaram a estudar na escola pesquisada, apresenta-se uma variedade de respostas, porém, com algumas relações que eles dão valor, por exemplo: a) o valor que eles dão sobre a qualidade do Ensino, mesmo residindo em bairros distantes da escola e sabendo que há escolas de ensino médio próximos de suas residências; b) por motivos financeiros de não estudarem nas escolas que desejam e, este foi o motivo de estudar na escola devido à proximidade de suas casas; c) por acompanharem seus amigos, pois estudaram juntos desde o ensino fundamental; d) por influência da família.

Assim, os jovens estudantes chegam à escola marcados pela diversidade, de origens, lugares, com um acúmulo de experiências vivenciadas em múltiplos espaços, elaborados a partir de uma cultura própria constituídos pelo cotidiano (DAYRELL, 1996). Através destas respostas, pode-se perceber as diferentes e importantes motivações pelas quais os jovens saem de suas casas para a instituição escolar pesquisada.

Uma outra forma de compreender esses jovens que chegam à escola é apreendê-los como sujeitos sócio-culturais. Essa outra perspectiva implica em superar a visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno, dando-lhe um outro significado. Trata-se de compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios (DAYRELL, 1996, p. 140).

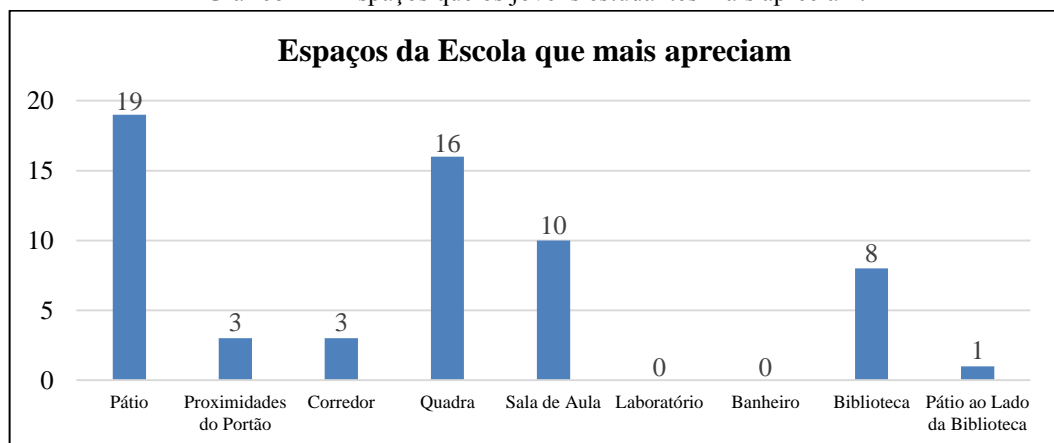
Sobre essas diversidades apresentadas pelos jovens em relação a Escola, também procurou-se refletir acerca das suas práticas no Espaço Escolar.

Torna-se pertinente, a partir daqui, conhecer pelas diferentes visões dos jovens quais seriam os espaços que mais apreciam e os que menos apreciam, e quais seriam as práticas espaciais nos espaços expostos. Para Batista e Silva (2016, p. 107) “a escola deveria reconhecer e valorizar a cultura dos jovens alunos, a partir das práticas espaciais e vivências que estão para além do espaço escolar”. Esta justificativa remete ao fato de que os jovens trazem a cultura de suas vivências para o espaço escolar e, que, segundo Batista e Silva (2016, p. 107), “considerar o que esses estudantes aprendem fora da escola também é importante, tanto como utilizar esses elementos, ao menos como ponto de partida, para a construção do conhecimento escolar”.

É importante ressaltar sobre o papel da escola na distribuição dos seus espaços e tempos que segundo Cassab (2012, p. 14), “a ordem espacial possui uma coerência e o seu arranjo físico é um agente ativo - e muitas vezes definidor - de certas práticas sociais, podendo condicionar suas realizações e a forma pela qual essas se manifestam”.

Em relação aos espaços da Escola que os jovens mais frequentam, das nove alternativas que foram apresentadas, o pátio foi o que obteve o maior número de respostas 19 votos na preferência, conforme apresentado no gráfico:

Gráfico 14 - Espaços que os jovens estudantes mais apreciam.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Além do pátio, outros espaços também foram mais apreciados pelos jovens estudantes, entre eles: a Quadra Poliesportiva com 16 votos na preferência e a Sala de aula com 10. Os demais espaços foram a Biblioteca com 08, as proximidades do portão e os corredores, ambos com 03 votos cada, e o pátio ao lado da Biblioteca com 01.

Um dado interessante que foi observado, é que os 03 lugares mais apreciados pelos jovens estudantes, não obteve tanta diferença em relação ao gênero no momento da escolha. Tanto para o gênero masculino, quanto para o gênero feminino o Pátio, a Quadra Poliesportiva e a Sala de Aula, foram os mais indicados.

Desse modo são apresentadas as práticas espaciais dos jovens e a constituição de territorialidades nos espaços da escola, destacando o Pátio da Escola, a Quadra Poliesportiva, a Sala de Aula e a Biblioteca.

O pátio da escola é um dos lugares mais apreciados pelos jovens estudantes e durante as visitas no espaço escolar, percebe-se que é um lugar onde se pressupõe e materializa o encontro, o espaço de socializações, de convivência entre os jovens estudantes que possui uma dinâmica que aumenta os movimentos durante o recreio, e nos curtos intervalos entre as aulas (rodízio), há movimentações dos estudantes antes e após as aulas, porém, durante as aulas, a movimentação de estudantes diminui, além de ser compreendido de forma latente uma proibição do uso neste período de tempo.

É neste lugar que os jovens estudantes se sentem mais livres, descontraídos, alegres, onde transitam livremente nos diferentes pontos do pátio. Outros ficam conversando, namorando, jogando baralho em pares, em grupos, onde estudantes de diferentes turmas se misturam, alguns sozinhos, escutando música, outros utilizando o celular, outros descansando.

Durante as visitas percebeu-se que na hora do recreio, ocorrem apropriações de alguns setores do pátio e logo a constituição de territórios nos quais diferentes grupos não costumam entreter-se entre eles, no entendimento que também o pátio é palco de conflitos entre os jovens estudantes.

De acordo com a fala do Participante G: É uma coisa, tipo assim: é uma galera do pátio, que fica na parte alta do pátio. Todo mundo já sabe quem vai pra ali [sic]. Se você for pra ali [sic], é meio que você tá arrumando uma encrenca lá aquelas pessoas!

Entretanto, as frases mais frequentes proferidas pelos estudantes relacionadas ao Pátio da Escola foram:

- Vou descansar, conversar com colegas, mexer no celular com meus amigos.
- Leio no meu celular, converso de vez em quando com os colegas da escola.

A dinâmica do pátio muda quando o tempo do recreio acaba, que geralmente tem uma duração de 15 a 20 minutos, e a forma de comunicação para os jovens saírem do pátio e logo entrarem para a Sala de Aula ou a Quadra [aula de Educação Física] é o sinal que toca em um som alto e estridente para todos os jovens em diferentes lugares da escola escutarem e logo entrarem para as aulas, além da saída das coordenadoras de suas salas para orientarem os estudantes de entrarem nas salas, alguns jovens saem mais acelerados quando visualizam algum professor ou professora que está indo em direção a sala de aula.

Outro registro importante, é sobre o uso esporádico do pátio para atividades e eventos da escola, a exemplo, das feiras de ciência, feira cultural, palestras e reuniões que atribuem ações de cidadania com os jovens estudantes. Um último registro que ocorre no pátio escolar, são eventos entre os meses de novembro e dezembro promovidas de faculdades particulares, que deixam estandes no pátio com o objetivo direto de atrair os mesmos para seus estabelecimentos de ensino superior.

Das observações e reflexões dos jovens sobre este espaço de maior apreciação, já que é um dos espaços mais abertos aos encontros e interações, e que, segundo Batista e Silva (2016, p. 90), é quando os jovens estudantes “valorizam e tendem a ser atraídos pelos espaços de socialização livre, menos tutelada pelos adultos. Essa valoração diferenciada para esses espaços ocorre, em certa medida, independentemente de suas condições físico-estruturais”.

Figura 7 - Imagem A e B - Movimentações e diferentes práticas espaciais no pátio escolar.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

A quadra poliesportiva considerada o segundo lugar mais apreciado pelos jovens estudantes, ela é quase coberta, permitindo a entrada de chuva e a grande incidência de luz e calor (menos nas suas laterais), tendo dentro do seu ambiente banheiros e vestiários, mas contendo muros e um portão que a isola das demais áreas da escola.

Percebe-se que é um dos espaços que os jovens mais gostam, onde geralmente ocorrem atividades físicas durante as aulas, e, há outros interesses, pois, o fato dos jovens prestigiarem a quadra de esportes, não remete somente a prática esportiva, mas como espaço para conversarem, passearem ao redor dela, socializarem e entreterem com o celular. Durante as aulas, percebeu-se que é um dos lugares que os jovens têm maior relação com os professores, muitas das vezes gerenciando uma aprendizagem mais significativa aos estudantes.

No entanto, apesar de ser um ambiente amplo e coberto, ainda falta certa estrutura, como a de alguns equipamentos para desenvolverem atividades pedagógicas com os jovens estudantes. É um dos lugares que os jovens gostam de refugiar-se, de não querer assistir aula em outra sala, e logo os professores reconhecem o jovem estudante e orienta para retornar a sua sala de aula.

Durante as visitas na Escola, percebe-se a importância deste espaço para os jovens estudantes, mas, tem um tempo estabelecido para tais práticas, na qual, durante o intervalo (recreio), a quadra fica interdita, e o portão é fechado, e só é reaberto no fim do intervalo, ou no início das aulas de Educação Física.

No grupo focal, foi pertinente as falas sobre a Quadra Poliesportiva:

Para o Participante B – Uma coisa que o Santa Rita podia fazer na hora do intervalo, era liberar a Quadra, pois seria uma coisa muito boa [...].

Há percepções sobre a estrutura da quadra, que os jovens citaram como deficiências do lugar, que segundo o Participante E: - [...] também lá na quadra não é muito bom de ficar quando chove, porque já aconteceu caso de alguns alunos da nossa sala machucarem, por questão de no período da chuva, escorregar, porque acaba chovendo e molhando um certo lado, que é o lado que ele joga futebol, e aí acaba correndo muito e acaba né? Caindo e se machucando, então assim, eu acho que a melhoria que deveria ter era isso, fazer uma estrutura melhor para poder ajudar os alunos!

Outra percepção sobre a Quadra Poliesportiva, é que, quando não ocorrem as aulas da disciplina, os jovens estudantes de outros períodos utilizam para atividades culturais, desde ornamentar a quadra, ou ensaiar uma ação cultural, tendo como exemplo, os ensaios de quadrilha para realização de festa junina.

Para Batista e Silva (2016, p. 120)

O fato é que a quadra é o espaço por excelência da atividade esportiva, ao menos da parte prática, da disciplina de Educação Física. A qual é disparada a disciplina que os estudantes mais gostam, até porque, nas aulas a componente prática tem um grande peso, além de ser realizada fora da sala de aula. O espaço da quadra une no âmbito do concebido, atividade acadêmica, esportiva e até mesmo cultural, proporcionando vivências e práticas espaciais juvenis mais libertas.

Figura 8 - Diferentes usos da Quadra de Esportes (Aplicação de Xadrez Humano).



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

A sala de aula foi o terceiro espaço da preferência dos jovens estudantes, e, em relação as Escolas Estaduais do Tocantins, esta escola divide os seus espaços por disciplinas, ou seja, uma sala que representa História, outra sala que representa Geografia, outra que representa Matemática, dentre outras disciplinas do Ensino Médio. Esta organização territorial promovida pela escola, alterou a dinâmica dos jovens estudantes na totalidade do espaço escolar, sendo que, em cada aula, os estudantes que trocam de sala, e seguem a outra sala de acordo com a divisão das disciplinas e seus horários.

A Escola possui 24 salas de aula, e três laboratórios para aulas (uma ligada à Biologia, outra à Química, e uma ligada à Matemática), além do Labin (laboratório de informática), das salas de aula, cada uma delas representa uma disciplina do Ensino Médio, a exemplo de uma representando a Geografia, outra a Língua Portuguesa e outras com suas respectivas disciplinas. Entretanto ocorreram mudanças durante o ano letivo, que foram os fechamentos de turmas no mês de agosto, decorrentes de diminuições do quadro de matrículas, além de constantes evasões, desistências e transferências de jovens estudantes.

Isto fez com que a escola adotasse uma ‘norma’ da Secretaria Estadual da Educação, e com a diminuição de turmas, os estudantes remanescentes de uma turma, seriam automaticamente transferidos a outras turmas para ampliar o quadro de matrícula por sala, que eram de 12 a 15 estudantes por sala, e alavancando para 25 a 35 estudantes por sala. Estas ações,

são reflexos na diminuição de investimentos que o Estado do Tocantins recebeu na área de educação, além de comportar um paradigma neoliberal no Ensino, visualizando os jovens estudantes como custo e não considerando que são importantes investimentos não somente para o quadro financeiro, mas, para outras áreas de extrema importância para o desenvolvimento da sociedade, a exemplo da politização e cidadania.

A visão técnica economicista da gestão do espaço escolar enxerga apenas o campo econômico, trata as escolas como se fossem uma empresa. Vê a aprendizagem dos alunos como resultante do uso de insumos (ações externas) e, portanto, tendo controle e utilizando bons insumos tem-se consequentemente bons resultados de aprendizagem. Ou seja, a gestão por si só tem a capacidade de fazer com que a escola vá bem (BATISTA e SILVA, 2016, p. 61).

Retornando sobre os tempos na escola, cada aula tem uma duração de 50 minutos, e diariamente as turmas têm cinco aulas sendo que, no período matutino, a primeira aula inicia às 07:30h e a última aula termina às 11:55h, sempre com uma parada para o recreio que geralmente dura 15 minutos e às vezes estende-se para 20 minutos, das 10:00h às 10h15. E no período vespertino, a primeira aula inicia às 13:30h e a última aula termina às 17:55h, e igualmente em relação ao período matutino, sempre com uma parada para o recreio que geralmente dura 15 minutos e às vezes estende-se para 20 minutos, das 16:00h às 16:15h.

Assim, com a constante mudança de jovens estudantes por sala de aula e por aula, é permitido aos mesmos observar as diferenças entre as salas, estabelecendo comparações em relação a estrutura de cada sala, sem que ocorra a comparação metodológica de cada professor. Portanto, compreende-se que a opção de considerar a sala de aula como um dos lugares de maior preferência segue a possibilidade de o lugar ser um ambiente de socializar entre os iguais do que propriamente o lugar de estudo.

Evidencia-se, portanto, alterações quanto a dinâmica de cada aula, na qual a primeira aula é um momento de constantes entradas de estudantes na sala, que costumam ocorrer nos primeiros quinze minutos de aula. Na qual quando chegam, logo procuram seu lugar na sala, geralmente os lugares já estão delimitados pelos mesmos, ora entre os seus pares, grupos ou sozinhos, e neste ensejo ao sentarem, organizam os materiais de acordo com a sala/matéria. E logo quando os jovens se encontram na sala, cumprimentam-se, alguns aproveitam e conversam, outros prestam atenção inteiramente na aula, outros de maneira mista (conversa e aula), alguns olham no celular (redes sociais, ou rádios por fones de ouvido).

No final da primeira aula, toca o sino e ao invés da troca de professores, são as trocas de estudantes por sala, e inicia uma aglomeração de jovens nos corredores a migrarem em outra

sala/matéria, neste período de troca é comum as idas para beber água ou idas ao banheiro, conversas, recados ou pegar materiais emprestados para a próxima aula.

No segundo horário que geralmente começa de 02 a 05 minutos do início da aula, os jovens já entram no ritmo das matérias para o estudo, é um dos momentos que há menos conversa, e alguns hábitos continuam, como olhares no celular e participação plena das aulas, além da reorganização dos grupos da turma. Porém, há muita procura de cadeiras de outras salas, já que algumas salas não tem um número pleno para totalidades das turmas. Durante o horário, há uma rápida contabilidade dos auxiliares da cantina para saber quantos jovens por turma estão presentes para posteriormente ser entregue o lanche.

Toca o sino da troca de sala, e a cena se repete, sobre a dinâmica do rodízio, o que constata é o menor pedido de idas ao banheiro e beber água durante as aulas, além dos encontros e procuras de jovens estudantes por outros colegas nos corredores.

A terceira aula é um dos momentos de menor uso para aula, na qual alguns professores fazem estratégias de otimizar as mesmas, sabendo que a aula tem uma duração de 50 minutos, a sala é cotidianamente interrompida neste terceiro horário para os jovens lancharem na sala de aula, esta atuação tem uma duração de 20 a 30 minutos, e os professores geralmente usam este horário para tirar dúvidas, ou propor atividades em sala, havendo neste momento o aumento de conversas, risos e distrações, e ao se aproximar do recreio a expectativa para sair da sala é grande, causando certa agitação na turma.

Na quarta aula, há demoras de entrada de estudantes na sala, pois muitos aproveitam todo o tempo possível do recreio para entrarem em sala, mas logo e aos poucos os jovens chegam nas salas/disciplinas e as atividades iniciam, é um dos momentos que alguns jovens fazem as ‘resenhas’ de alguns ocorridos durante o recreio, e tramam alguma ação para paquera e até conflitos fora da escola.

No penúltimo sino, identifica-se a troca de salas, em que muitos geralmente combinam ou finalizam possíveis encontros e/ou conflitos fora da escola, além de alguns que aproveitam para beber água, ou idas ao banheiro, neste rodízio (entre a quarta e a quinta aula), muitos jovens se escondem em alguns lugares para não participarem da última aula.

No último horário (quinta aula), há uma diminuição dos rendimentos dos jovens estudantes na sala de aula. Percebe-se que há uma diminuição das conversas em sala, além da falta de concentração. Uma situação recorrente é sobre a atenção maior de jovens que utilizam o celular, quando aproxima o termino da aula, ocorre uma agitação e ânsia que a aula termine, isso faz com que alguns professores utilizem neste final de período para a promoção de

atividades, e quando os mesmos terminam as atividades e/ou tiram dúvidas acerca de algum assunto, os professores autorizam a saída com 05 a 15 minutos antes do final da aula.

Outra observação importante é a diminuição do fluxo de estudantes na sexta feira, ou próximo ao feriado, em que muitos preferem não assistir as aulas nestas datas, aumentando a evasão escolar.

Das observações em sala de aula torna-se evidente que, a maneira como os jovens escolhem os lugares para sentar e participar da aula é relativa. Há jovens que preferem ficar nas primeiras carteiras próximas ao professor (a), outros tem o hábito de ficar próximos da porta ou das janelas para observar a dinâmica do ambiente fora da sala, alguns ficam centralizados ou estrategicamente posicionados em lugares ventilados (próximos de ventiladores, ou direções que o ar condicionado joga a baixa temperatura), e jovens que costumam ficar em dupla, ou ficam em grupos no fundo da sala de aula. Há casos de jovens que circulam nos diferentes lugares da sala de aula, interagindo com outros jovens, desde no fundo, no meio da sala ou próximos da porta e janelas ou em sua conveniência/necessidade na participação das aulas, posicionados próximos dos professores.

Observou-se durante as falas dos jovens a importância que eles dão à sala de aula, como um lugar para interagir e constituir as primeiras amizades na instituição, a apropriações dos lugares e seus respectivos grupos. Compreende-se que a sala de aula, além de ser um dos lugares de aprendizagem, e pelo cotidiano, é um importante e rico espaço de encontro, que constitui características próprias de cada turma, e da convivência com a diferença, na qual Dayrell (1996, p. 149) afirma que “é a convivência rotineira de pessoas com trajetórias, culturas, interesses diferentes, que passam a dividir um mesmo território [...] formam-se grupos, por afinidade, interesses comuns, etc. [...] cada grupo tem regras e valores próprios”.

Das afirmações que a sala de aula é um lugar de aprendizagem, sociabilidade e convivência, os jovens estudantes através de seu cotidiano, apresentaram diferenças entre as suas falas sobre as salas de aula e seus ambientes como por exemplo: a) a falta de uma estrutura para as salas de aula, reconhecendo diferenças entre elas, nas quais reportam desde diferentes ‘tamanhos’ de cada sala, uma com mais cadeiras, resultante de turmas mais populosas; b) salas climatizadas e outras não; c) salas que tem estrutura, com materiais de aprendizagem e outras sem a mesma oferta.

Há jovens que relacionam a estruturas das salas com a metodologia dos professores, de tentar apresentar uma aula significativa, e, para o Participante C- Eu acho que depende da sala. Pois tipo assim, tem a sala de Biologia que [...] têm ar-condicionado, mas isso vai do professor né? Porque, os professores mesmo que tinha, o ar condicionado na sala, eles falaram,

que eles que colocaram ar-condicionado na sala. Então, é, a sala, a sala mais as aulas estruturadas são as que os professores organizam! Tem outras salas que são enormes, tem outras que são pequenas! Tem outras que a ventilação é ótima, tem outras que já é, a ventilação é horrível! Então eu acho que depende muito [...] Se a escola não tiver muita [...] é [...] condição financeira para colocar ar-condicionado, todas as salas, coloca apenas uns três a quatro ventiladores.

Para o Participante K - O Estado está falando sobre [...] quando esta questão fala, é educação pública. A educação pública não tem uma estrutura, nenhuma escola tem uma [...] ótima estrutura, ainda mais, uma escola pública né? Uma estrutura viável para os alunos. Então, não, não temos estrutura.

Dos problemas que a escola apresenta quanto às estruturas, evidencia-se que não é um caso isolado na instituição pesquisada, mas é algo recorrente em muitas escolas públicas do país e que corrobora com o entendimento de Batista e Silva (2016, p. 121) sobre as estruturas das escolas:

Existe uma série de problemas no espaço físico das salas de aula, assim como ocorre na escola como um todo. São paredes descascadas, reboco caindo, teto com infiltração, lâmpadas queimadas ou faltando, ventiladores, quando existem, nem sempre funcionam, quadro negro com rachaduras. No entanto, há que ressaltar o asseio no início do turno, pela manhã as salas estão limpas. Já nas últimas aulas do matutino, normalmente, há lixo espalhado pelo chão, mesmo todas as salas tendo lixeira (BATISTA e SILVA, 2016, p. 121).

De acordo com Dayrell (1996) a sala de aula é um espaço potencial de debate de ideias, confronto de valores e visões de mundo, que interfere no processo de formação e educação dos jovens estudantes. E isso tudo constitui as práticas sociais e suas territorialidades na sala de aula e na escola.

Cavalcanti (2013) reconhece que os jovens são agentes do processo de produção e reprodução do espaço, e por diferentes modos, buscam constituir seus lugares, neste caso, espaços públicos como a escola, e neste movimento constante com a escola, transformam-na e se transformam constantemente, produzindo espacialidades, imprimindo nelas suas marcas e construindo as suas identidades.

Pode considerar que os jovens, ao entrarem nos espaços escolares de qualquer lugar, são agentes de espacialidades (CAVALCANTI, 2013). E os professores de Geografia, tem uma riqueza quando ensinam sobre os aspectos da espacialidade em geral, pois “estão falando da história e dos espaços dos sujeitos que a configuram, de alguma maneira, estão falando dos próprios jovens, seus alunos” (CAVALCANTI, 2013, p. 82).

Figura 9 - Atividades na sala de aula. A – Professor em aula. B – Interrupção da aula para entrega de lanches em sala de aula.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

A Biblioteca é outro espaço a se considerar, já que obteve 13% de preferência entre os jovens estudantes entrevistados. A Biblioteca é um importante lugar que os jovens valorizam, já que possui ar-condicionado, banheiros, bebedouro, além do acervo de livros e mapas, tem seis conjuntos de mesas com 05 cadeiras cada.

É um dos espaços frequentados por jovens estudantes que estão no período de estudo e jovens de outros períodos, que aproveitam o momento e efetuam as suas pesquisas ou atividades escolares.

Este lugar tem uma mudança na sua dinâmica a partir do momento que começa a hora do recreio, ao receber mais jovens estudantes que usam este espaço, ora para terminar alguma atividade, ora para realizar algum trabalho que os professores solicitam. Por ser um ambiente climatizado, torna-se também, um lugar de sociabilidade, conversas, de descanso, de ouvir músicas no celular, e claro praticarem o ato de leitura.

Segundo as falas dos jovens estudantes durante o grupo focal:

Participante C – Eu acho que ele, a biblioteca deveria ser maior, porque, eu acho que a biblioteca é o melhor espaço da escola, assim, em questão de tudo. É porque, a estrutura da biblioteca é muito boa, porque tem ar-condicionado, tem mesa, tem ventilação, tem janela, tem banheiro, bebedouro, então é tipo, você vem pra [sic] biblioteca é o melhor espaço que tem, mas o espaço é muito curto!

Participante E – É, como todos já tinham falado, o Pátio e a biblioteca né? Só que coloca a biblioteca em primeiro lugar porque, é o lugar que você pega muitos livros para ler,

né? Só que depende da pessoa, porque, tem pessoas que não é muito chegada a ler, é você pega um livro pra [sic] ler e se acaba se interessando, aí acaba começando a ler outro e outro. É e então é assim é, um de lugar de... que você também aprende né? Conhece, você pode pesquisar por novas palavras, daquelas coisas que né?

Figura 10 - Atividades na biblioteca da escola.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

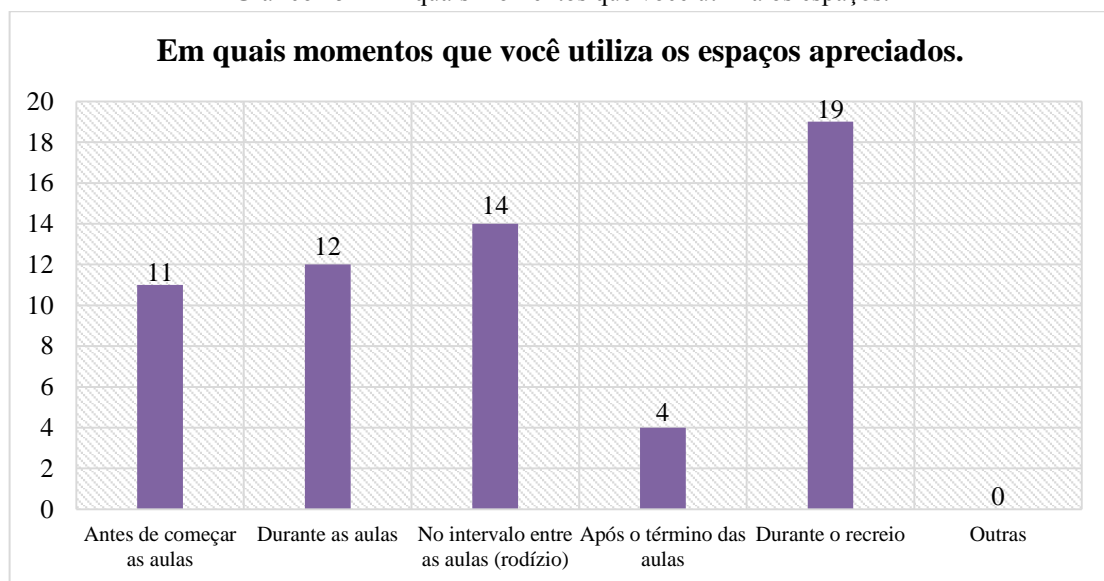
Os jovens não ficam em apenas um lugar do espaço escolar, eles atravessam os diferentes espaços de acordo com as suas necessidades, interesses ou quando se identificam com grupos, ora para fazer alguma atividade escolar, ora para conversar, jogar baralho, brincar, namorar, tocar violão, descansar, ouvir músicas, acessar sites ou redes sociais no celular. Alguns gostam de ficar em grupos, outros em duplas, que podem ser de sua turma, ou de outras turmas, de um contexto cultural (evangélicos, roqueiros, LGBT, esportes, entre muitos), outros sozinhos. Mas a maioria dos jovens participam destes grupos e trafegam entre um lugar e outro, entre um grupo e outro, é um período de descobertas, de usufruir de suas condições juvenis, de viver na diversidade.

A partir do esclarecimento anterior, evidencia-se sobre as distintas territorialidades no espaço escolar, e como referenciam Raffestin (1993) ao afirmar a territorialidade como um conjunto de relações de um grupo a um lugar. E de Saquet (2009, p. 08) quando a territorialidade é “como um processo de relações sociais, tanto econômicas, como políticas e culturais de um indivíduo ou grupo social”.

Em relação aos momentos que os jovens estudantes mais utilizam os espaços que prestigiam, mesmo a escola selecionando aos jovens estudantes os seus espaços e tempos, são

eles que através de suas diversidades apreciam os lugares e por meio de suas apropriações produzem outros sentidos, criando momentos de interesse para apreciação e apropriação de tais espaços, com suas diversidades e subjetividades. Assim, dos 60 jovens entrevistados, 19 jovens destacaram que o Recreio é o bom período para usufruir das práticas espaciais, seguido do intervalo entre as aulas (rodízio) com a preferência de 14 jovens; 12 jovens responderam que tem preferência do uso dos espaços durante as aulas. Destaca-se que, 11 jovens têm preferência do uso dos espaços apreciados antes de começar as aulas e, por último, 04 jovens valorizam o uso dos espaços apreciados após o término das aulas.

Gráfico 15 - Em quais momentos que você utiliza os espaços.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Em relação aos gêneros, há momentos distintos sobre os espaços apreciados, sendo que a maioria dos jovens preferem apreciar os espaços durante o recreio, enquanto a maioria dos jovens apreciam antes de começarem as aulas.

Há uma diversidade das práticas espaciais durante o recreio, sendo que a maior parte dos jovens estudantes tem preferência em ficar no Pátio, outros que preferem a biblioteca, outros os corredores, banheiros, aqueles que transitam durante o recreio em diversos lugares da escola, outros jovens jogam baralho em corredores da escola, outros procuram lugares mais reservados para namorar, cantar, escutar música no celular, conversar, tocar violão, enfim, uma diversidade de ações nas quais os jovens re-significam os lugares e dão vida ao espaço físico da Escola.

Há lugares que os jovens se apropriam dele, e no seu cotidiano, constituem uma territorialidade específica para efetuar uma prática espacial que é no pátio ao lado da Biblioteca,

que apesar de 01 dos jovens preferir este espaço, eles denominam este espaço de “célula”. É um lugar constituído por jovens evangélicos, reflexo de suas escolhas já que dos 60 jovens entrevistados, 31 afirmaram que são evangélicos, e desses 60, 16 jovens tem preferência pela música gospel. Esses dados se relaciona com a afirmação de Dayrell (1996) quanto a diversidade cultural dos jovens estudantes.

Portanto, os alunos que chegam à escola são sujeitos sócio-culturais, com um saber, uma cultura, e também com um projeto, mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente, fruto de experiências vivenciadas do campo de possibilidades de cada um (DAYRELL, 1996, p. 144).

Durante as entrevistas com o grupo focal, os jovens apresentaram algumas territorialidades, e alguns lugares que possuem uma identidade própria, reflexo da apropriação do lugar e posterior aplicação de uma prática espacial. Segundo o Participante B, que cotidianamente frequenta o lugar durante o recreio – Uma celuzinha ali, toda o dia no intervalo. E assim, aquele grupo, é um grupo que vai ajudar você a construir! Bom pelo menos é o que eu penso né? Sobre... ligado a religião, e aí, a escola tem, assim, esse espaço escolar tem essa Juventude que fica, onde fica, onde você... ou vai para o lado da construção, ou vai para o lado da destruição! E isso é o próprio direito pessoal.

Diante desta afirmação foi perguntado aos jovens, porque a célula não fica no Pátio Central da Escola? E logo, três participantes responderam:

Participante C – Eu acho que, no pátio fica muita gente. E não é todo mundo que presta atenção lá. Eles passam nas salas e convida, e traz para um canto mais reservado, que é o lugar é onde eles podem ter, tipo: paz, sossego de certa forma. Porque quando você vai procurar Deus, você tem que procurar um lugar de calma. E o pátio, geralmente, fica uma zona, muita gente.

Participante D – E nem todo mundo que tá (sic) no pátio quer participar... na célula.

Participante B – E geralmente as pessoas que não querem participar, ficam denegrindo a imagem da célula, é o que eu vejo.

Na perspectiva de Araújo e Haesbaert (2007) podemos identificar que esta apropriação de um lugar específico, pode ser caracterizado por uma identidade territorial, na qual dos mesmos constituem a sua territorialidade.

Daí observa-se que esse lugar, é um dos espaços abertos ao encontro, porém não tem uma relação direta com outros espaços como o pátio central devido a possíveis conflitos com demais grupos juvenis, e, neste lugar os jovens se sentem livres para expor as suas condições juvenis através de suas culturas.

Figura 11 - Reuniões de jovens estudantes no pátio ao lado da biblioteca.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018)

O rodízio, que são os intervalos entre uma aula e outra, tem duração de 3 minutos, para que os jovens trocam de sala, já que as mesmas salas de aula são temáticas, ou seja, uma representa a disciplina de Geografia, outra de História, outra de Matemática, e por aí vai.

Diante desta dinâmica que em poucas escolas brasileiras, procurou-se compreender e refletir sua contribuição nas práticas espaciais, apropriação de lugares e na constituição de territorialidades. De início foi perguntado aos jovens o que teria de positivo e negativo com a implementação do rodízio, e as respostas bastante diversificadas, revelou um conjunto significativo de ações.

Dos aspectos positivos que a implementação do rodízio promove aos jovens estudantes tem-se: a) diminui o tédio; b) momento propício para beber água e ou ir ao banheiro; c) oportuniza conhecer diferentes lugares da escola; d) oportuniza as interações entre pessoas e funcionários da escola; e) oportuniza aos jovens rever amigos que estão na escola; f) momento oportuno para descansar; g) oportuniza em conhecer pessoas; h) facilita o trabalho dos professores; i) momento oportuno para pegar matérias escolares emprestados de outros colegas.

Já sobre os aspectos negativos com a implementação do rodízio, os jovens informaram em ordem de inconformidade: a) promove a bagunça e algazarra; b) pouco tempo para o intervalo promovendo o atraso nas aulas; c) promove o cansaço com as constantes trocas de salas; d) reflete na falta de estruturas entre as salas; e) promove a fuga de estudantes para não assistirem a próxima aula; f) se perdem na procura de outra sala para estudar; g) não contribui em nada; h) atrapalha as aulas; i) vontade de não assistir a próxima aula.

Nas falas dos jovens quando atribuem sentidos ao rodízio, apresentando seus aspectos positivos e negativos, destacam-se:

Participante K – As vantagens são que, é nós podemos sair da sala né? A gente ir ao bebedouro, ir ao banheiro. Então, tipo... é meio que, andar pela escola é ótimo, porque[...] ficar toda hora, dentro da sala, todas as aulas é meio cansativo! Então, quando eu cheguei aqui, a primeira coisa que falou foi: Tu vai [sic] ter que acostumar com o rodízio né? Eu nem sabia o que era isso. Quando penso que não, todo mundo saia, os alunos saiam da sala. Então, isso me chamou muito a atenção, e eu gostei pra c[...]. Porque é, não é o professor que sai, é [sic] os alunos que saem e andam pela escola. Isso que é a coisa boa. A desvantagem, nunca achei não, até hoje, nunca achei desvantagem no rodízio [...] Eu vejo que é uma turma se conecta com a outra entendeu? Pega um livro aí, pega um livro aí entendeu. E aí você conecta.

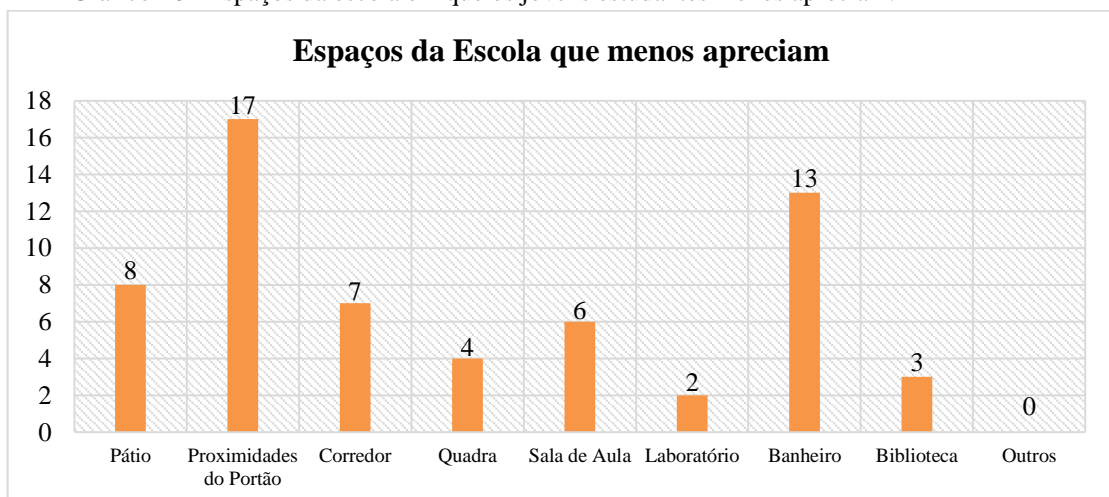
Participante I – É uma forma de interação, às vezes, a gente não conversa com aquela pessoa. A gente acaba encontrando com ela no rodízio e acaba se conhecendo e virando amigos. É uma forma de interação dos alunos [...] Os alunos cabulam a aula.

Participante G – Os alunos aproveitam que tem o rodízio, e acabam que tem fugindo das aulas.

Através dos rodízios, e apropriando uma das perspectivas de Cavalcanti (2013) permite nas distintas práticas cotidianas, que os jovens usem seus corpos no espaço escolar, ocupando-os, apropriando-se deles e produzindo neles as suas marcas. E percebendo sobre os distintos lugares da Escola, as suas virtudes e deficiências por diferentes jovens e grupos, possibilitando uma riqueza de informações sobre como a escola se relaciona com os jovens e os mesmos configuram os seus espaços. Espaços apropriados e constituídos em territórios, e que, “na formação e na manutenção desses territórios, os jovens fazem suas marcas ‘modelando’ suas paisagens, reais e imaginárias.

Na continuidade sobre o conhecimento dos espaços, apresenta-se outras perspectivas do espaço escolar, na qual os jovens relacionam como os menos apreciados.

Gráfico 16 - Espaços da escola em que os jovens estudantes menos apreciam.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Para os jovens estudantes, os lugares menos apreciados em ordem de sequência foram as proximidades do Portão, seguido do Banheiro e da Sala de Aula. Enquanto as jovens estudantes, os lugares menos apreciados foram as proximidades do portão, seguidos do banheiro e o Pátio. Destes, apresentaremos as práticas espaciais das proximidades do Portão e as do Banheiro.

Durante as visitas na escola, observou-se que, a dinâmica das proximidades do portão de entrada da mesma tem semelhança nos dois períodos, na qual o início das aulas começa às 07:30h (matutino) e 13:30h (vespertino). Os jovens estudantes surgem nas intermediações da escola 45 minutos antes 06:45h matutino e 12:45h vespertino, a maioria dos jovens estudantes chegam praticamente em cima da hora. Eles chegam a pé, carona (carro ou moto), moto própria, bicicleta, ora sozinhos, ora em grupos, casais de namorados, outros em conjunto com professores (que chegam 05 minutos antes das aulas), outros com coordenadores e direção (que chegam 30 minutos antes das aulas).

Quando os jovens chegam nas intermediações da escola, a maioria deles tem o hábito de ficar em dois estabelecimentos comerciais (lanchonete) que ficam em frente da mesma, que possuem mesas, cadeiras, banheiros e até espelho externo. Muitos jovens chegam nestes lugares, ora para se alimentar, conversar, descansar, fazer atividades escolares antes de entrar na escola, namorar, interagir no celular, tirar *selfies*.

Os outros lugares que ficam próximos do portão, são os muros da escola e a esquina, poucos jovens ficam encostados nos muros da escola próximo do portão à espera do início das aulas. Geralmente ficam em grupos (conversando), ou sozinhos (olhando no celular, ou escutando música), a maioria deles, a pé ou de bicicleta, ficam na espera do portão abrir para logo se adentrarem no espaço escolar. Outros jovens ficam em pequenos grupos na esquina da escola, não querendo interagir com demais lugares na proximidade do portão, e há os que logo entram no espaço escolar, sem querer esperar, ou ficar em algum lugar antes de entrar no estabelecimento de ensino.

Geralmente no portão de entrada da escola, estão o porteiro e outro servidor (coordenador ou diretor da escola). Eles acompanham a entrada dos jovens na escola, e a maioria dos jovens entram com o uniforme da escola, e quando não estão logo são orientados a não entrarem e retornarem à escola uniformizado. Há outra situação que muitos jovens ficam aborrecidos quando chegam atrasados e não são autorizados para entrar na escola, visto que o início das aulas começa às 07:30h (matutino) e 13:30h (vespertino) e a tolerância de entrada é de quinze minutos, após a tolerância, o portão se fecha, e não é permitido a entrada de estudantes. Estas situações quanto a permissão para entrar na escola, seja uniformizado, seja

pelo o tempo estabelecido, causam estranhamentos entre os jovens e os funcionários, principalmente coordenação e direção, pois os jovens não costumam acatar normas que a escola afirma, ocorrendo transgressões dentro do espaço escolar, e os jovens criam no imaginário que a escola não tem empatia devido a sua diferença.

Mas há exceções, quando jovens chegam em conjunto com pais ou responsáveis, quando apresentam atestados médicos, quando alguns com o uniforme do jovem aprendiz (turno vespertino), e outros que a própria escola conhece sabendo que os motivos são que os jovens levam seus irmãos ou parentes para creches ou escolas de ensino infantil antes de entrar na escola e assistir aulas.

Durante as aulas, as proximidades do portão, está sendo utilizada ora para entrada de pais ou responsáveis, ora para entrada de estudantes de outros períodos que tem objetivo desde fazer pesquisas no Labin (laboratório de informática), na biblioteca, ornamentar a quadra para algum evento, ou resolver situações burocráticas com a escola. Há momentos de entrada de professores e demais funcionários devido ter o tempo hábil de trabalho distinto, além de constantes visitas por funcionários da Secretaria de Educação ou da Diretoria Regional de Ensino. Há o caso de saídas de estudantes durante a aula, por motivos de saúde, ou questões privadas, saídas de professores e demais funcionários da escola devido ao cumprimento de horários.

O fluxo de estudantes aumenta quando vai chegando próximo das últimas aulas, sendo que geralmente, professores autorizam a saída de estudantes 10 minutos antes do término da última aula, e os jovens re-apropriam deste lugar, e aproveitam para o encontro, para conversar, assuntos diversos como o que ocorreu em cada turma, risos, paqueras, interação no celular, ou ficam só, muitos deles ansiosos com a reabertura do portão e a permissão da saída dos mesmos.

Há alterações quanto a dinâmica deste lugar, a exemplo de dias chuvosos que diminuem o fluxo de jovens que entram na escola, muitos preferem logo chegar nas proximidades da primeira aula, outros se antecipam refugiando-se nos estabelecimentos comerciais para a entrada da escola, e logicamente não há jovens que ficam encostados no muro da escola e muito menos os que ficam na esquina esperando a abertura do portão. Quanto às saídas, há semelhanças, na qual permitem a saída dos jovens com até 20 minutos de antecedência do final da última aula.

Apesar dos jovens estudantes considerarem as proximidades do portão como um dos espaços menos apreciados, por perceberem como um mero local de passagem, já que restringe a entrada devido aos uniformes e atrasos, há também o reconhecimento de que é um dos primeiros lugares que os jovens socializam, e para Batista e Silva (2016, p. 115) a proximidade

do portão “é lugar de encontrar os amigos, bater papo, brincar, sorrir etc. É um espaço onde eles encontram maior liberdade, pois se localiza numa faixa entre o dentro e o fora da escola e, numa temporalidade do antes e do depois das aulas”.

Os banheiros são um dos lugares que os jovens não gostam de frequentar com 22% e, o uso deste lugar tem uma maior frequência principalmente durante o intervalo (rodizio) e recreio. Reconhecendo que o banheiro além de ser um lugar para necessidades fisiológicas, apresenta como espaço de sociabilidade, de ser ver no espelho, tirar *selfies*, sendo também um dos lugares que secretam algumas ações que os jovens consideram fundamentais, desde de conversas de diversos assuntos que não podem estar visualizados ao público escolar, namoro, usos de cigarros e vendas de entorpecentes.

Durante as visitas na escola, percebeu-se que é muito comum os jovens frequentarem estes espaços antes das aulas, pois dentro dos banheiros tem-se o espelho, equipamento essencial para os jovens ajustarem seus visuais. Entretanto, percebe-se que nestes espaços há uma incidência maior de depredações realizadas pelos jovens, como por exemplo, no caso do banheiro masculino que contém pichações, demarcando paredes, portas do banheiro com nomes do estudante e a turma da escola que pertence, além de deixar no teto do banheiro, papel higiênico molhado. Para Batista e Silva (2016), estas ações ocorrem quando os jovens não são incomodados por funcionários da escola (professores, coordenadores, orientadores, dentre outros) dentro destes lugares e, de modo geral, expressam rebeldia, questionamentos das condições que a própria escola lhe oferece ou impõe.

Assim, os jovens atribuem mais sentidos a estes espaços através de suas práticas espaciais, e durante as conversas, discussões e debates com o grupo focal, os jovens entrevistados apresentaram perspectivas que justificam o banheiro como um dos lugares menos apreciados:

Participante C – É justamente isso, eu acho que [...] é a conscientização das pessoas mesmo que utilizam. Só que o banheiro também é pequeno, porque tipo, é muito aluna.

Participante A – Uma coisa que eu acho que devia mudar, é que [...] a porta do banheiro ela é virada para sala de aula, onde tem a janela! Aí acho que deveria ser, ou para outro lado ou ter uma parede ali na porta, pelo menos para impedir, a visualização.

Participante G - A única coisa do banheiro, é só o espelho que é bom. Porque o resto.

Participante J – Os alunos, já fizeram, é, grupo estudantis, já fizeram. Colocaram no banheiro feminino, absorventes, coisa tudo bonitinho, já botaram frases motivacionais. Mas, as próprias pessoas dentro da escola [...].

Participante G – Jogam no lixo, acabam, destrói.

Estas afirmações são decorrentes das práticas espaciais dos jovens que utilizam o banheiro, e logo percebem deficiências a este lugar, refletem quanto ao uso e conservação deste ambiente.

No geral, a constatação é de que os banheiros não dispõem das mínimas condições estruturais e de higiene para serem utilizados. Materiais básicos como papel toalha e mesmo papel higiênico raramente existem. Observamos um estado físico deplorável, com paredes e teto com infiltrações, mofo e pichações, sanitários inutilizados e sem portas, torneiras e pias quebradas, luminárias que não funcionam. Isso sem falar nas condições de higiene, por vezes, deploráveis: pisos inundados, sujeira e um mau cheiro tremendo. Resumindo, o banheiro escolar, via de regra, é um local insalubre (BATISTA e SILVA, 2016, p. 125).

Chaveiro (2011, p. 179) acrescenta que, “o estranhamento do jovem aluno diante da escola e o mesmo estranhamento da escola diante do jovem aluno transforma o ambiente escolar num reino de perplexidades”.

Para Batista e Silva (2016, p. 91):

A partir dos relatos dos estudantes identificamos que, a despeito de todos os entraves que a instituição escolar coloca, eles conseguem, em certa medida, exercer sua condição juvenil. Nem as péssimas condições estruturais, nem mesmo a rigidez do arcabouço normativo que a escola dispõe, impedem os jovens-alunos e alunas de realizarem suas práticas juvenis. Eles e elas estão sempre andando em grupos, conversando, usando o smartphone, passeando pela escola, usando roupas, calçados e adereços típicos dos jovens, paquerando, cantando ou ouvindo música etc. A atitude contestadora, sempre na cena juvenil, figura com bastante pujança por entre o espaço escolar

A relação dos jovens com a escola é permeada por múltiplos sentidos e significados, por sentimentos positivos e negativos, compreendemos que os jovens vivenciam o espaço escolar cotidianamente, possuindo uma boa leitura dos lugares, na produção e apropriação do espaço escolar e constituição de territorialidades, e práticas espaciais nas quais também revelam as distintas identidades dos jovens, apresentando as juventudes na pluralidade.

Lugares das práticas e das vivências com os quais os jovens estudantes interagem e convivem, que segundo Greco (2000, p. 153) afirma que “estes espaços são e estão sendo descobertos por ele (a) s como lugares singulares, com outras novas referências da cultura juvenil ou como espaços que estão em conformidade com o tempo em que vivem”.

Nas relações entre os jovens e os lugares da escola, tornou-se pertinente conhecer se os mesmos têm o hábito de frequentarem a escola fora do horário de suas aulas. Foram oferecidas três alternativas na obtenção dos resultados, na qual dos 60 jovens entrevistados, 32 mencionaram que não frequentam a escola fora do horário de aula, enquanto para 27 jovens

afirmaram que frequentam eventualmente e 01 jovem tem o hábito de frequentar a escola fora do horário de aula.

Através desta informação, mais da metade dos entrevistados 32 jovens, não tem o hábito de frequentar a escola após as aulas, mas eles utilizam os diversos meios digitais através da internet, para conversarem e da não necessidade de irem ao espaço escolar para efetuar estudos ou pesquisas acadêmicas. Entretanto, no outro pólo, com 28 jovens afirmaram que frequentam com sempre ou eventualmente, deste pólo, perguntamos aos jovens sobre quais lugares da escola eles mais frequentam fora do horário de aula, e qual seriam as suas práticas espaciais e com quem.

Das diversas respostas, destacaram-se as idas à Biblioteca, seguido do Pátio, às pesquisas no Laboratório de Informática e a Quadra de esportes. De tais lugares, tanto as idas à Biblioteca e ao Laboratório de Informática corresponderam em efetuar atividades escolares como pesquisas e trabalhos de algumas disciplinas, nestes em ampla maioria responderam que fazem com colegas e amigos, um pequeno número na qual foram dois jovens estudantes, responderam que chegam na escola fora do horário de aula, para idas tanto à Secretaria da Escola, quanto à Sala dos Coordenadores para resolverem assuntos pessoais.

Já que a escola é além de um espaço de aprendizagem, um lugar de encontro, sociabilidade, interações, descobertas, diversidades, convivências e amizades, perguntamos aos jovens estudantes mesmos, se, encontram com os colegas de sala ou da escola fora do espaço escolar.

Dos dados apresentados, podemos compreender que, dos 60 jovens entrevistados 41 jovens estudantes se encontram eventualmente fora do Espaço Escolar, e 16 tem o hábito de sempre encontrarem com os colegas da escola, estes dados decorrem novamente que os entrevistados são os jovens estudantes do 3º ano de Ensino Médio da Escola pesquisada e que, provavelmente se relacionarem mais tempo na escola, criam círculos de amizades que ultrapassam os muros da instituição, mas, há 03 dos entrevistados que responderam que não encontram com colegas da escola fora do espaço escolar, devemos compreender que as possibilidades podem ser as distintas práticas espaciais que produzem fora do ambiente escolar na qual acarreta na falta de tempo para encontros, ou de não se identificarem com as turmas que estudam e muito menos as pessoas que compõem a escola.

Perguntamos ao grupo focal quais seriam os motivos para se encontrarem eventualmente ou sempre, e das discussões, mencionaram que suas práticas espaciais são de são para o lazer, conversas, festas, visitas e encontros em casas de colegas, além dos estudos, e durante as explanações do grupo focal a fala de um participante destacou:

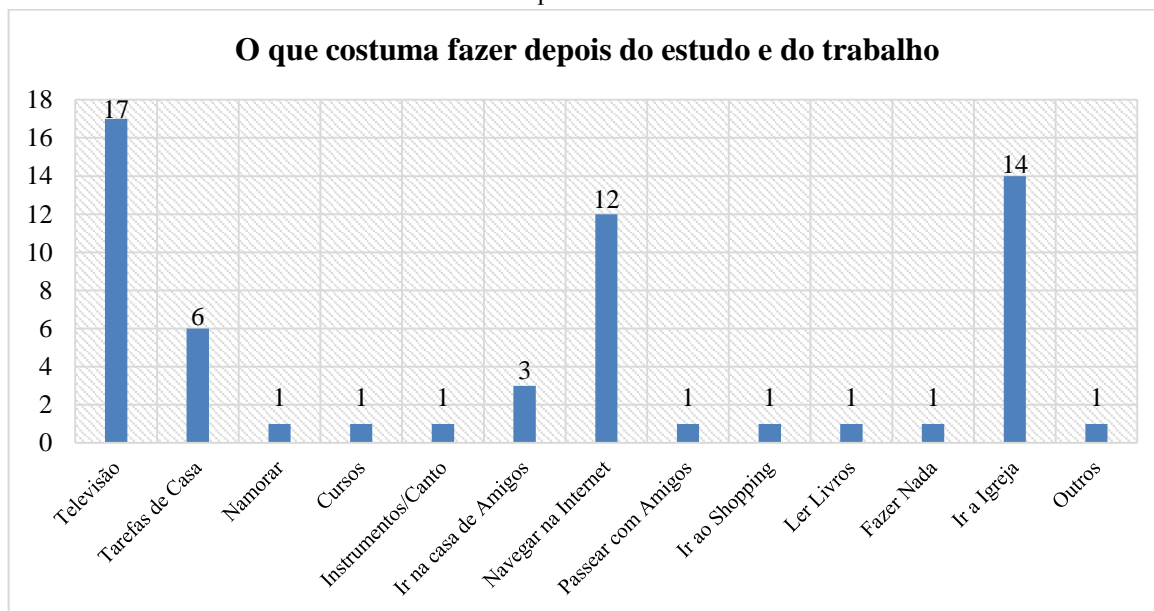
Participante C – A gente faz, a gente, pelo menos assim, a nossa turma ela faz muito...almoço, a gente faz muito programa assim: Vamos assistir um filme ali, vamos, vamos fazer um almoço aqui, vamos fazer a noite do cachorro-quente, vamos fazer um churrasco. Então a gente vai mais assim, pras casas [sic].

Mas o que podemos compreender sobre o encontro dos estudantes fora do espaço escolar?

Para Marques (2013, p. 10) afirma que “a escola é um espaço delimitado fisicamente, mas ao delimitá-lo não necessariamente o estamos limitando”. Isto é de grande valia para conhecer que as juventudes, suas condições juvenis, culturas e espacialidades. Na compreensão que as identidades que os jovens constituem na escola ultrapassam os muros da mesma, a escola não limita as territorialidades dos jovens, em compreender como a instituição é importante para a vida dos jovens e que há uma relação dialética, pois, os jovens também trazem ao espaço escolar as territorialidades constituídas fora dela.

Diante de compreender sobre as práticas espaciais que os jovens valorizam depois do espaço escolar, perguntamos quais seriam as práticas.

Gráfico 17 - Práticas espaciais fora do estudo e trabalho.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Foi pertinente compreender a grandeza das práticas espaciais que eles fazem no seu cotidiano depois de ir à escola, ou ir ao trabalho, das quais foram ofertadas 22 opções de respostas. Das respostas que os jovens apresentaram, três delas destacaram, na qual 17 jovens preferem assistir televisão, seguidos de ir à Igreja com 14 votos na preferência dos jovens, e 12

jovens preferem acessar a Internet, posteriormente destacaram-se efetuar tarefas de casa com 06 votos, visitar amigos com 03 votos, e, as outras 08 opções de respostas foram: tocar instrumentos/cantar, ler livros, realizar cursos, passear com amigos, ficar em casa sem fazer nada, namorar, ir ao shopping e praticar esportes com apenas 01 voto cada, já ler revistas/jornais, ouvir rádio, ir a biblioteca, jogar videogame em casa, visitar parentes, jogar fliperama, ir a *lan house*, ir a bares, não obteve uma preferência.

Das afirmações acima sobre as práticas espaciais fora do espaço escolar, em conjunto com os distintos lugares apreciados e depreciados na escola, compreendemos que são elementos importantes que possibilitam a produção de suas identidades, pois “ se oferecem como espaços culturais de lazer e entretenimento abertos aos/às jovens adolescentes, envolvendo uma rede de novos significados, linguagens e valores, consumo, tecnologia e informação” (GRECO, 2000, p. 153-154).

Há de refletir sobre a condição juvenil dos jovens, devido à baixa renda da maioria dos entrevistados, impossibilitando de ampliar as suas práticas espaciais, aos distintos lugares da cidade, suas mobilidades e consumo, concentrando em ações de suas vivências no bairro, como ficar em suas residências, ir à Igreja e acessar a Internet.

3.3 Mapas Mentais, práticas espaciais e territorialidades dos jovens estudantes

A partir daqui apresenta-se a construção dos mapas mentais feita pelos jovens estudantes do grupo focal, as confecções dos mapas mentais ocorreram entre os dias 10 e 12 de dezembro de 2018, pelos mesmos jovens participantes do grupo focal, na qual foram subdivididos em 04 grupos (um grupo com 4 jovens, dois grupos com 3 jovens cada, e, um grupo com 02 jovens). Destes grupos, foram construídos os mapas mental da escola, representados de acordo com suas perspectivas, discussões, e aprendizagens, dos diferentes lugares do espaço escolar. A criação do mapa mental, é de suma importância tanto para a ciência geográfica quanto para o ensino de Geografia, já que segundo Richter (2011) esclarecem que a Geografia busca proporcionar o jovem estudante um novo olhar sobre o seu contexto sociocultural e esse olhar está relacionado ao estudo do espaço. Para Cavalcanti (2013, p. 84):

De tal modo, pelo ensino de Geografia pode-se desenvolver a capacidade dos alunos de observar, imaginar e descrever paisagens, buscando ajuda-los com elementos teóricos da Geografia a compreenderem a espacialidade – a forma-conteúdo – expressa nessa paisagem. Trata-se de ultrapassar, com essa experiência, a atribuição de um sentido empirista e objetivista para o que se vê cotidianamente, como meramente coisas dispostas no mundo para necessidades imediatas, desenvolvendo-

se a sensibilidade e a relação ativa com ela, colocando-se como participantes de suas cenas.

Dessa forma, foram distintas as perspectivas sobre os lugares do espaço escolar, representados pelos mapas mentais, frutos de discussões, reflexões e produções pelos jovens estudantes entrevistados. Como já foi dito, foram confeccionados quatro mapas mentais no qual, de acordo com suas divisões e habilidades, alguns estudantes ficaram produzindo o mapa pelo desenho, outros explicando cada legenda, outros refletindo se tais lugares que eles desenharam e interpretaram, tem relação direta com a realidade de seus cotidianos dentro do espaço escolar:

Figura 12 - Produção de Mapas Mentais pelos jovens estudantes.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

O momento de confecção dos mapas mentais pelos jovens estudantes, oportunizaram uma maneira dos mesmos espacializarem a escola, e atribuir sentidos aos lugares, que como afirma Lopes (2014, p. 06) “a construção desse mapa pelo aluno possibilitará que ele tenha um olhar mais aguçado sobre as realidades que vive, instigando-o a ser mais crítico do seu espaço de vivência”.

Ao analisar e compreender através das perspectivas, as diferenças e valores que os jovens atribuem no espaço escolar pelo cotidiano, é fundamental perceber de como esse entendimento se mostra pelos detalhes dos lugares, de suas apropriações e de suas territorialidades, e segundo Cassab (2012, p. 13) “a juventude produz espaço e é, também, condicionada pelas formas pelas quais este espaço é socialmente produzido e organizado”.

Assim, seguindo a importância de produzir e compreender as espacialidades dos jovens estudantes através dos mapas mentais, os quatro grupos efetuaram tal ação, alguns com

mais dificuldades, outros nem tanto, mas que gerou entre eles o reconhecimento sobre a importância da cartografia e o seu papel de desvelar ações que estão impressas.

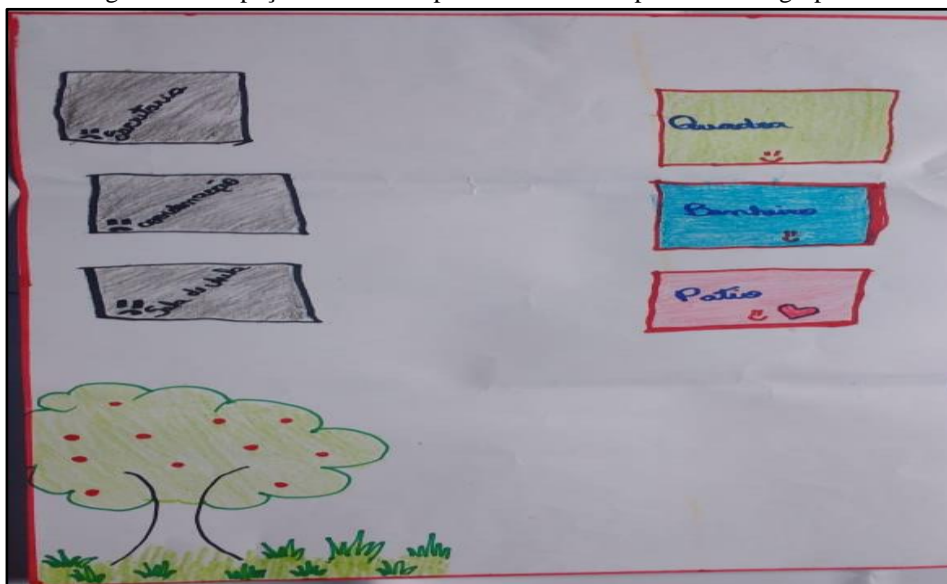
O primeiro mapa analisado, estabeleceu delimitações quanto aos lugares apreciados e os lugares não apreciados, percebe-se territórios delimitados, constituições de territorialidades, cujo o objetivo pode estar relacionado tanto para organizar e controlar, quanto para apropriação e estando neste espaço sentirem-se livres para efetuarem as suas práticas espaciais.

Os lugares não apreciados, são representados pela cor cinza, na qual eles remeteram a tristeza e revolta, estes lugares são a sala de aula, a secretaria e a sala da coordenação, logo pode perceber que eles relacionaram a lugares de organização e controle, que eles entendem que comprometem e interrompem as suas interações e práticas espaciais.

Já os lugares que dão sentido aos jovens, são os lugares apreciados, que são a quadra, o banheiro e o pátio. Percebe-se que, diferentemente quando o outro grupo foi caracterizado com a cor cinza, estes lugares possuem cores, delegando a eles os seus valores nos quais iremos apresenta-los.

Torna-se pertinente informar que, apesar do banheiro ser um dos lugares menos apreciados pelos jovens estudantes, para o grupo que produziu o mapa mental, ele é considerado um dos lugares que os mesmos atribuem valor.

Figura 13 – Espaços da escola representados no Mapa mental do grupo 01.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

O grupo que confeccionou o mapa 02, o fez de uma forma que eles percebem a organização da escola, na qual está relacionada diretamente ao cotidiano, dando sentido aos lugares e conflitos à alguns sujeitos que organizam a escola, destacando a direção, a secretaria,

a biblioteca e o Labin (Laboratório de Informática). Estes lugares citados, foram justificados que os mesmos são tratados com diferença, inferiorizando-os, além do descontentamento quanto a direção da escola.

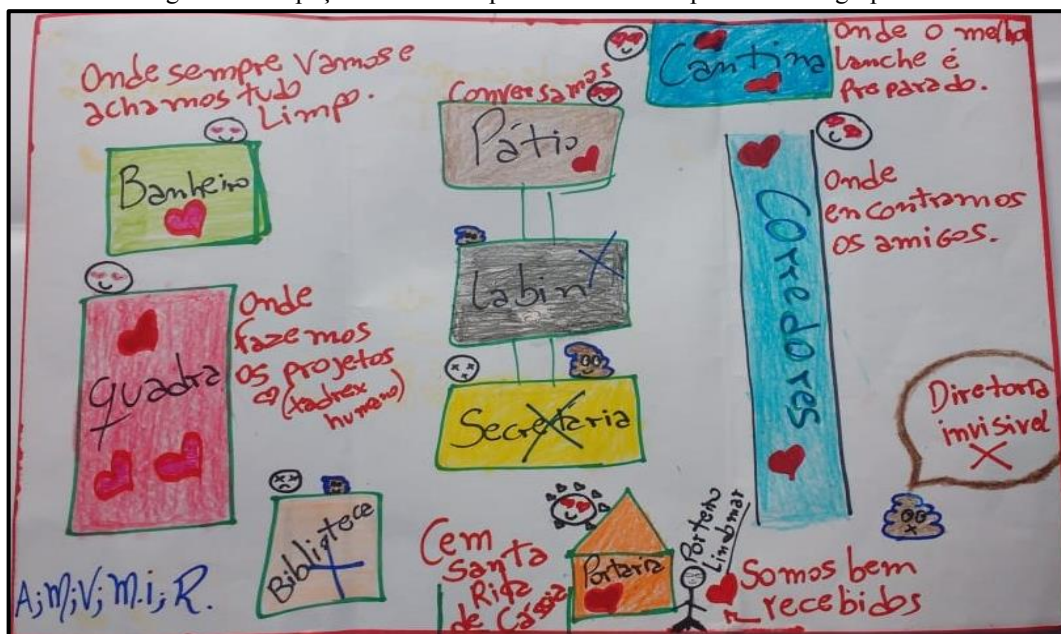
Partindo do portão de entrada, no qual eles denominam como portaria, e logo reconhecem a importância e o papel dos sujeitos que compõe a escola, no caso são bem recebidos pelo porteiro, representando através do desenho do personagem admiração e respeito. Durante as visitas na escola, percebeu-se que muitos jovens ficam nas proximidades do portão, no qual tem dois estabelecimentos comerciais que os jovens usam como espaço de encontro, descanso, conversa, ou até para fazerem atividades atrasadas antes da abertura do portão e do início das aulas.

Este grupo também valoriza os banheiros, intitulando a prestação de serviços como a limpeza e reconhecendo que é um dos lugares frequentados pelo grupo, já que consideram um bom ambiente, ressignificando o lugar, considerando-o como um espaço para obter conversas mais restritas, privadas aos olhares do público.

Esta visão é importante, pois ela entra em choque das demais, que consideram o banheiro como o lugar menos apreciado. Outro ponto em questão é a do reconhecimento do trabalho das pessoas que ficam na Cantina, que são as cozinheiras e dos auxiliares de cozinha, isso se deve as relações cotidianas entre este grupo e sujeitos que representam o espaço escolar, além dos mesmos valorizarem a Quadra Poliesportiva, representada pelos professores de Educação Física, na qual eles intitularam como espaço de ações culturais, a exemplo do projeto de Xadrez Humano.

Estas legendas ligadas aos espaços da escola, apresentam os inconformismos dos jovens estudantes e afirmam da necessidade de comunicação entre os estudantes e servidores que compõem a escola, como professores, coordenação e direção, já que se observa que estes devem se voltar mais para os jovens estudantes e não para si mesmos

Figura 14 - Espaços da escola representados no Mapa mental do grupo 02.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Os jovens que confeccionaram o mapa 03, atribuíram as legendas sobre a representação do espaço que perceberam através de suas práticas espaciais e suas vidas cotidianas. Na criação do mapa, eles organizaram os espaços e deram os significados aos mesmos, na representação do cotidiano.

Na compreensão dos diferentes lugares, delimitaram lugares que apreciam e não apreciam, e em suas territorialidades, os espaços que considera um dos menos apreciados seria a sala de aula, sendo então representada por eles por meio de uma caricatura de tédio, ou caracterizada com o símbolo do frio, já que são salas equipadas com ar condicionado, e dentre elas há exceção, que é a sala de Biologia, que foi a única representada no mapa, e segundo as falas dos jovens que confeccionaram é considerada a melhor sala de aula.

Para tanto, outros espaços que contribuem no planejamento e organização das disciplinas, está representado com a caricatura da vergonha, entendido como o espaço representado por pessoas da coordenação, vistas como pessoas sérias, que querem organização dos jovens nas distintas salas de aula, e quando isto não ocorre, muitos jovens estudantes chegam na sala da coordenação para tirar satisfações sobre ocorridos que a escola classifica como atos de constrangimento. Durante as visitas na escola, foi corriqueiro as constantes movimentações dos coordenadores no espaço escolar com o objetivo de: a) procurar algum estudante que não esteja em sala de aula para logo, localizar-se na aula; b) dar informações nas salas de aula; c) a procura de algum professor para resolver assuntos burocráticos quanto à

escola; d) fixar nos distintos lugares da escola informativos e/ou ornamentar o espaço escolar para possíveis eventos.

Os lugares que representam a biblioteca, a quadra, o Labin (Laboratório de informática) e a secretaria, estão representados com caricaturas mais diretas as suas funções, tanto para a leitura, estudos e pesquisa na biblioteca, quanto na resolução de assuntos burocráticos representados pela secretaria da escola, e nos dois outros lugares a quadra de esportes relacionada ao lugar para prática de atividades esportivas, portanto não ocorrendo através do mapa, outras atribuições ou ressignificações destes lugares citados.

Percebe-se que um dos lugares, é tratado com diferença, e os jovens que confeccionaram o mapa, relacionaram como um ambiente não apreciado, que são os banheiros, representado pela caricatura de um personagem utilizando alguma droga lícita (cigarros) ou ilícitas (drogas, entorpecentes, como maconha). Quando perguntados sobre o porquê de representarem tal situação, eles foram diretos ao dizer que é um ponto de venda e consumo de drogas. Esta afirmação, justifica o banheiro como um dos espaços menos apreciados da Escola.

Dois lugares foram considerados como espaço de sociabilidade, que são o Pátio e o corredor lateral denominado “bequinho”. Isso corresponde que o pátio é um importante lugar de encontro e sociabilidade, e o corredor lateral que a escola considera como lugar de passagem, é ressignificado como um lugar de encontro, tendo dentro deste corredor, uma escada que os jovens utilizam para sentar e descansar.

Outro lugar que os jovens atribuíram importância foi a cozinha, apesar de que os jovens não se movimentam muito para a cozinha, mas os alimentos ou lanches produzidos na cozinha chegam nas salas de aula durante o terceiro horário, e nas falas dos jovens, eles reconhecem o empenho das Cozinheiras e Auxiliar de Cozinha que distribuem o lanche sala por sala durante o terceiro horário das aulas.

Outros lugares que os jovens apropriaram importância são a horta, que o grupo explicou que faz parte de projetos da escola com os estudantes e as vegetações próximas aos corredores e pátio, que tem uma árvore frutífera, na qual os jovens relataram que é um dos seus lugares prediletos.

Figura 15 - Espaços da escola representados no Mapa mental do grupo 03.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

O mapa 04 diferente dos demais mapas, possui uma maneira distinta ao geo-grafar, e representou as práticas espaciais dos jovens estudantes nos distintos lugares da escola. Neste mapa a espacialização dos fatos, com os seus lugares, tempos e eventos foram representados de acordo com a percepção e produção que os jovens estudantes têm através do seu cotidiano. Nisto, possibilitou através do mapa, compreender as práticas espaciais dos jovens, seus territórios e suas territorialidades, oportunizando conhecer por esta perspectiva as identidades dos distintos lugares da escola.

No mapa foi apresentada divisão dos lugares, e as práticas que os jovens produzem, além de descrever as dinâmicas que estes mesmos lugares compõem, demonstrando outros significados usufruídos pelos jovens nos lugares citados, a exemplo da Biblioteca, classificada como um lugar calmo e confortável, cuja dinâmica muda quando ocorrem na escola o momento do intervalo (recreio), em que os jovens apropriam deste lugar, e usufruem como um lugar de encontro, pois aproveitam o ambiente mais fechado e privado dos demais lugares para efetuarem suas relações, e conversa.

A sala de aula foi reconhecida pelo grupo como o lugar onde eles passam a maior parte do tempo dentro do espaço escolar, que além de ser um espaço para ensino-aprendizagem, é visto de acordo com suas diferenças e conflitos. Entretanto, diante da conversa com os jovens estudantes que confeccionaram este mapa, foi destacada a Sala do Laboratório de Biologia, pois é uma sala estruturada com instrumentos para o estudo e ambientalizada para o ensino aprendizagem da disciplina. Foi informado que é o melhor lugar no que diz respeito à sala de aula. E, compreende-se, através do mapa e das falas dos jovens, a importância de um espaço

com equipamentos adequados para efetuar uma aprendizagem significativa e transformadora, que de forma latente, também está relacionada ao planejamento, metodologia e relacionamento dos professores que usufruem da sala citada com os jovens.

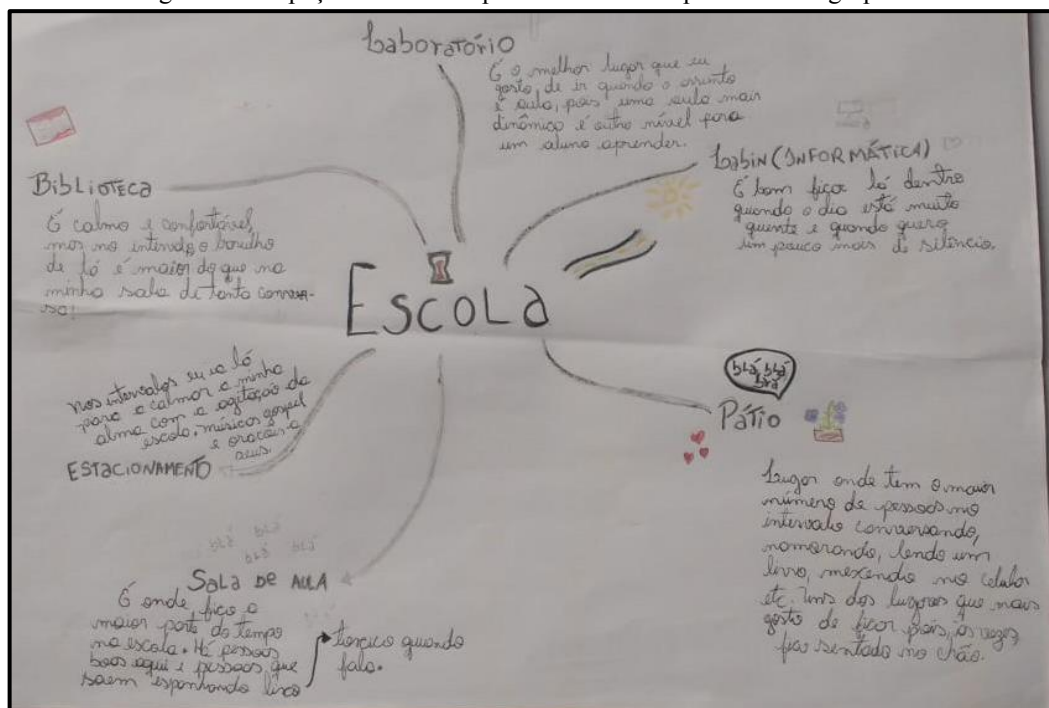
Eles deixaram muito claro ao representar o Labin (Laboratório de Informática), principalmente em dias com temperaturas elevadas, pois a sala tem ar condicionado, o que deixa o ambiente mais agradável, além de ser uma das salas que os jovens estudantes usufruem para efetuarem pesquisas escolares, e estar relacionada a um ambiente mais silencioso em comparação aos demais lugares da escola.

Na continuidade dos lugares e suas identidades, há o espaço que fica próximo ao estacionamento e biblioteca, que através do mapa mental, representa um reconhecido território que foi apropriado para as suas territorialidades. Este lugar denominado no mapa como Estacionamento, muda a sua dinâmica e tem um importante papel que demonstra as diversidades dos jovens nos espaços escolares e suas culturas juvenis representados por uma prática espacial, sendo um lugar usado como um espaço de oração, conversa e louvor entre os jovens que utilizam este espaço preferencialmente na hora do intervalo (recreio).

Já o Pátio, foi expressado como o espaço de maior preferência entre os jovens entrevistados, é exposto no mapa como um lugar de aglomeração, e que possui nele distintas práticas espaciais e territorialidades, descritos como um lugar de encontro, namoro, conversa, de ler um livro, de ficar só, de olhar no celular e usufruídos no horário do intervalo (recreio).

Observa-se que no mapa mental construído pelos jovens, eles desconsideraram os corredores, a quadra de esportes, banheiros, salas de coordenação/direção/secretaria além da proximidade do portão, que apesar de serem apresentados pelas suas perspectivas dos lugares e de suas práticas espaciais, não foram incluídos no mapa mental, considerados, portanto, como lugares não apreciados.

Figura 16 - Espaços da escola representados no Mapa mental do grupo 04.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

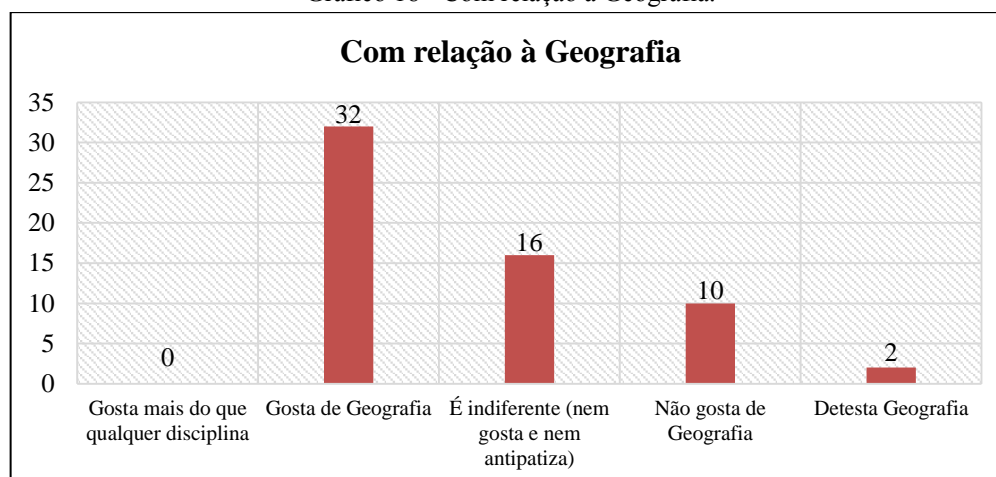
Através dos mapas mentais, pode-se refletir e entender sobre as observações dos jovens transcritas a respeito do cotidiano na escola, suas práticas espaciais, seus movimentos, grupos, apropriações dos lugares e formações de territorialidades. Os mesmos apresentaram a importância de conhecer o espaço escolar, e perceber os espaços dando valor as aulas, ações e lugares. Denunciaram ações, atribuições sobre a escola e algumas necessidades que precisam para melhorar o espaço escolar.

É um elemento de suma importância para os professores desenvolverem junto aos estudantes, qual seja, o de pensarem sobre o seu espaço de vivência, refletir sobre contextos que não tinham percebido tanto na escola, quanto na cidade em suas variadas escalas, seja uma rua, seja um bairro, e que, segundo Lopes (2014) os professores de posse desses mapas obterão condições de identificar ou estar a par dos avanços e/ou dificuldades dos estudantes em relação aos conteúdos escolares ensinados nas aulas de Geografia.

3.4 Jovens estudantes e a Geografia

Neste subcapítulo, traz uma importante explanação acerca das relações entre os jovens estudantes do CEM Santa Rita de Cássia e o Ensino de Geografia. Diante desta frente foram apresentadas cinco opções aos jovens para compreender a relação com a disciplina.

Gráfico 18 - Com relação à Geografia.



Fonte: Elaborado por SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Diante do exposto, dos 60 jovens entrevistados, 32 jovens afirmaram que tem uma relação positiva em relação à Disciplina de Geografia. Entretanto, observa-se que 16 jovens são indiferentes com a disciplina, pois nem gostam e muito menos antipatiza, e para Vanderlei (2018) apresenta dois fatores que justificam a indiferença dos jovens estudantes quanto à disciplina de Geografia, e parafraseando a autora os fatores seriam: ora a precariedade das escolas públicas e/ou privadas em relação aos materiais ou aos profissionais da cátedra, e/ou, a não compreensão da utilidade da Geografia para além da escola.

Um ponto a considerar sobre os jovens entrevistados que não tem simpatia com a disciplina, na qual 10 jovens afirmaram não gostar de Geografia e ainda mais 02 detestam a disciplina. As revelações dos jovens entrevistados condizem com a reflexão de Castrogiovanni (2009) quando afirma que ainda há jovens que acreditam que a Geografia é uma disciplina desinteressante, e acrescenta que esta antipatia pode estar associada a aversão a Escola onde estudam. Diante da situação, que esses dados são pela relação professor aluno, conforme relatos obtidos durante o grupo focal com os jovens, as respostas foram:

Participante B – A professora não é muito boa não [...] a Geografia geral é boa, em questão do estudo do relevo, estudo do universo, é uma das coisas que eu gosto muito de estudar planetas e astros, estes tipos de conhecimento, eu gosto muito, a Geografia tem ajudado bastante esse tipo de questão. Agora, uma coisa assim [...] que eu particularmente não gosto muito da Geografia, são aqueles estudos de cálculo do IBGE, do [...] assim eu sei que é necessário, mas ... eu [...] particularmente.

Participante C – A Geografia é muito bom! Acho que as pessoas que aplicam ela, tipo, alguns professores que não sabem.

Participante A – Uma coisa que eu acho aqui é, que a professora influencia muito! Porque, se o aluno não gosta da professora, ele vai fechar a mente para matéria! Ele não vai, nem tentar querer entender! Enquanto chegar em casa, ele vai criar apatia pela matéria.

Participante C – Precisa mudar a metodologia de dar aula. Assim, porque muitos alunos gostam de Geografia, só que, tem conteúdos que [...] tipo não entendem justamente por causa da explicação!

Apesar de muitos jovens efetuarem a relação do ensino com as metodologias de seus professores, para a Participante E, esclarece uma importante perspectiva:

Participante E – É, eu acho que, seria bem melhor. Porque [...] é [...] tipo assim, as vezes a gente [sic], depende da pessoa, né? Porque, as pessoas falam: nem todo mundo é igual! Então assim, eu acho que...a pessoa que tem que procurar a melhoria pra [sic] si, ou seja, pra [sic] aprender, que ver mais aprendizado né? [...]. Nos estudos, [...] eu acho que as pessoas deveriam saber definir tempo para tudo, porque eu acho que tem que, vai dar pessoa também né? Entendeu? Então assim, eu acho que deveria ter, um certo limite para cada coisa né? E aí cada pessoa e aprendendo por exemplo tem um limite para tudo na escola né? Horário tudo, então eu acho que a pessoa deveria se limitar em tudo, para querer aprender!

Para refletir sobre o desinteresse dos jovens estudantes, Cavalcanti (2008) alerta sobre a necessidade de rever a importância da Geografia enquanto ciência diante da complexidade e seus propósitos, e, promover em conjunto com os estudantes a capacidade de análise da realidade, de fatos e fenômenos, em um contexto socioespacial. Além de destacar a importância e o uso dos conceitos da Geografia para que os mesmos, através de suas práticas geográficas possam compreender os espaços de sua vida cotidiana, que se tornaram complexos, além de olhar, “para um contexto mais amplo e global, do qual todos fazem parte, e para os elementos que caracterizam e distinguem seu contexto local” (CAVALCANTI, 2008, p. 34).

Foram questionados aos jovens estudantes quais são as três palavras que lembra a Geografia, e diante da diversidade de informações, os jovens apresentaram 59 palavras chave que a Geografia está relacionada.

Para tanto, foi necessário a criação do infográfico, com o objetivo de apresentar os resultados de uma forma diferente para obter uma melhor compreensão. Sob sua legenda orientamos que, quanto maior o tamanho do balão, correspondeu o maior número de indicação das palavras pelos entrevistados, e quanto menor o tamanho do balão, significa a menor indicação das palavras. Assim, os resultados obtidos foram:

Figura 17 - Infográfico sobre três palavras que lembra Geografia.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Das respostas obtidas com os jovens estudantes, as palavras chave mais repetidas foram: Mapa, Espaço Geográfico, seguidos de Relevô, Clima, Cultura, Localização e Países.

Diante das exposições dos jovens estudantes, não nos surpreendeu compreender que a palavra mais citada seria o Mapa, na qual reconhece que o mapa é um importante instrumento de espacialização de dados importantes a exemplo do IDH, violência urbana, fome dentre outros (OLIVEIRA, 2015)

Na perspectiva de Richter (2011) reconhece que o mapa não é um elemento desconhecido para sociedade, no nosso caso, o jovem, isso decorre devido os mapas aparecem de várias maneiras no cotidiano do jovem, desde programas de televisão, jornais, jogos, e internet por exemplo. Nisto estes exemplos ilustram os mapas e apresentam a importância para os jovens conhecerem os seus elementos, além de conhecer de quais maneiras transmite e organiza tais informações refletidas através de sua representação gráfica.

Outra palavra chave que nos surpreenderam foi Espaço Geográfico, na qual Callai (2009) afirma que o espaço geográfico é um espaço que não é dado naturalmente como um palco onde acontece os fenômenos. É um espaço que contém características e ação do homem. Para a autora o espaço supõe dados naturais e humanos e o resultado destas relações, carregados de história, com limites cristalizados.

O espaço geográfico pode ser compreendido através de suas categorias, a exemplo da paisagem, lugar e o território, na qual é historicamente produzido pelas sociedades e extremamente dinâmico (CASTROGIOVANNI, 2009).

Castrogiovanni (2009) justifica sobre a importância de estudar o espaço em sua estrutura e formação, no objetivo que os professores promovam uma análise significativa do

espaço a ser estudado, partindo de sua estrutura, descrevendo e explicando com fundamentos pertinentes esta formação. Para Castrogiovanni (2009, p. 99) “é necessário entender a trajetória de construção do espaço, é preciso estabelecer as relações entre os fenômenos que vão encadeando para formar o espaço”. Assim, podemos compreender através da Geografia, como as sociedades produzem o espaço, quais são os seus interesses no objetivo de desvelar o funcionamento e as aparências apresentadas na paisagem.

Diante das diversidades que a ciência geográfica tem se desenvolvido, e que através das respostas dos jovens estudantes entrevistados, Cavalcanti (2010, p. 42) esclarece que a Geografia se tornou uma ciência mais plural, mesmo reconhecendo que o foco de análise é o espaço geográfico, na qual “é concebido e construído intelectualmente como um produto social e histórico que se constitui em ferramenta de análise da realidade em sua dimensão material e em sua representação”.

Neste período perguntamos aos jovens estudantes sobre o que é Geografia, com o objetivo de compreender as diversidades de suas respostas e, três jovens não optaram por responder, e algumas respostas foram registradas em uma palavra, como por exemplo: - É tudo; - É mapa; - É a natureza; - Sei lá [...]. Claro que, respeitando as opiniões dos mesmos entrevistados, percebemos uma diversidade nas respostas, porém que possam ser classificadas em categorias, das quais a primeira, os que a veem como importante, pois conseguem através dela uma visão crítica da realidade e a segunda, apenas como uma disciplina escolar, ou seja, desconexa da realidade e mais descritiva. Portanto:

a) Os que veem a Geografia como importante:

- É muito importante, pois estende nosso conhecimento que podemos aderir na nossa casa, trabalho, escola etc.
- Uma matéria que me permite conhecer mais sobre o espaço que vivo.
- Um estudo sobre o mundo todo, em questão de população e outros fatores.
- É muito importante, pois estende nosso conhecimento que podemos aderir na nossa, casa, trabalho, escola, etc.
- É onde eu conheço a cultura e a localidade dos países.

Apesar dos jovens darem a importância à Geografia, quando respondem, ora interligam sobre a relação com o mundo, que foi ocorrido em 15 respostas; ora interligam a história do lugar de algum país em 07 respostas; ou à Guerras em 05 respostas; ou estudo dos mapas ou localidade observados em 06 respostas.

Nisto, durante o grupo focal, recorreremos a pergunta na busca de compreender suas perspectivas quanto a Geografia. Observando as falas dos entrevistados as respostas foram:

Participante K – Curto Geografia, além de falar do espaço geográfico, também de política né? Geografia política, dos países. Então, já que não temos uma acessibilidade tão grande, então a gente vai descobrindo os países pela geografia, pelo algo escrito.

Participante A – Uma coisa que eu gosto na Geografia é a saber é a [...] relação entre os países. A gente vai estudar a história de um país, o que ele contribuiu para o nosso país as importações e exportações, e tudo mais. E também em questões de guerra, por exemplo: Lado do Israel, Palestina, Síria, e estas coisas assim e tudo mais.

Participante C – É! Estudar os países mesmo, eu gosto de Geografia, Astronomia, infelizmente a gente não teve tanta oportunidade, estudar a Astronomia em Geografia. Mas eu já estudei em outra escola, e eu acho que é uma matéria que, tipo que deveria ter no ensino médio.

b) os que veem a Geografia apenas como uma mera **disciplina escolar**.

- Disciplina que estuda o meio ambiente e suas características.
- É uma matéria que não tem necessidade de existir.
- Uma matéria que faz parte do perfil curricular.
- Uma matéria boa, mas, não muito importante
- Localização e curiosidades.
- Uma matéria a mais.
- Uma continuação da história.
- Um bom conteúdo histórico.
- Matéria para conhecer lugares e as histórias deles.

Nesta outra categoria, os jovens além de interligarem a uma mera disciplina; 03 deles desconsideraram a importância da Geografia, classificando como uma disciplina inútil; outros jovens acrescentaram que é uma mera continuação da disciplina de História, na qual foram observados em 03 respostas; em 05 respostas os jovens consideraram como uma mera obrigação curricular; e, em 13 respostas aliaram a Geografia com uma palavra qualquer, a exemplo de que a “A Geografia estuda os quatro elementos da Terra”.

É pertinente refletir sobre situações ligadas à Geografia, foi refletida por Oliveira (2015) quando o autor explicou que muitos jovens considera a Geografia com uma revista de variedades, pois a ciência explica sobre mapa, relevo, cultura, localização ou países, mas não relaciona e busca através dos conceitos e instrumentos, um meio para compreender e ter uma visão crítica sobre a realidade.

Nisto, durante o grupo focal, recorremos a pergunta na busca de compreender suas perspectivas quanto a Geografia, e porque os jovens consideram a Geografia como uma mera disciplina, mas, nas observações das falas dos entrevistados que foram:

Participante E – Eu acho que, este ano, na área de ensino [...] a Geografia ficou muito misturado com História!

Participante A – Na verdade todas as matérias estão interligadas.

Participante E – Não, assim, é tipo assim. É porque no caso é, a professora de História, sempre falava, que a gente, até chegou a aprender né? Por causa de a professora de História sempre falava o mesmo conteúdo da professora de Geografia.

Participante D – Eu acho que pra [sic] mim foi tipo, que ela ensinou sobre a Segunda Guerra né? Nas duas matérias de Geografia e História.

Participante C – A Primeira e a Segunda Guerra Mundial, nas duas matérias. Mas eu entendi, a professora de Geografia ela queria demonstrar sobre [...] os países né? O porquê, mas a metodologia que ela usou para explicar as aulas foi História! Então ela misturou as duas matérias literalmente!

Participante A – A gente estudava para matéria de História, para fazer a prova de Geografia! Porque a professora de História explica melhor do que a de Geografia!

Durante as entrevistas, percebe-se através das falas dos estudantes, o reconhecimento que ainda tem muito a melhorar no ensino de Geografia, isso decorre de muitos jovens não sentirem capazes de relacionar com os problemas do dia a dia com a Geografia, além de reconhecerem que apesar da escola pesquisada promover salas temáticas, as mesmas não possuem acervos na promoção do ensino de Geografia e, através de alguns depoimentos levam a compreender que alguns já possuem esta crítica:

Participante K – Eu acho que, materiais tecnológicos para que, professores apresentar a Geografia. Porque aqui não tem Globo, ou Mapa Mundi né?

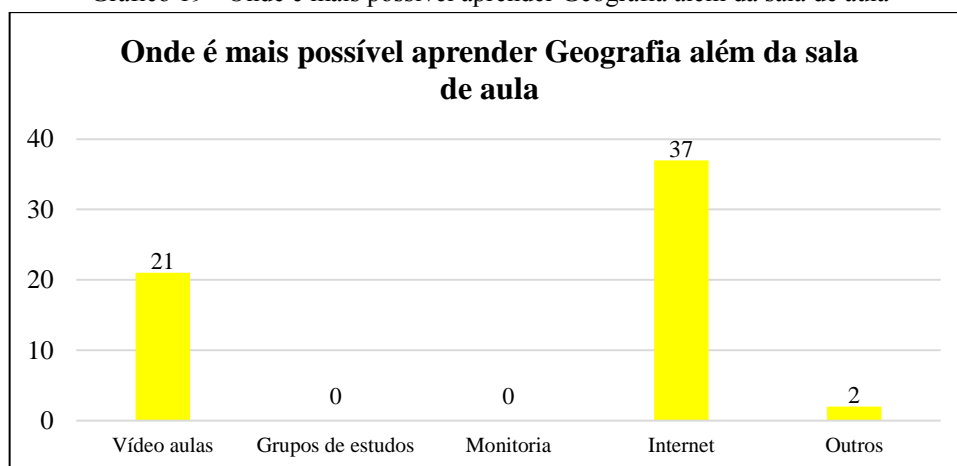
Participante J – É tudo muito teórico.

Participante K – Sim, é só teórico, nada prático. Algo prático iria ser muito avançado.

Percebe-se nas falas dos estudantes entrevistados as deficiências que se encontra na escola quanto a falta de materiais tecnológicos, além da necessidade dos professores de dinamizarem o ensino de Geografia, e, segundo Vanderlei (2018, p. 95) afirma que “o professor busca um caminho metodológico que trabalhe a partir da realidade do aluno e amplie as discussões para a realidade global, ele potencializa a aprendizagem”.

Após, apresentarmos sobre as relações dos jovens com a Geografia, questionamos os mesmos que, onde mais, além da sala de aula com o professor, é possível aprender Geografia?

Gráfico 19 - Onde é mais possível aprender Geografia além da sala de aula

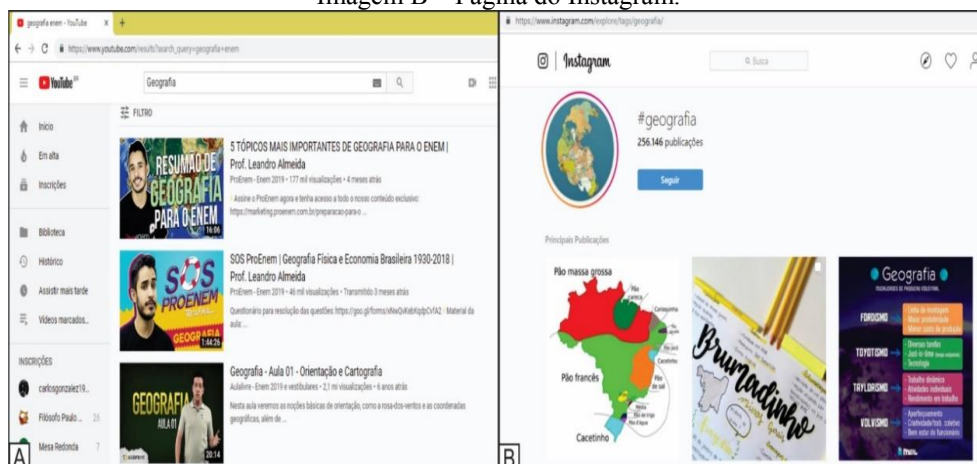


Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Quando abordamos os 60 jovens para conhecer sobre os possíveis meios de aprender Geografia além da sala de aula, não foi uma surpresa, pois 37 entrevistados afirmaram que estudam Geografia através da internet, seguidos de vídeo aulas com 21 votos de preferência, e outros meios com 02 votos, enquanto grupos de estudos e monitoria não tiveram a preferência como um meio para estudar Geografia.

Esta resposta se relaciona quando os jovens através das redes sociais trocam informações e um dos assuntos podem ser relacionadas a disciplina de Geografia quando forem necessários aos jovens entrevistados, outro ponto em questão, apesar da escola disponibilizar espaços e acervos, tendo como exemplo a biblioteca, muitos jovens acessam conteúdos da disciplina de Geografia por meio dos canais do *Youtube*, ou, comunidades interligadas as redes sociais como *Facebook*, *Instagram* ou o próprio *Whatsapp*, por exemplo.

Figura 18 - Representações virtuais de aprendizagem em Geografia. Imagem A – Página do Youtube. Imagem B – Página do Instagram.



Fonte: Youube (2018); Instagram (2018).

Parafraseando Vanderlei (2018, p. 96) quando reflete que, apesar de encontrar uma gama de informações ao acessar página do *Youtube* onde é possível encontrar uma variedade de vídeo aulas, “não são comparáveis às aulas de um professor em uma sala de aula comum, são carregadas de “macetes”, pois têm como objetivo principal a preparação para ENEM, vestibular e até mesmo concursos”.

Uma situação recorrente nas falas dos jovens estudantes, foram que um deles destacaram que, quando não conseguem compreender o tema explicitado durante as aulas na escola, recorrem através da internet para aprender pelo vídeo aulas, na qual através de suas falas:

Participante B - Quando eu não entendia a matéria, vamos dizer de algum professor não saber explicar, correto para mim, eu chegava em casa pesquisava matéria na internet, e de lá mesmo lia, para tentar aprender mesmo ainda.

Podemos compreender que, a baixa adesão dos jovens aos grupos de estudos, interligadas na questão referida se, os jovens costumam visitar o ambiente escolar fora das aulas, consiste segundo Tonini (2011, p. 192) num novo cenário que está carregado de implicações que interessam a instituição escolar, segundo a autora, “as tecnologias de informação, consequentemente de comunicação, passam a dividir, a competir com a escola como local difusor. Até pouco tempo, a informação estava, em sua maioria, concentrada na escola”.

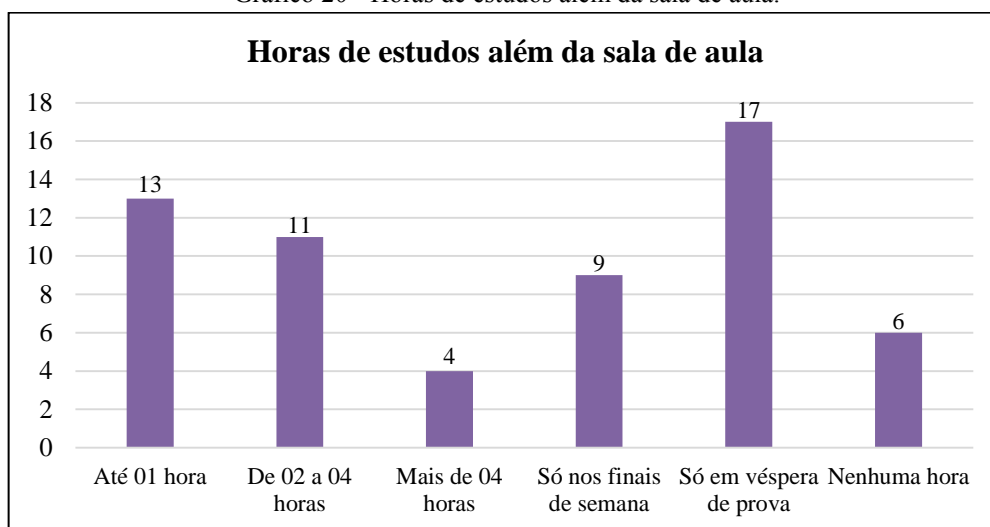
Apesar das respostas interligarem que os jovens estudantes têm a maior preferência em estudar por meio da internet, justifica a grande relação dos mesmos com os equipamentos eletrônicos, no caso do celular, mas não implica que na totalidade, os jovens estudantes desconsideram a instituição escolar, pois durante as visitas aos distintos lugares da escola, ocorreram uma grande frequência de jovens que visitam a biblioteca, ora para estudarem em grupos, conversar ou estudarem sozinhos.

Este ambiente citado, permite durante os estudos em grupos a maior possibilidade de os mesmos socializarem-se e trocarem informações, identificando que não fica apenas aos professores como sujeitos ativos para a educação, os mesmos jovens fazem este papel de ensinar a outros jovens em uma situação de grupo como a descrita no objetivo de solidarizar com os jovens que tem dificuldades de entendimento em determinados assuntos ou disciplinas.

Como estamos nos referendando a respeito de estudos, na qual durante a sala de aula tanto pelo período matutino ou no período vespertino entre os meses de fevereiro e dezembro de 2018 que corresponde ao ano letivo, os jovens dedicam diariamente cerca de 04 horas de

estudos, nestes dias letivos. Entretanto, perguntamos aos mesmos, quantas horas de estudos eles dedicam além da sala de aula, e as respostas foram:

Gráfico 20 - Horas de estudos além da sala de aula.



Fonte: SANTOS, Douglas Souza dos (2018).

Para compreendermos o tempo de dedicação de estudos dos 60 jovens estudantes entrevistados fora da sala de aula, na qual 17 jovens afirmaram que tem o hábito de estudar na véspera de avaliações; 13 mencionaram que dispõem de até uma hora de estudo por dia; 11 jovens estudam até quatro horas diárias; 09 jovens decidem dedicar aos estudos nos finais de semana; 06 jovens dedicam mais de 04 horas por dia, um ponto a destacar foram que 04 jovens estudantes afirmaram que não dedicam em estudar fora da sala de aula.

Quanto ao grupo que afirmou que tem preferência em estudar nas vésperas das avaliações, poderá estar relacionado as distintas práticas espaciais que os mesmos têm fora da sala de aula, além de que, para 31 jovens entrevistados, não tem o hábito de visitar a escola para efetuar algum tipo de atividade, seja escolar, seja de interação. Pode-se compreender que, se refletirmos que os jovens estudantes mencionam que tem aversão a dedicar horas de estudo, isto pode corresponder aos tempos e espaços que a própria escola impõe sobre os mesmos estudantes na garantia de seu sucesso escolar, refletidos em notas. E quando os jovens não são estimulados ou desafiados a uma metodologia que a escola e ou professores propõem na construção do conhecimento, os mesmos criam aversão tanto para a matéria quanto a própria escola, e apenas enxerga a escola como um mero espaço de socialização.

Para Dayrell (2002b, p. 85) apresenta um paradoxo que, “a razão de ser da escola é o aluno, e é exatamente este ator o menos conhecido”. E estas informações apresentadas refletem que os estudantes são sujeitos ativos no cotidiano escolar. Portanto, ao reconhecemos que

através das práticas espaciais, os jovens geo-grafam de maneira distinta o espaço escolar, constituem as suas territorialidades, apresentam as suas culturas e dão vida à escola, é pertinente conhecer o cotidiano dos jovens, as suas trajetórias e construções de vida que nos ofertarão respaldo o suficiente ao despir o sujeito aluno e reconhecer quem são os estudantes, as suas identidades.

Para Abrantes (2003) a escola deve reconhecer de suas forças e fraquezas, concedendo oportunidades aos jovens estudantes, reconhecimento estes ao compreender como as identidades juvenis e as dinâmicas escolares se articulam, no seu processo complexo, na qual os jovens estudantes imprimem nos espaços escolares através de suas práticas espaciais, apropriando dos espaços e destes usufrutos constituindo territorialidades. Sendo fundamental que ao conhecer as territorialidades dos jovens estudantes na escola, estaremos conhecendo os jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse projeto foi compreender durante o percurso da pesquisa, as territorialidades dos jovens estudantes e como essas territorialidades são produzidas por eles, no espaço escolar do CEM Santa Rita de Cássia.

Sobre esses caminhos, a princípio procurou-se compreender através da categoria território e de suas heterogeneidades, os jovens como sujeitos na constituição dos territórios, que, no entanto, passa pela apropriação dos lugares, imprimindo neles as suas subjetividades, suas relações de poder, e de como o espaço escolar na multiplicidade de jovens, apresenta diferentes territórios e territorialidades, sob diferentes poderes.

Muitas vezes, as escolas não conhecem o perfil dos jovens e pouco entende dos conhecimentos dos estudantes para pensar a sua prática pedagógica. E durante a pesquisa com os jovens do 3º ano do CEM Santa Rita de Cássia, buscou-se conhecer quem são os jovens estudantes, chegando a uma compreensão senão condizente ao menos coerente com a investigação realizada com os mesmos: a maioria dos jovens estão acima da idade prevista para a série em que se encontra, que muitos deles escutam diferentes estilos musicais e são ecléticos, que se identificam com diferentes grupos juvenis, consideram a família o grupo mais fundamental na constituição de suas personalidades, e são jovens nas suas múltiplas identidades e pertencimentos.

A maioria dos jovens tem uma renda familiar de até três salários mínimos. Alguns deles além de estudarem, enfrentam o mercado de trabalho, e usufruem do próprio salário mesmo contribuindo com a renda familiar. Se encaixam em diferentes perfis de ser jovem e de juventude, como por exemplo, se preocupam com o futuro, sonham em estudar curso superior como meio de superação e condição juvenil, pouco se dedicam aos estudos além da sala de aula, sendo que a maioria se dedicam em datas próximas de trabalhos e avaliações, e, apesar de pouco se dedicarem nos estudos, consideram a escola um importante lugar de aprendizagem, que oferta condições de superar os desafios e sociabilidade. Muitos são de distintos lugares da cidade, o que fazem com que utilizam diversos meios de mobilidade para chegarem na escola, mas a preferência acaba sendo o transporte público. Usufruem da conectividade, através do celular, ora para socializarem pelas redes sociais, ora para buscar informações ou ver vídeos nos canais do *Youtube*;

Todas essas informações acerca dos jovens estudantes do CEM Santa Rita de Cássia, se configurou numa via fundamental de compreensão para os seus modos vida, e dessa forma,

pode-se perceber que elas não são homogêneas, e na escola, os seus espaços são usufruídos por essas diferentes práticas espaciais, sendo a todo instante apropriados e ressignificados, constituindo dessa forma as suas territorialidades.

Sobre a relação da juventude com o ensino de Geografia percebe-se certo interesse pela Geografia, sendo que a maioria dos jovens vinculam seus conhecimentos às representações espaciais. Além da sala de aula, utilizam outros meios de aprender a Geografia através da internet, pelos canais do *Youtube*, redes sociais e vídeo-aulas.

Nas relações cotidianas com a escola, os jovens estudantes, produzem percepções acerca do espaço escolar, através das distintas práticas espaciais nos diversos lugares da escola, que dão condições de conhecer os espaços da escola na sua totalidade. Nesta perspectiva, acredita-se que o pensar sobre o lugar a partir da fala destes jovens possam contribuir para repensar os seus espaços de vida.

Dos diversos tempos que os jovens estão na escola, a maioria usufrui dos momentos ofertados pela instituição, destacando o recreio e o intervalo de troca de salas (rodízio) nos espaços da escola, no qual os jovens consideram momentos importantes para o encontro, usam de suas criatividade para suas visibilidades, de passear pela escola, de ficar só, descanso, ir ao banheiro, beber água, conversar, de usar adereços típicos de jovem, de ouvirem música, tocar violão, cantarem, jogarem baralho, de orarem, brincar, sorriem, paquerarem, no uso do celular (desde jogos eletrônicos, a *selfies*, e acesso a redes sociais). Percebe-se que a maioria dos jovens participam destes grupos e trafegam entre um lugar e outro, entre um grupo e outro, é um período de descobertas, da construção de sua auto-estima, de usufruir de suas condições juvenis, de viver na diversidade.

Destas mobilidades no espaço escolar, os jovens apresentaram os lugares aprazíveis e não aprazíveis, fazendo com que através das suas perspectivas, fosse percebido as virtudes, fragilidades e deficiências no espaço escolar.

O Pátio e a Quadra são os dois ambientes mais apreciados pelos jovens já que são espaços que eles tem maior liberdade de usufruírem das suas culturas, onde também são palcos de encontro, não ficando preso apenas ao encontro, já que foi observado uma variedade de práticas que demonstram as suas diversidades, além da conversa, o namoro, os grupos, as brincadeiras, jogos, as danças, estudos, acessar a internet pelo celular, seus adereços as suas diferentes formas de expressar suas identidades, vontades, opiniões.

A falta de alguns espaços para socialização, também foi observado, já que segundo as suas falas, a ausência de um auditório é sentida, por ser um lugar possível de realização de eventos, apresentações culturais, reuniões e aula.

Observou-se também, que apesar de apreciarem a sala de aula, como lugar de encontro e aprendizagem, nem todas as salas de aula possuem uma estrutura para efetuar a aula, e a mesma aula depende da relação deles com os professores, e com os colegas de turma.

A proximidade do portão de entrada da escola e os Banheiros foram os espaços menos apreciados pelos jovens estudantes. Sobre a entrada da escola, as normas estabelecidas pela instituição desde o horário para entrar e o uso do uniforme escolar, causam certo desconforto ‘pessoal’ para alguns jovens entrevistados. Sobre o banheiro a insatisfação está ligada à sua falta de estrutura, mas os mesmos reconhecem que muitos jovens fazem atos de vandalismo neste espaço, o que demonstra que apesar das críticas sobre estes lugares, ainda são lugares de socialização entre os jovens, de necessidades fisiológicas (banheiro) e de cuidados das suas vaidades.

Alguns jovens estudantes apresentaram temor e respeito em relação à coordenação, mas relataram da falta de comunicação mais direta entre a direção e os jovens estudantes. Há nos mapas mentais dos jovens, ações de conflitos com os professores, coordenadores e demais funcionários com os jovens estudantes. Há o reconhecimento dos mesmos com funcionários que são parte importante do espaço escolar, como o porteiro, as cozinheiras e as auxiliares de limpeza.

Um ponto importante a apresentar, é que quando esses jovens se encontram fora do espaço escolar, apresentam distintas práticas espaciais na cidade, sejam elas ligadas ao lazer, visitas e encontros em casas de colegas, além dos estudos. Entretanto, devido à baixa renda familiar da maioria dos jovens pesquisados, acaba por impedir que essas práticas sejam ampliadas no âmbito da cidade, limitando o conhecimento sobre a variabilidade de lugares e espaços da cidade, concentrando as suas atividades nos bairros onde residem, como idas as praças, às ruas, as igrejas e conectividade na internet.

Tais esclarecimentos, permite a promoção de posteriores discussões em sala de aula, na tentativa de compreender como os jovens demonstram a sua consciência dos problemas espaciais de sua cidade, apontando pelo seu cotidiano, a segregação espacial, a violência, as drogas, o trânsito, o transporte coletivo. (CAVALCANTI, 2013, p. 81)

É pertinente compreender que a escola, com a sua dinâmica institucional, não consegue acompanhar as distintas transformações constituídas no meio social, caracterizando em alguns obstáculos entre a escola e a sociedade, em particular os jovens estudantes. A escola cria algumas regras e normas para si, provocando um distanciamento entre a mesma e os jovens estudantes, impondo através da norma, uma maneira de homogeneizar os jovens transformando alunos, em números, e imprimindo neles, o bom aluno, o mau aluno.

Para Abrantes (2003) a escola deve refletir sobre as suas normas e regras, pois, as identidades juvenis e as dinâmicas escolares se articulam, num processo complexo, na qual quando os jovens estudantes imprimem nos espaços escolares as suas práticas espaciais, apropriam-se dos espaços e desse uso constituem suas territorialidades. A escola além de ser um lugar de aprendizagem é também um espaço sociocultural, dinâmico.

A respectiva pesquisa procurou apresentar uma realidade específica, sendo realizada em uma escola pública estadual, com alunos do 3º ano do ensino médio (matutino e vespertino), mas outras escolas poderão ofertar outros dados ou apresentar semelhanças quanto ao público alvo e suas realidades.

Dentre os aprendizados proporcionado pela pesquisa, tem a dinamicidade da ciência geográfica, na qual novos temas, novas reflexões surgiram e surgirão, e através da pesquisa se aprimora cotidianamente a construção do conhecimento. Assim, os professores de Geografia se apresentam de suma importância, de acordo com Vanderlei (2018, p. 113) no sentido de se esforçarem para interpretar e contextualizar a realidade, compreendendo suas funções sociais, precisando entender que, “uma Geografia que é ensinada somente por meio de transferência de informações, baseadas em conceitos, que fica na base do ‘decoreba’ é de pouca utilidade para o estudante”.

Também oportunizou-se conhecer quem são os jovens estudantes, o que acabou levando a uma reflexão da própria prática docente, ajudando a encontrar na profissão de professor as fragilidades, o que leva a busca de orientações no sentido de melhorar o ambiente escolar e a relação com os jovens estudantes. Muitas escolas acabam por querer alunos obedientes, disciplinados, mas se esquecem de esses mesmos jovens estudantes, trazem consigo suas dores e sabores do seu viver, não tendo oportunidade de aproveitá-lo no espaço escolar.

A pesquisa permitiu compreender a categoria juventude na sua pluralidade, território, territorialidades e práticas espaciais, que refletida na prática docente, permite a busca de novos olhares sobre o mundo, sobre o lugar, sobre a Geografia, sobre o que envolve a realidade que nos cerca, no caso a escola, os jovens, e estudantes, respeitando e entendendo que através das suas práticas espaciais, é possível compreendê-los em suas diversidades, virtudes e necessidades, obtendo a sabedoria e empatia sobre algumas questões e angústias que os jovens estudantes passam.

REFERENCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil Contemporâneo. In: _____.
BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (Org.) **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 37-72.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; WAISELFISZ, Júlio Jacobo (Coord.) **Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam?** Brasília: Flacso – Brasil; OEI; MEC, 2015. 346 p. Disponível em:
<http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018.
- ABRANTES, Pedro. Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade. **Sociologia, problemas e práticas**, n.º 41, p. 93-118, 2003. Disponível em:
<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732005000200013>. Acesso em: 30 de mar.2017.
- AMARAL, Márcio de Freitas. **Modos de vida dos jovens na periferia: cotidiano e experiências**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. p. 79-109. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28825>>. Acesso em: 12 jan. 2018.
- AMARAL, Glaucia Bastos do. **As territorialidades da juventude na comunidade quilombola Barra de Aroeira, em Santa Tereza do Tocantins – TO**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2017,145 f.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. 14ª ed. Campinas: Papyrus, 2008.
- ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério (Org.) **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.
- BATISTA e SILVA, Alexander. **A Geografia do Espaço Escolar: jovem-aluno, práticas espaciais e aprendizagem geográfica**. 2016a. 236f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Goiás, 2016a.
- _____. **A Geografia do Espaço Escolar: jovem-aluno, práticas espaciais e aprendizagem geográfica**. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes. (Org.) **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016b. p. 161-179.
- BENTO, Izabella Peracini. Os jovens escolares e suas espacialidades: a construção de conceitos, a mediação didática e a potencialidade do lugar. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes. (Org.) **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. p. 143-160.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Geografia cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 279-303.

BORGES, João Carlos de Freitas; CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes. Território, Identidade e Memória: Tramas conceituais para pensar a piauiensidade. **X Simpósio de Produção Científica e IX Seminário de Iniciação Científica e IX Seminário de Iniciação científica**, Teresina-PI. Anais, 2010. p. 01-10. Disponível em: <<http://www.uespi.br/prop/siteantigo/XSIMPOSIO/TRABALHOS/INICIACAO/Ciencias%20Humanas%20e%20Letras/TERRITORIO,%20IDENTIDADE%20E%20MEMORIA%20-%20TRAMAS%20CONCEITUAIS%20PARA%20PENSAR%20A%20PIAUIENSIDADE.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação Básica. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisar-participar. In: _____. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 09-16.

_____; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista da Educação Popular**. Uberlândia, v. 6, p. 51-62, jan./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>> Acesso em: 22 ago. 2018.

CALLAI, Helena Copetti. A formação do professor de Geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, v. [?], n. 20, p. 39-41, dez. 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38032/24535>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

_____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAECHER, Nestor André (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 83-134.

_____. **A formação do profissional de geografia: o professor**. Ijuí: UNIJUÍ, 2013.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. A invisibilidade de juventude na vida escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 325-343, jul. /dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/9647/8875>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Lócus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 17, n. 02, p. 145-159, 2011. Disponível em <<http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Locus.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

_____. Da casa para a rua: a dimensão espacial da juventude. In: CAVALCANTI, Lana; CHAVEIRO, Eguimar F.; PIRES, Lucineide Mendes (Org.). **A Cidade e Seus Jovens**. Goiânia: Ed. da PUC, 2015.

_____; MENDES, Juliana Thimoteo Nazareno. “Perder-se também é caminho”: a dimensão espacial da juventude. **Libertas**, UFJF/Online, v. 11, p. 01-18, 2012. Disponível em:

<<https://libertas.ufjf.emnuvens.com.br/libertas/article/download/1665/1161>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAECHER, Nestor André (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 11-81.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papyrus, 2008.

_____. O lugar como espacialidade na formação do professor de geografia: breves considerações sobre práticas curriculares. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Rio de Janeiro, v. 01, n. 02, p. 01-18, jul./dez., 2011. Disponível em: <<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/39>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

_____. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas: Papyrus, 2012

_____. Jovens escolares e a Cidade: Concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. especial, nº 35, p. 74-86, 2013a. Disponível em <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2171>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

_____. A cidade ensinada e a cidade vivida: encontros e reflexões no ensino de geografia. In: _____. **Temas da geografia na escola básica**. Campinas: Papyrus, 2013b. p. 65-94.

_____. Jovens escolares e sua geografia: práticas espaciais e percepção no/do cotidiano da cidade. In: _____. CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Org.). **A Cidade e Seus Jovens**. Goiânia: Ed. da PUC, 2015.

_____. O olhar geográfico em formação: jovens estudantes de geografia e desafios urbanos contemporâneos. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes. (Org.) **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. p. 121-142.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. O jovem aluno contemporâneo e as demandas da Escola: mundos em conflitos. In.: CAVALCANTI, Lana de Souza; BUENO, Miriam Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo de (Org.) **A produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino de Geografia**. Goiânia: PUC Goiás, 2011. p. 179-189.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SOARES, Nicelma Josenilda Brito. A implementação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 e o Impacto na Formação de Professores. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 21, nº 03, p. 573-606, set/dez 2016. Disponível em: <<https://educacaoemfoco.ufjf.emnuvens.com.br/edufoco/article/viewFile/3191/105>>. Acesso 13 novembro 2018

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; CORREA, Roberto Lobato et al. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 15-47.

DAYRELL, Juarez. Escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares: sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 136-161.

_____. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v. 28, n. 01, p. 117-136, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2018.

_____. Juventude e Escola. In: SPÓSITO, Marília Pontes (Org.). **Juventudes e Escolarização (1980-1998)**, série Estado do Conhecimento nº 07, Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002, p. 67-87.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, nº 24. p. 40-52. set.-dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

_____. A Escola “faz” as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

DIAS, Ed Wilson Pereira. **A produção de territorialidades da internet**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2012. 91 f.

FERREIRA, Denison da Silva. Território, Territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, Uberlândia, v. 9, n. 17, p. 111-135, abr., 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/19883>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

FERNANDES, Dalvani. Território e territorialidade: algumas contribuições de Raffestin. **Perspectivas em Políticas Públicas**. Belo Horizonte, v. 02, n. 04, p. 59-68, jul./dez 2009. Disponível em: <<http://revista.uemg.br/index.php/revistappp/article/viewFile/954/674>>. Acesso em 25 ago. 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

_____. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FONSECA, Cláudia. Preparando-se para a vida: reflexões sobre a escola e a adolescência em grupos populares. **Em aberto. Educação e imaginário social: revendo a escola**. Brasília, ano

14, n. 61, p. 144-155, 1994. Disponível em:
<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/viewIssue/223/63>>. Acesso em: 10 maio 2018.

FUINI, Lucas Labigalini. Território, territorialização e territorialidade: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos. **Revista Terra@Plural**. Ponta Grossa, v. 08, n. 01, p. 225-249, jan./jun. 2014. Disponível em:
<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/6155/4366>>. Acesso em: 04 set. 2018.

_____. O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v. 21, n. 01, p. 19-29, 2017. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/22589/pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

GARBIN, Elisabete Maria. Diferente de alguns, iguais a outros! As culturas juvenis invadem a escola. In: CAVALCANTE, Márcia H. Koboldt; SOUZA, Rui Antônio (Org.). **Culturas juvenis: dinamizando a escola**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

GOMES, Elias Evangelista. No bairro tem igreja: práticas culturais entre jovens pentecostais. **Cadernos Ceru**, São Paulo, n. 18, p. 69-89, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/ceru/article/view/11833/13610>>. Acesso 10 outubro 2018.

GONÇALVES, Hebe Signorini; COUTINHO, Luciana Gageiro. Juventude e família: expectativas, ideais e suas repercussões sociais. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 08, n. 03, p. 597-611. 2008. Disponível em:
<<http://www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a04.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

GOVERNO DO TOCANTINS, **Cadastro Escolar 2017**. Palmas: SEDUC, 2017. Disponível em:
<<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1ks3QGgVr65yCOzNVTHawVkiB7QgvQgd2haRE6yKPUps/edit#gid=0>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

GUARALDO, Livia Maria. **Discursos jovens sobre vida, escola e trabalho: estudo realizado em uma escola estadual de ensino médio em São Paulo**. 2008, 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-24092009-111835/pt-br.php>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HAESBAERT, Rogério. **Des-Territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia** - Ano 09, n. 17, p. 19-46, 2007.

_____. **Territórios alternativos**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2009.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **População estimada de Palmas em 2018**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/palmas/panorama>>. Acesso em: 20 set. 2018.

LARA, Marcos Rodrigues de. Jovens urbanos e o consumo das grifes. In: BORELLI, Silva H.S., FILHO, João Freire. (Org.) **Culturas Juvenis no Século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008. p. 133-150.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo: FEUSP v. 32, n. 01. 2006, p. 31-48. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n1/a03v32n1>>. Acesso em 10 maio 2018.

LITTLE, Paul Elliot. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia, nº 322, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silva H.S., FILHO, João Freire (Org.) **Culturas Juvenis no Século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008. p. 09-32.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A condição juvenil no século XXI. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, S. G; NJAINE, K; (Org.) **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros [online]**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011, p. 17-43. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852-03.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2018.

NOVAES, Regina Celia Reyes. **Juventude**: jogos de espelhos. 2007. Disponível em: <<http://antropologia.com.br/arti/colab/a38-rnovaes.pdf>>. Acesso em: 21 de dez. 2018.

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, Helena Wendell; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. In: **Travessias**. UNIOESTE Online, v. 02, n. 03, 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. Estéticas juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 4, nº 9 p. 63-86 mar. 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/89/90>>. Acesso 10 out. 2018.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Somos Jovens**: o ensino de geografia e a escuta da juventude. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências, Porto Alegre, 2015. Disponível em:

<http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_671256d28c5e851ce647a6d7b11d9253>. Acesso em: 20 mar. 2016.

PAULA, Flávia Maria de Assis. Juventudes e Cidades: uma leitura espacial. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes. (Org.) **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. p. 21-44.

PIRES, Lucineide Mendes. **Culturas geográficas de alunos-jovens**: uma referência para a formação de professores de geografia. 2013. 276f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal do Goiás, 2013. Disponível em: <http://200.137.217.159/index.php/component/jdownloads/send/7-2013/23-lucineide-mendes-pires-e-silva?option=com_jdownloads>. Acesso em: 15 mar. 2018.

_____. Os jovens em busca do direito à cidade: os espaços públicos em questão. 2016. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes. (Org.) **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. p. 93-118.

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. **Acesso à internet e a televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**: 2014 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. – Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95753.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

PORTO - GONÇALVES, Carlos Walter. Da geografia às geografias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: SADER, Emir; CECEÑA, Ana Esther (Org.). **A guerra infinita**: hegemonia e terror mundial. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 217 – 256.

POUPART, Jean. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis - RJ: Vozes, 2012.

PPP – **Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia**. Palmas, 2018, 74p.

PREFEITURA MUNICIPAL PALMAS. Sistema de Informações Geográficas de Palmas. Disponível em: <<http://geo.palmas.to.gov.br/>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. P. 143-163. ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

SANTOS, Andrea Pereira dos; CHAVEIRO, Eguimar Felício. A constituição das identidades juvenis na metrópole contemporânea: a interface entre lugares e práticas socioespaciais. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes. (Org.) **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. p. 71-92.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e territorialidades**: Processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SILVA, Joseli Maria. Cultura e territorialidades urbanas - uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional**. UEPG. v. 05, n. 02, p. 09-37, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2109/1590>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

SILVA, Sandra Rúbia da. Vivendo com celulares: identidade, corpo e sociabilidade nas culturas urbanas. IN.: BORELLI, Silvia H. S.; FILHO, João Freire. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: 2008. p. 311-331.

SILVA, Valdirene Cássia da. **E-jovens, e-músicas, e-educações: fronteiras dilatadas e diálogos cruzados na era das conexões**. 2013. 153f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes. O Território: sobre espaço e poder autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo Cesar; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.) **Geografia: Conceitos e Temas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77-116.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (Org.) **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 87-127.

TOLEDO, Juliana Aparecida Cantarino. **Refazendo os percursos do conceito de território para entender os territórios produzidos pela juventude**. In: II Colóquio do NuGea, 2016, Juiz de Fora. Anais do II Colóquio do NuGea, 2016. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nugea/files/2016/06/Texto-Nugea-Juliana-Toledo1.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2018.

_____. **O papel das igrejas evangélicas no processo de re-territorialização e construção das identidades territoriais dos jovens evangélicos do Residencial Parque das Águas – Juiz de Fora – MG**. 2017. 114 f. (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

TURRA NETO, Nécio. Do Território aos Territórios. In: SOUZA, Álvaro José de. (Org.) **Paisagem território região: em busca da identidade**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000, p. 87-101.

_____. **Enterrado, mas ainda vivo!:** identidade punk e território em Londrina. 2001. 179 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia,, Universidade Estadual Paulista, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/89832>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

_____. Geografia Cultural, Juventudes e Ensino de Geografia: articulações possíveis. **Revista Formação**, vol. 01, n. 20, p. 38–56, 2013. Presidente Prudente Unesp. Disponível em <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2651>>. Acesso em 10 jun. 2017.

_____. Relações entre sociabilidade juvenil e mercado da diversão noturna em cidades médias. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes. (Org.) **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. p. 359-377.

_____. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava:** territórios e redes de sociabilidade. 2008. 533 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/105044>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

VANDERLEI, Shirley Alves Viana. **Juventudes, escolas e ensino de Geografia:** sujeitos, espaços e sentidos. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2018, 138 f.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Superação da lógica classificatória e excludente da avaliação: do “é proibido reprovar” ao é preciso garantir a aprendizagem.** São Paulo: Libertad, 1998.

APÊNDICE A - Termo para Instituição

Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Porto Nacional

Programa de Pós-Graduação em Geografia

Mestrado em Geografia

Ilmo. Mairo Cândido Rodrigues.

Diretor da Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia

Senhor Diretor,

Ao cumprimentá-lo, venho por meio desta, solicitar permissão a essa direção, educadores, alunos e familiares das turmas do 3º ano do ensino médio dos turnos matutino e vespertino, conforme descrito na metodologia do projeto, para efetuar aplicação do questionário com alunos, observações de atividades culturais, recreios, ambientes extraclasse onde se desenvolvem atividades relacionadas com o ensino de Geografia, no período de outubro a dezembro de 2018. O registro deste trabalho tem o objetivo de problematizar o ensino de Geografia e os jovens estudantes. Trata-se de pesquisa de mestrado intitulada: “Territorialidades dos jovens estudantes do ensino médio do município de Palmas - TO e reflexões sobre a educação geográfica”, sob a orientação e supervisão da Prof. Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira, da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Porto Nacional.

Os jovens serão entrevistados e responderão a um questionário com questões estruturadas e semi-estruturadas. Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as pesquisas e entrevistas. Em anexo, segue um **formulário no qual cada aluno ou familiar** deverá firmar seu acordo e permissão.

Na certeza de poder contar com o apoio dessa Instituição e da sua comunidade de alunos, pais e educadores, antecipo agradecimento.

Douglas Souza dos Santos
Aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia
douglasbaiocchi@gmail.com
(63) 98125-2922

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação

Título do Projeto: “Territorialidades dos jovens estudantes do ensino médio do município de Palmas - TO e reflexões sobre a educação geográfica”.

Pesquisador Responsável: Douglas Souza dos Santos.

Instituição a que pertence o pesquisador Responsável: Universidade Federal do Tocantins

Nome do participante: _____

Idade: _____ anos

Estamos convidando o (a) Senhor(a) a participar da pesquisa **“Territorialidades dos jovens estudantes do ensino médio do município de Palmas - TO e reflexões sobre a educação geográfica”**, sob responsabilidade da pesquisador **Douglas Souza dos Santos**, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Trata-se de uma pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado, sob a orientação da Prof. Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira, da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Porto Nacional.

O objetivo deste estudo é conhecer as territorialidades dos jovens estudantes do Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia no município de Palmas – TO. O presente trabalho se justifica devido às queixas por parte de alguns docentes em relação à falta de interesse dos jovens sobre a aprendizagem; pelo anseio por pesquisar sobre o ensino de Geografia no CEM Santa Rita de Cássia e por tentar compreender a contribuição do ensino de Geografia para os jovens enquanto sujeitos que ocupam os espaços na/da escola, e os ressignifica. O produto final será a sistematização dos resultados da pesquisa sobre os jovens, a escola e o ensino de Geografia, na produção da dissertação de mestrado, a qual será disponibilizada aos participantes e a sociedade em geral.

A sua participação é voluntária e se dará por meio de preenchimento de um questionário, na presença do pesquisador, que ocorrerá no Laboratório de Informática do Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia, com data e horário de acordo com a disponibilidade apresentada pelas coordenações dos cursos. A aplicação do questionário terá uma duração máxima de 15 minutos. Para evitar desconforto, tudo ocorrerá em ritmo controlado.

Sua aceitação em participar desta pesquisa contribuirá para a realização de um estudo importante para a Comunidade Escolar e a sociedade em geral. Isso se comprova pelo fato de possibilitar a sistematização do conhecimento sobre as territorialidades dos jovens estudantes do CEM Santa Rita de Cássia no município de Palmas – TO, que poderá ser acompanhada pela comunidade científica, pois há carência de maior reflexão e discussão sobre o ensino de Geografia.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são: eventual desconforto emocional e risco de constrangimento ao preencher o questionário. A forma de tratamento das informações coletivas e pessoais, podem causar constrangimento se houver descuido com as informações. Por isso, haverá todo o cuidado necessário, por parte do pesquisador, para não

ocorrer eventual falha. Caso ocorra algum destes fatos a pesquisador providenciará os recursos necessários para reparar os danos. Em qualquer momento, se o(a) senhor(a) sofrer algum dano decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que envolvem este tipo de trabalho, realizando pessoalmente todas as fases da pesquisa e cumprindo todas as exigências do Comitê de Ética em Pesquisa da UFT. Todas as etapas serão feitas mantendo o sigilo e a privacidade dos participantes. Caso houver alguma despesa decorrente da participação neste trabalho serão de responsabilidade do pesquisador, tendo o compromisso de ressarcir ao participante qualquer gasto decorrente da pesquisa. Entretanto, o participante não receberá nenhum tipo de remuneração decorrente de sua participação.

O participante tem plena liberdade de participação, podendo recusar-se a participar e retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem nenhuma penalização ou perda de benefício. Assim, após os esclarecimentos apresentados, tendo consentimento voluntário em participar da pesquisa, o(a) Senhor(a) e a pesquisador deverão assinar o presente termo em duas vias, ficando uma com cada.

Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Senhor (a) poderá entrar em contato com a pesquisador no Campus Porto Nacional da UFT, ou pelo telefone 63-98125-2922. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa o (a) Senhor (a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFT. Um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma que você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP da Universidade Federal do Tocantins pelo telefone (63) 3232-8020, pelo e-mail: cep_uft@uft.edu.br, ou Qd. 109 Norte, Avenida NS 15, ALCNO 14, Prédio do Almoxarifado, CEP-UFT 77001-090 – Palmas/TO. Você pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir. Lembramos ainda que o participante terá acesso ao registro de consentimento sempre que solicitado.

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo e que poderá sair quando quiser. Também sei que caso precise efetuar algum gasto para participar da pesquisa, serei ressarcido pelo pesquisador.

Porto Nacional – TO, _____/_____/_____

Participante da Pesquisa

Pesquisador Responsável

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais ou Responsáveis

Dados de identificação

Título do Projeto: “Territorialidades dos jovens estudantes do ensino médio do município de Palmas - TO e reflexões sobre a educação geográfica”.

Pesquisador Responsável: Douglas Souza dos Santos.

Instituição a que pertence o pesquisador Responsável: Universidade Federal do Tocantins

Nome do participante: _____

Idade: _____ anos

Estamos convidando o (a) seu (sua) filho (a) a participar da pesquisa **“Territorialidades dos jovens estudantes do ensino médio do município de Palmas - TO e reflexões sobre a educação geográfica”**, sob responsabilidade da pesquisador **Douglas Souza dos Santos**, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Trata-se de uma pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado, sob a orientação da Prof. Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira, da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Porto Nacional.

O objetivo deste estudo é conhecer as territorialidades dos jovens estudantes do Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia no município de Palmas – TO. O presente trabalho se justifica devido às queixas por parte de alguns docentes em relação à falta de interesse dos jovens sobre a aprendizagem; pelo anseio por pesquisar sobre o ensino de Geografia no CEM Santa Rita de Cássia e por tentar compreender a contribuição do ensino de Geografia para os jovens enquanto sujeitos que ocupam os espaços na/da escola, e os ressignifica. O produto final será a sistematização dos resultados da pesquisa sobre os jovens, a escola e o ensino de Geografia, na produção da dissertação de mestrado, a qual será disponibilizada aos participantes e a sociedade em geral.

A participação do (a) seu (sua) filho (a) é voluntária e se dará por meio de preenchimento de um questionário, na presença do pesquisador, que ocorrerá no Laboratório de Informática do Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia, com data e horário de acordo com a disponibilidade apresentada pelas coordenações dos cursos. A aplicação do questionário terá uma duração máxima de 15 minutos. Para evitar desconforto, tudo ocorrerá em ritmo controlado.

Sua aceitação em participar desta pesquisa contribuirá para a realização de um estudo importante para a Comunidade Escolar e a sociedade em geral. Isso se comprova pelo fato de possibilitar a sistematização do conhecimento sobre as territorialidades dos jovens estudantes do CEM Santa Rita de Cássia no município de Palmas – TO, que poderá ser acompanhada pela comunidade científica, pois há carência de maior reflexão e discussão sobre o ensino de Geografia.

Os riscos decorrentes da participação do(a) seu(sua) filho(a) na pesquisa são: eventual desconforto emocional e risco de constrangimento ao preencher o questionário. A forma de tratamento das informações coletivas e pessoais, podem causar constrangimento se houver descuido com as informações. Por isso, haverá todos os cuidados necessários, por parte da pesquisadora, para não ocorrer eventual falha. Caso ocorra algum destes fatos a pesquisadora providenciará os recursos necessários para reparar os danos. Em qualquer momento, se o(a) seu/sua filho(a) sofrer algum dano decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que envolvem este tipo de trabalho, realizando pessoalmente todas as fases da pesquisa e cumprindo todas as exigências do Comitê de Ética em Pesquisa da UFT. Todas as etapas serão feitas mantendo o sigilo e a privacidade dos participantes. Caso houver alguma despesa decorrente da participação neste trabalho serão de responsabilidade da pesquisadora, tendo o compromisso de ressarcir ao participante qualquer gasto decorrente da pesquisa. Entretanto, o participante não receberá nenhum tipo de remuneração decorrente de sua participação.

O participante tem plena liberdade de participação, podendo recusar-se a participar e retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem nenhuma penalização ou perda de benefício. Assim, após os esclarecimentos apresentados, tendo consentimento voluntário em participar da pesquisa, o/a Senhor (a) e a pesquisador deverão assinar o presente termo em duas vias, ficando uma com cada.

Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Senhor (a) poderá entrar em contato com a pesquisador no Campus Porto Nacional da UFT, ou pelo telefone 63-98125-2922. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa o (a) Senhor (a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFT. Um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma que você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP da Universidade Federal do Tocantins pelo telefone (63) 3232-8020, pelo e-mail: cep_uft@uft.edu.br, ou Qd. 109 Norte, Avenida NS 15, ALCNO 14, Prédio do Almoxarifado, CEP-UFT 77001-090 – Palmas/TO. Você pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir. Lembramos ainda que o participante terá acesso ao registro de consentimento sempre que solicitado.

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo que meu(minha) filho(a) participe do projeto, sabendo que ele(ela) não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo e que poderá sair quando quiser. Também sei que caso meu(minha) filho(a) precisar efetuar algum gasto para participar da pesquisa, serei ressarcido pelo pesquisador.

Porto Nacional – TO, _____/_____/_____

Participante da Pesquisa

Pesquisador Responsável

APÊNDICE D – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação

Título do Projeto: “Territorialidades dos jovens estudantes do ensino médio do município de Palmas - TO e reflexões sobre a educação geográfica”.

Pesquisador Responsável: Douglas Souza dos Santos.

Instituição a que pertence o pesquisador Responsável: Universidade Federal do Tocantins

Nome do participante: _____

Idade: _____ anos

Estamos convidando você a participar da pesquisa “**Territorialidades dos jovens estudantes do ensino médio do município de Palmas - TO e reflexões sobre a educação geográfica**”, sob responsabilidade da pesquisador Douglas Souza dos Santos, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Trata-se de uma pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado, sob a orientação da Prof. Dra. Carolina Machado Rocha Busch Pereira, da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Porto Nacional.

O objetivo deste estudo é conhecer as territorialidades dos jovens estudantes do Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia no município de Palmas – TO. O presente trabalho se justifica devido às queixas por parte de alguns docentes em relação à falta de interesse dos jovens sobre a aprendizagem; pelo anseio por pesquisar sobre o ensino de Geografia no CEM Santa Rita de Cássia e por tentar compreender a contribuição do ensino de Geografia para os jovens enquanto sujeitos que ocupam os espaços na/da escola, e os ressignifica. O produto final será a sistematização dos resultados da pesquisa sobre os jovens, a escola e o ensino de Geografia, na produção da dissertação de mestrado, a qual será disponibilizada aos participantes e a sociedade em geral.

A sua participação é voluntária e se dará por meio de preenchimento de um questionário, na presença do pesquisador, que ocorrerá no Laboratório de Informática do Centro de Ensino Médio Santa Rita de Cássia, com data e horário de acordo com a disponibilidade apresentada pelas coordenações dos cursos. A aplicação do questionário terá uma duração máxima de 15 minutos. Para evitar desconforto, tudo ocorrerá em ritmo controlado.

Sua aceitação em participar desta pesquisa contribuirá para a realização de um estudo importante para a Comunidade Escolar e a sociedade em geral. Isso se comprova pelo fato de possibilitar a sistematização do conhecimento sobre as territorialidades dos jovens estudantes do CEM Santa Rita de Cássia no município de Palmas – TO, que poderá ser acompanhada pela comunidade científica, pois há carência de maior reflexão e discussão sobre o ensino de Geografia.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são: eventual desconforto emocional e risco de constrangimento ao preencher o questionário. A forma de tratamento das informações coletivas e pessoais, podem causar constrangimento se houver descuido com as informações. Por isso, haverá todo o cuidado necessário, por parte do pesquisador, para não ocorrer eventual falha. Caso ocorra algum destes fatos a pesquisador providenciará os recursos

necessários para reparar os danos. Em qualquer momento, se o(a) senhor(a) sofrer algum dano decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização. Comprometo-me a respeitar os valores éticos que envolvem este tipo de trabalho, realizando pessoalmente todas as fases da pesquisa e cumprindo todas as exigências do Comitê de Ética em Pesquisa da UFT. Todas as etapas serão feitas mantendo o sigilo e a privacidade dos participantes. Caso houver alguma despesa decorrente da participação neste trabalho serão de responsabilidade do pesquisador, tendo o compromisso de ressarcir ao participante qualquer gasto decorrente da pesquisa. Entretanto, o participante não receberá nenhum tipo de remuneração decorrente de sua participação.

Você tem plena liberdade de participação, podendo recusar-se a participar e retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem nenhuma penalização ou perda de benefício. Assim, após os esclarecimentos apresentados, tendo consentimento voluntário em participar da pesquisa, o(a) Senhor(a) e a pesquisador deverão assinar o presente termo em duas vias, ficando uma com cada.

Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Senhor (a) poderá entrar em contato com a pesquisador no Campus Porto Nacional da UFT, ou pelo telefone 63-98125-2922. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa o (a) Senhor (a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFT. Um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma que você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP da Universidade Federal do Tocantins pelo telefone (63) 3232-8020, pelo e-mail: cep_uft@uft.edu.br, ou Qd. 109 Norte, Avenida NS 15, ALCNO 14, Prédio do Almoxarifado, CEP-UFT 77001-090 – Palmas/TO. Você pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir. Lembramos ainda que o participante terá acesso ao registro de consentimento sempre que solicitado.

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo e que poderá sair quando quiser. Também sei que caso precise efetuar algum gasto para participar da pesquisa, serei ressarcido pelo pesquisador.

Porto Nacional – TO, _____/_____/_____

Participante da Pesquisa

Pesquisador Responsável

APÊNDICE E – Modelo do Questionário a ser utilizado.

Questionário Socioeconômico, Cultural e Espacial do Jovem Estudante

Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	Idade:
Série/Ano: <input type="checkbox"/> 1º <input type="checkbox"/> 2º <input type="checkbox"/> 3º	Período: <input type="checkbox"/> matutino <input type="checkbox"/> vespertino
Como você se considera: <input type="checkbox"/> Branco(a) <input type="checkbox"/> Negro(a) <input type="checkbox"/> Pardo(a) mulato(a) <input type="checkbox"/> Amarelo(a) (de origem oriental) <input type="checkbox"/> Indígena	
Qual sua religião? <input type="checkbox"/> Católica <input type="checkbox"/> Evangélica <input type="checkbox"/> Espírita <input type="checkbox"/> Outra Qual? _____	

1. Em qual bairro você mora atualmente? Há quanto tempo? _____

2. Qual o meio de transporte que você utiliza para ir à escola?

- A pé Carro próprio Carro da família Coletivo
 Moto Bicicleta Transporte escolar (ônibus, van, micro-ônibus)

3. Tipo de residência onde você mora:

- Própria Alugada Cedida Financiada Outros

4. Qual é a renda mensal de seu grupo familiar?

- Um salário mínimo Seis a sete salários mínimos
 Dois a três salários mínimos Oito a dez salários mínimos
 Quatro a cinco salários mínimos Acima de dez salários mínimos

5. Qual é a sua participação na vida econômica do seu grupo familiar?

- Não trabalho
 Trabalho para o meu próprio sustento
 Trabalho, mas recebo ajuda financeira da família ou de outras pessoas
 Trabalho, sou responsável pelo meu sustento e contribuo parcialmente para o sustento da família
 Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família

6. Se respondeu que trabalha, responda:

Local: _____ Função: _____

Cargahorária: _____ Renda: _____

Com o que gasta seu salário: _____

7. Você pretende fazer algum curso superior?

- Sim Se sim, qual? _____
 Não Se não, por quê? _____

8. Quantas horas diárias extraclasse você dedica aos estudos?

- Uma hora Duas a quatro horas Mais de quatro horas
 Só nos fins de semana Só em véspera de prova Nenhuma hora

9. O que você MAIS costuma fazer quando não está trabalhando ou estudando? (marque até cinco questões, numerando por ordem de importância)

- Assistir televisão Ouvir rádio Ajudar nas tarefas em casa Namorar
 Ler revistas / jornal Ir a bibliotecas Fazer cursos Praticar outros esportes
 Tocar instrumentos ou cantar Jogar vídeo game Vai a uma lanhou-se Vai ao cinema / teatro
 Vai visitar amigos Vai visitar parentes Frequenta bares ou similares
 Fica em casa navegando na internet Passear com os amigos Ir ao Shopping Center Ir à Igreja Joga fliperama / jogos eletrônicos – fora de casa
 Ler algum livro (que não seja para a universidade) Fica em casa sem fazer nada, ou dormindo
 Fica em casa fazendo outras atividades. Quais?

Fica na rua, praças conversando com amigos e /ou fazendo atividades em espaços públicos. Especificar quais são essas atividades:

Outras atividades fora de casa. Qual(is)?

10. Com que frequência você utiliza e/ou frequenta?

- | | | | |
|--------------------------|--------------------------------|--|---------------------------------|
| Igreja | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Shopping | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Praça | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Encontra os amigos | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Navega na internet | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Joga futebol | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Joga Videogame | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Vê televisão | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Ouve Música | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Shows musicais/concertos | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Festas/Dança | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Parques de diversão | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Cinema | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Circo | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Teatro | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Leituras | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Museus / exposições | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |
| Vê filmes locados | <input type="checkbox"/> nunca | <input type="checkbox"/> eventualmente | <input type="checkbox"/> sempre |

11. O que você gostaria de fazer no seu tempo livre, que você ainda não faz?

12. Com que tipo de grupo social você mais convive? (marque até três opções, numerando por ordem de importância)

- Colegas de trabalho Colegas da escola Familiar
 Religioso Grupos de amigos (fora da escola)
 Outro(s). Especifique: _____

13. Você participa de algum grupo como: torcida organizada, banda de rock, rap, grupos religiosos, movimento estudantil etc.?

- Sim Não

14. Se respondeu sim, qual? (marque até três opções, numerando por ordem de importância)

- Cultural (ir para a questão 15) Movimento estudantil Esportivo / Clube de futebol
 Grupo de igreja / religioso. Qual (is)? _____

() Outro: _____

15. Se respondeu cultural, diga qual é o grupo que você participa?

- () Skatista () Pichadores () Grafiteiro
 () Punks () Cosplay () Teatro
 () Capoeira () Congado
 () Musical (ir para a questão 16)

() Outro(s): _____

16. Se respondeu musical, diga qual é a linguagem desse grupo que você participa?

- () Hip Hop () Dança Afro () Rock () Percussão

() Outra(s): _____

17. Quais os gêneros de música você mais gosta? (marque até três questões, numerando por ordem de importância)

- () Hip Hop () MPB () Rock () Pagode () Samba
 () Axé () Sertaneja () Pop () Eletrônica () Romântica
 () Rap () Funk

() Outra(s): _____

18. Quais redes sociais você mais utiliza? Por quê?

19. Há quanto tempo você estuda nessa escola? _____

20. Quais espaços na escola você mais gosta? (marque até três espaços, numerando por ordem de importância)

- () Pátio () Corredor () Sala de aula () Banheiro
 () Proximidades do Portão () Quadra () Laboratório () Biblioteca
 () Outros. Quais? _____

21. Quais espaços na escola você menos gosta? (marque até três espaços, numerando por ordem de importância)

- () Pátio () Corredor () Sala de aula () Banheiro
 () Proximidades do Portão () Quadra () Laboratório () Biblioteca
 () Outros. Quais? _____

22. Em quais momentos você utiliza tais espaços?

- () Antes de começar as aulas () Durante as aulas () No intervalo entre as aulas
 () Após o término das aulas () Durante o recreio
 () Outros. Quais? _____

23. Que atividades você realiza nesses espaços? Com quem?

24. Sobre o a troca de sala durante as aulas, conhecido como rodízio das aulas. Destaque dois pontos positivos e dois pontos negativos.

25. Você costuma frequentar a escola fora do horário de suas aulas?

() Nunca () Eventualmente () Sempre

26. Se sim, quais lugares? Com quem e para fazer o quê?

27. Você encontra seus colegas de sala e/ou da escola fora do espaço escolar?

() Nunca () Eventualmente () Sempre

28. Onde e para fazer o que?

29 - Com relação à disciplina de Geografia, você pode dizer que:

() Gosta mais de Geografia do que qualquer outra disciplina. () Gosta de Geografia.
() É indiferente (nem gosta nem antipatiza). () Não gosta de Geografia. () Detesta Geografia.

30. Ao lembrar a palavra Geografia quais são as três principais palavras que lhe vem à cabeça?

31. O que é Geografia para você?

32. Onde mais – além da sala de aula com o professor – é possível aprender Geografia?

() Vídeo aulas () Grupos de estudos () Monitoria
() Internet () Outros.

33. O que a Escola significa para você?

34. O que os professores significam para você?

35. O que Juventude significa para você? O que é ser jovem?
